

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS – FALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA**

**ALINE VIEIRA BEZERRA HIGINO DE OLIVEIRA**

**ANÁLISE DE ERROS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO  
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO  
LÍNGUA ESTRANGEIRA POR BRASILEIROS BASEADA NA RELAÇÃO COM AS  
MUDANÇAS HISTÓRICAS DAS LÍNGUAS**

**MACEIÓ**

**2019**

**ALINE VIEIRA BEZERRA HIGINO DE OLIVEIRA**

**ANÁLISE DE ERROS FONÉTICO-FONOLÓGICOS  
DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO  
LÍNGUA ESTRANGEIRA POR BRASILEIROS BASEADA NA RELAÇÃO COM AS  
MUDANÇAS HISTÓRICAS DAS LÍNGUAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Januacele Francisca da Costa.

**MACEIÓ**

**2019**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

O48a Oliveira, Aline Vieira Bezerra Higino de.

Análise de erros fonético-fonológicos do processo de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira por brasileiros baseada na relação com as mudanças históricas das línguas / Aline Vieira Bezerra Higino de Oliveira. – 2020.

156 f. ; il.

Orientadora: Januacele Francisca da Costa.

Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 148-156.

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Língua espanhola. 4. Língua portuguesa. 5. Linguagem e línguas - Estudo e ensino - Análise de erros. 6. Linguística histórica. I. Título.

CDU: 81'34



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



## TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE VIEIRA BEZERRA HIGINO DE OLIVEIRA

Título do trabalho: "ANÁLISE DE ERROS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA POR BRASILEIROS BASEADA NA RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS HISTÓRICAS DAS LÍNGUAS"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em LINGUÍSTICA pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa (PPGLL/Ufal)

Examinadoras:

Profa. Dra. Eronilma Barbosa da Silva (Ufal)

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva (Ufal)

Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGLL/Ufal)

Profa. Dra. Maria Inez Matos Silveira (PPGLL/Ufal)

Maceió, 23 de setembro de 2019.

Dedico este trabalho aos professores.

Lutadores incansáveis...

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus pela companhia incondicional em todos os momentos de minha vida e pela sustentação em momentos difíceis desse caminho.

Agradeço aos meus pais, pelo exemplo de luta e de amor diário.

Agradeço aos meus irmãos Catarina e Messias, pela solidariedade ao meu trabalho.

Agradeço a meu marido Vicente, pelo companheirismo e incentivo aos estudos.

Agradeço aos meus filhos, Rita de Cássia e Vicente Normandi, pela sensibilidade em entender as minhas ausências e pelo carinho singular.

Agradeço aos meus familiares, pelo ânimo e força compartilhados.

Agradeço ao PPGLL, pela oportunidade de realização desta pesquisa, pelo altruísmo da partilha de conhecimento dos professores e pela cordialidade dos funcionários.

Agradeço aos professores da Fale, pelo entendimento do meu afastamento para conclusão dos estudos e pelo encorajamento à pesquisa.

Agradeço aos professores doutores, Eronilma Barbosa da Silva, Fabia Pereira da Silva, Maria Francisca Oliveira Santos, Maria Inez Matoso Silveira, Miguel Oliveira Jr., Jeylla Salomé Barbosa dos Santos pela participação na composição da bancas de qualificação e defesa de tese.

Agradeço aos meus amigos do PPGLL, pela amizade no decorrer dos anos e pela companhia nas batalhas travadas em épocas de resistência.

Agradeço aos meus amigos de sempre, pela companhia e estímulo ao crescimento pessoal e profissional.

Agradeço a minha orientadora, pelo exemplo acadêmico, pela simplicidade ao ensinar, pela sensibilidade humana, pela humildade.

Tudo nesse mundo tem o seu tempo;  
cada coisa tem a sua ocasião.  
Há tempo de nascer e tempo de morrer,  
tempo de plantar e tempo de arrancar;  
tempo de derrubar e tempo de construir.  
Há tempo de ficar triste e tempo de se alegrar;  
tempo de chorar e tempo de dançar;  
tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las;  
tempo de abraçar e tempo de afastar.  
Há tempo de procurar e tempo de perder;  
tempo de economizar e tempo de desperdiçar;  
tempo de rasgar e tempo de remendar;  
tempo de ficar calado e tempo de falar.  
Há tempo de amar e tempo de odiar;  
tempo de guerra e tempo de paz.

(Eclesiastes 3. 1-8)

## RESUMO

A busca pelo aprofundamento do conhecimento teórico e histórico do sistema fonético-fonológico do espanhol e do português visa contribuir com a identificação, descrição e explicação dos erros de alunos brasileiros estudantes de espanhol/LE, para proporcionar contribuições futuras através de propostas de intervenção. Esta pesquisa descreve e analisa os erros fonético-fonológicos de alunos brasileiros de espanhol/LE já definidos através de estudo contrastivo entre o português e o espanhol a fim de verificar o entrelaçamento dos fenômenos linguísticos de um ponto de vista histórico com as dificuldades apresentadas por estudantes brasileiros na aprendizagem do Espanhol/LE. Conduzimos esta pesquisa através da investigação bibliográfica, levando em consideração a linguística contrastiva, mais especificamente a análise contrastiva (AC), a análise de erros (AE), interlíngua (IL), bem como, a bibliografia concernente à descrição fonético-fonológica da língua espanhola, Llorach (1991), Quillis (1993), Tomas (2007), Masip (2001) e RAE (2011) e da língua portuguesa, Mattoso (1977), Cunha e Cintra (1985), Silva (2005) e Oliveira (2009). Como referenciais históricos e gramaticais, tivemos por base Faria (1957), Coutinho (1974), Teyssier (2007), Gonçalves & Belchor (2017), Câmara (1976) e (2014 [1970]). A análise dos dados históricos do latim até a atualidade das línguas espanhola e portuguesa apontam para a existência de uma relação entre os erros produzidos por estudantes brasileiros de espanhol/LE com fenômenos descritos desde o latim, que levaram ao nascimento das línguas românicas e continuam atuando no momento atual das línguas.

Palavras-chave: Fonético-fonológico. Erros. Espanhol. Português. História das línguas.



## RESUMEM

La búsqueda de profundizar el conocimiento teórico e histórico del sistema fonético-fonológico del español y del portugués tiene como objetivo contribuir a la identificación, descripción y explicación de los errores de los estudiantes brasileños de español/LE, para proporcionar contribuciones futuras a través de propuestas de intervención. Esta investigación describe y analiza los errores fonéticos-fonológicos de estudiantes brasileños de español/LE ya definidos a través de un estudio contrastivo entre portugués y español con el fin de verificar el entrelazamiento de los fenómenos lingüísticos desde un punto de vista histórico con las dificultades presentadas por los estudiantes brasileños en el aprendizaje del español/LE. Realizamos esta investigación mediante la investigación bibliográfica, teniendo en cuenta la lingüística contrastiva, más específicamente el análisis contrastivo (AC), el análisis de errores (AE), la interlengua (IL), así como la bibliografía sobre la descripción fonética-fonológica de la lengua española, Llorach (1991), Quillis (1993), Tomas (2007), Masip (2001) y RAE (2011) y de la lengua portuguesa, Mattoso (1977), Cunha y Cintra (1985), Silva (2005) y Oliveira (2009). Como referencias históricas y gramaticales, utilizamos Faria (1957), Coutinho (1974), Teyssier (2007), Gonçalves & Belchor (2017), Câmara (1976) y (2014 [1970]). El análisis de los datos históricos desde el latín hasta la actualidad de los idiomas español y portugués apunta a la existencia de una relación entre los errores producidos por los estudiantes brasileños de español/LE con fenómenos descritos desde el latín, que llevaron al nacimiento de las lenguas romances y continúan actuando en el momento presente de los idiomas.

Palabras clave: Fonético-fonológico. Errores. Español. Portugués. Historia de los idiomas

## ABSTRACT

The search to deepen theoretical and historical knowledge of the Spanish and Portuguese phonetic phonological systems aims to contribute to the identification, description and explanation of errors committed by Brazilian students of Spanish as a foreign language, in order to provide future contributions through interventional proposals. This research describes and analyses the phonetic phonological errors of Brazilian students of Spanish as a foreign language which have already been defined through contrastive study between Portuguese and Spanish in order to verify the intertwining of linguistic phenomena from a historical point of view with the difficulties presented by Brazilians learning Spanish. This research was carried out through literature investigation, based on contrastive linguistics, more specifically contrastive analysis, error analysis, interlanguage, as well as the bibliography concerning the phonetic-phonological description of the Spanish language: Llorach (1991), Quillis (1993), Tomas (2007), Masip (2001) and RAE (2011) and the Portuguese language: Mattoso (1977), Cunha and Cintra (1985), Silva (2005) and Oliveira (2009). Historical and grammatical references: Faria (1957), Coutinho (1974), Teyssier (2007), Gonçalves & Belchor (2017), Câmara (1976) and (2014 [1970]). Analysis of Latin historical data up to the Spanish and Portuguese languages currently spoken, points to the existence of a relationship between the errors produced by Brazilian students of Spanish as a foreign language and phenomena described in the Latin language, which led to the birth of the Romance languages and continue to influence languages spoken today.

Key words: Phonetic phonological. Errors. Spanish. Portuguese. Language History.

## LISTA DE QUADROS

Quadro	1. Períodos históricos do latim às línguas românicas.....	<b>41</b>
Quadro	2. Inventário de vogais do Latim clássico.....	<b>44</b>
Quadro	3. Inventário de consoantes do Latim clássico.....	<b>45</b>
Quadro	4. Mudanças vocálicas Latim clássico para o Latim vulgar.....	<b>48</b>
Quadro	5. Inventário de consoantes do Latim vulgar.....	<b>50</b>
Quadro	6. Inventário de consoantes do galego-português.....	<b>61</b>
Quadro	7. Mudanças vocálicas em posição tônica.....	<b>66</b>
Quadro	8. Mudanças vocálicas em posição átona não final.....	<b>67</b>
Quadro	9. Mudanças vocálicas em posição átona final.....	<b>67</b>
Quadro	10. Inventário de consoantes do Latim vulgar ao castelhano.....	<b>68</b>
Quadro	11. Palatalização do /t/ seguido da vogal /i/e.....	<b>89</b>
Quadro	12. Processos fonético-fonológicos da palatalização do /t/ seguido da vogal /i/e.....	<b>92</b>
Quadro	13. Realização do /b/ como [v] em palavras escritas com <v>.....	<b>93</b>
Quadro	14. Processos fonético-fonológicos da realização do /b/ como [v] em palavras escritas com <v>.....	<b>96</b>
Quadro	15. Produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas.....	<b>97</b>
Quadro	16. Processos fonético-fonológicos da produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas.....	<b>99</b>
Quadro	17. Inserção da vogal /i/ depois de oclusiva, fricativa ou nasais em posição final de sílaba.....	<b>100</b>
Quadro	18. Processos fonético-fonológicos da inserção da vogal /i/ depois de oclusiva, fricativa ou nasais em posição final de sílaba.....	<b>102</b>
Quadro	19. Realização do /s/ como /z/ ou /ʃ/ em posição inicial e final de sílaba ou posição final de palavra.....	<b>103</b>
Quadro	20. Processos fonético-fonológicos da realização do /s/ como /z/ ou /ʃ/ em posição inicial e final de sílaba ou posição final de palavra.....	<b>108</b>
Quadro	21. Realização do /x/ como [r].....	<b>109</b>
Quadro	22. Processos fonético-fonológicos da realização do /x/ como [r]	<b>110</b>
Quadro	23. Realização de /d/ como /dʒ/ em palavras acompanhadas da	

	vogal /i/.....	<b>111</b>
Quadro	24. Processos fonético-fonológicos da realização de /d/ como /dʒ/ em palavras acompanhadas da vogal /i/.....	<b>113</b>
Quadro	25. Realização do /tʃ/ como /ʃ/.....	<b>113</b>
Quadro	26. Processos fonético-fonológicos da realização do /tʃ/ como /ʃ/...	<b>116</b>
Quadro	27. Vocalização do /ɲ/ ou alongamento da vogal anterior.....	<b>117</b>
Quadro	28. Processos fonético-fonológicos da Vocalização do /ɲ/ ou alongamento da vogal anterior.....	<b>118</b>
Quadro	29. Vocalização do /l/ em posição final de sílaba ou palavra.....	<b>119</b>
Quadro	30. Processos fonético-fonológicos da vocalização do /l/ em posição final de sílaba ou palavra.....	<b>121</b>
Quadro	31. A realização da vibrante múltipla /r/ como tepe [r].....	<b>121</b>
Quadro	32. Processos fonético-fonológicos da Vocalização do /l/ em posição final de sílaba ou palavra.....	<b>123</b>
Quadro	33. Abertura das vogais médias.....	<b>125</b>
Quadro	34. Processos fonético-fonológicos da abertura das vogais médias.....	<b>128</b>
Quadro	35. Abertura das vogais médias.....	<b>128</b>
Quadro	36. Processos fonético-fonológicos da Abertura das vogais médias.....	<b>130</b>
Quadro	37. Neutralização das vogais átonas em posição final.....	<b>131</b>
Quadro	38. Processos fonético-fonológicos da Neutralização das vogais átonas em posição final.....	<b>133</b>
Quadro	39. Nasalização das vogais.....	<b>134</b>
Quadro	40. Processos fonético-fonológicos da Nasalização das vogais.....	<b>137</b>
Quadro	41. Alongamento vocálico.....	<b>137</b>
Quadro	42. Processos fonético-fonológicos da Alongamento vocálico.....	<b>139</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise contrastiva
AE	Análise de erros
ELE	Ensino de língua estrangeira
IL	Interlíngua
LE	Língua estrangeira
LEs	Línguas estrangeiras
LM	Língua materna
LC	Latim clássico
LV	Latim vulgar
CAS	Castelhano
PB	Português brasileiro
VN	Vogal nasal

## LISTA DE SÍMBOLOS

/ǎ/	-	a
/ě/	-	e
/ĩ/	-	i
/ǒ/	-	o
/ů/	-	u
/ā/	-	a:
/ē/	-	e:
/ī/	-	i:
/ō/	-	o:
/ū/	-	u:
/ɔ/	-	ɔ
/ɛ/	-	ε
/dz/	-	dz
/dž/	-	dʒ
/ž/	-	ʒ
/ts/	-	ts
/tš/	-	tʃ
/š/	-	ʃ
/č/	-	tʃ
/š/	-	ts
/ž/	-	tz

# O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (revisado até 2019)

CONSOANTES (PULMÔNICAS)

© 2019 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Plosiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante				r					ʀ		
Tap ou flap		ɸ		ɾ		ɽ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aproximante lateral				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Os símbolos à direita de uma célula são vozeados, à esquerda são não vozeados. Áreas sombreadas denotam articulações julgadas como impossíveis.

CONSOANTES (NÃO PULMÔNICAS)

Cliques	Implosivas vozeadas	Ejetivas
◌̠ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ Exemplos:
Dental	ɗ Alveolodental	pʼ Bilabial
! (Pós-)alveolar	ɟ Palatal	tʼ Alveolodental
≠ Palatoalveolar	ɡ Velar	kʼ Velar
Lateral alveolar	ɠ Uvular	sʼ Fricativa alveolar

OUTROS SÍMBOLOS

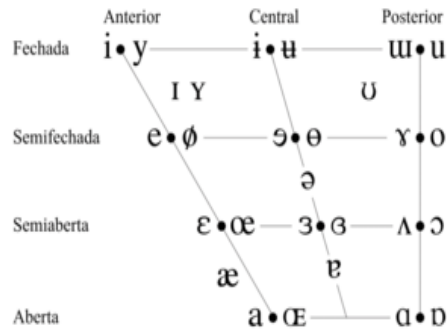
ʌ Fricativa labiovelar não vozeada	ʑ Fricativas alveolopalatais
ʋ Aproximante labiovelar vozeada	ɺ Flap alveololateral vozeado
ɥ Aproximante labiopalatal vozeada	ɥ Simultâneo ʃ e x
ʜ Fricativa epiglotal não vozeada	Africadas e articulações duplas podem ser representadas por dois símbolos unidos por uma ligatura se necessário.
ʕ Fricativa epiglotal vozeada	
ʡ Plosiva epiglotal	

DIACRÍTICOS

◌̚ Não vozeado	◌̚ ◌̚	◌̚ Soproso vozeado	◌̚ ◌̚	◌̚ Dental	◌̚ ◌̚
◌̚ Vozeado	◌̚ ◌̚	◌̚ Laringalizado vozeado	◌̚ ◌̚	◌̚ Apical	◌̚ ◌̚
◌̚ Aspirado	◌̚ ◌̚	◌̚ Linguolabial	◌̚ ◌̚	◌̚ Laminar	◌̚ ◌̚
◌̚ Mais arredondada	◌̚	◌̚ Labializado	◌̚ ◌̚	◌̚ Nasalizado	◌̚
◌̚ Menos arredondada	◌̚	◌̚ Palatalizado	◌̚ ◌̚	◌̚ Soltura nasal	◌̚
◌̚ Avançado	◌̚	◌̚ Velarizado	◌̚ ◌̚	◌̚ Soltura lateral	◌̚
◌̚ Retraído	◌̚	◌̚ Faringalizado	◌̚ ◌̚	◌̚ Soltura não audível	◌̚
◌̚ Centralizado	◌̚	◌̚ Velarizado ou faringalizado	◌̚		
◌̚ Centralizado ao meio	◌̚	◌̚ Alçado	◌̚ (ɹ = fricativa alveolar vozeada)		
◌̚ Silábico	◌̚	◌̚ Abaixado	◌̚ (β = aproximante bilabial vozeada)		
◌̚ Assilábico	◌̚	◌̚ Raiz da língua avançada	◌̚		
◌̚ Roticizado	◌̚ ◌̚	◌̚ Raiz da língua retraída	◌̚		

Alguns diacríticos podem ser colocados acima de um símbolo com uma descendente, e.g. ɲ̥̄

VOGAIS



Onde os símbolos aparecem aos pares, o da direita representa uma vogal arredondada.

SUPRASEGMENTAIS

ˈ Acento primário	ˈfounəˈtɪʃən
ˌ Acento secundário	
ː Longo	eː
ˑ Meio longo	eˑ
˘ Muito curto	e˘
Agrupamento menor (pé)	
Agrupamento maior (entoacional)	
· Quebra silábica	·i.ækt
◌ Ligatura (ausência de quebra)	

TOM E ACENTOS DE PALAVRA

NÍVEL	CONTORNO
ẽ̃ ou ɿ Muito alto	ẽ̃ ou ɿ Ascendente
é Alto	é Descendente
ē Medial	ē Descendente elevado
è Baixo	è Descendente abaixado
ẽ̃ Muito baixo	ẽ̃ Ascendente-descendente
↓ Nível abaixo	↗ Subida global
↑ Nível acima	↘ Descida global

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO I: A DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO ERRO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.....</b>	<b>25</b>
<b>1.1 Conceito de Erro.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2 Descrição dos Três Modelos Teóricos: AC, AE e IL.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II: DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS MODERNAS: O PERCURSO HISTÓRICO DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS .....</b>	<b>37</b>
<b>2.1 Descrição Histórica .....</b>	<b>37</b>
2.1.1 Descrição histórica do Latim Clássico.....	39
<b>2.2 Transformações Linguísticas do Latim ao Português .....</b>	<b>43</b>
2.2.1 Descrição do inventário fonológico do Latim Clássico .....	43
2.2.2 Transformações linguísticas das vogais do latim clássico para o latim vulgar .....	47
2.2.3 Transformações linguísticas das consoantes do latim clássico para o latim vulgar .....	50
2.2.4 Transformações linguísticas das consoantes do Proto-romance .....	57
2.2.5 Transformações linguísticas das consoantes e vogais no Galego-português .....	61
2.2.6 Transformações linguísticas das consoantes e vogais no português europeu .....	62
2.2.7 Transformações linguísticas das consoantes e vogais no português do Brasil .....	65
<b>2.3 Transformações Linguísticas do Latim ao Espanhol.....</b>	<b>66</b>
2.3.1 Transformações linguísticas do sistema vocálico espanhol .....	66
2.3.2 Transformações linguísticas do sistema consonântico .....	67
2.3.3 Transformações linguísticas na evolução do castelhano medieval .....	72
2.3.4 Transformações linguísticas do espanhol clássico .....	74
2.3.5 Transformações linguísticas do espanhol moderno .....	75
<b>CAPÍTULO III: OS INVENTÁRIOS DE FONEMAS DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS NA ATUALIDADE. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS .....</b>	<b>76</b>
<b>3.1 Quadros Contrastivos de Inventários de Consoantes e Vogais .....</b>	<b>76</b>
3.1.1 Fonemas .....	77



3.1.1.1 Oclusivos.....	77
3.1.1.2 Africados .....	78
3.1.1.3 Fricativos.....	79
3.1.1.4 Nasais .....	80
3.1.1.5 Líquidos.....	81
3.1.1.6 Vibrantes.....	81
<b>CAPÍTULO IV: ERROS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE ESPANHOL POR BRASILEIROS. RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS HISTÓRICAS DAS LÍNGUAS.....</b>	<b>85</b>
<b>4.1 Interferências consonantais e vocálicas: os erros demonstrados .....</b>	<b>86</b>
4.1.1 Interferências consonantais .....	89
4.1.1.1 Consoantes oclusivas em posição de onset silábico .....	89
4.1.1.2 Oclusivas, fricativas ou nasais em posição de coda silábica .....	100
4.1.1.3 Fricativas .....	103
4.1.1.4 Africadas.....	110
4.1.1.5 Nasais.....	116
4.1.1.6 Laterais.....	119
4.1.1.7 Vibrantes.....	121
4.1.2 Interferências vocálicas.....	124
4.1.2.1 Vogais médias .....	125
4.1.2.2 Harmonia vocálica .....	128
4.1.2.3 Neutralização das vogais átonas em posição final .....	131
4.1.2.4 Nasalização das vogais .....	133
4.2.1.5 Alongamento vocálico.....	137
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

O conhecimento intrínseco das particularidades de um sistema linguístico empregado por uma determinada comunidade para a comunicação e a interação entre seus membros pressupõe a assimilação ou compreensão das relações internas dos arcaouços sonoro e semântico envolvidos. Por isso, reconhecer a necessidade de alargar o aprendizado sobre as vicissitudes das línguas faz parte de um ofício social a fim de gerar o entendimento necessário das movimentações e transformações que as civilizações trazem do progresso humano. O valor de cada elemento que compõe uma língua é essencial para todo o desenvolvimento de uma cadeia composta por conexões e redes que podem ou não ser flexibilizadas no decorrer da história.

Para vislumbrarmos pesquisar as sinuosidades que permeiam o ensino de línguas, torna-se imperativo o estudo aprofundado dos componentes inter-relacionáveis do sistema linguístico, sobretudo porque se agrega valor às explicações coerentes e às conclusões pertinentes oriundas do aparato científico que explica os fatos gerados pelas relações dos indivíduos em um grupo de fala. Portanto, é relevante desenvolver pesquisas que se disponham a esclarecer as faces da composição de um idioma, considerando todos os aspectos da sua evolução desde as suas origens até a contemporaneidade dos acontecimentos.

Para o tratamento dos meandros das línguas, devemos considerar o percurso histórico do tracejado linguístico, levando em conta fatores que condicionaram as mudanças nos campos fonético, fonológico, morfossintático, semântico e lexical, os quais estão naturalmente imbricados por elos formadores na construção dos códigos e normas dos elementos conversacionais de uma sociedade.

A existência de investigações científicas que tragam tais questionamentos possui a capacidade de resolução de problemas das redes de associações que se constroem a partir de correlações e oposições entre os elementos linguísticos. Essas dificuldades estruturais de comunidades de fala específicas são geradas pela ausência de respostas aceitáveis para o seu prosseguimento. Dentre tantos paradigmas na educação, encontra-se o ensino e aprendizagem de língua espanhola para brasileiros, falantes do português. O encontro entre duas línguas

irmãs favorece o diálogo e nos estimula a priorizar pontos que estabeleçam as vinculações e desvinculações entre os idiomas, sugerindo estudos históricos sobre o funcionamento das línguas geneticamente relacionadas.

O ensino de língua espanhola no Brasil trouxe inúmeras perspectivas para a formação de professores através do estudo da estrutura do idioma, compreendendo sua peculiaridade e sua realidade socioeconômica e cultural, segundo Cachero-Laseca (2008), Sedycias (2005), Fanjúl e González (2014). Esse processo de inclusão e implementação do ensino-aprendizagem de uma língua próxima nos apresentou uma gama de possibilidades, mas também nos ocasionou um conjunto de aspectos intrigantes que fariam desse ensino um amplo espaço para a discussão das semelhanças e diferenças desses sistemas linguísticos.

Sabemos que a irmandade gerada pelas origens das línguas autorizou elucubrações acerca da proximidade conjuntural entre ambas (KULIKOWSKI; GONZÁLEZ, 1999), criando um espaço propício para o escrutínio de possíveis asseverações, dentre elas, o esclarecimento de pontos cegos que causam entraves e dificuldades fonético-fonológicas na aprendizagem da oralidade de estudantes brasileiros.

A geração de pontos cegos, áreas que escapam da percepção do aprendiz, ocorrem dada a interferência da língua materna (LM) na aprendizagem da língua estrangeira (LE) que causam incompreensões e produções orais e escritas visivelmente abrolhadas da intromissão da língua materna no espaço da língua estrangeira, ou seja, a interferência ocorre quando o aprendiz interpreta os sons escutados como parte integrante da cadeia fonológica de sua língua materna, utilizando-se deles para realizar as suas inserções no campo da língua estrangeira. Essas tentativas não se resumem à pronúncia em nível segmental, mas acontecem também em outros âmbitos suprasegmentais, como na entonação, acento e ritmo, dentre outros aspectos correspondentes à língua pretendida.

Para o entendimento dessas interferências no ensino-aprendizagem de língua espanhola por brasileiros, observamos que a produção repetitiva de articulações inadequadas na pronúncia de alunos pode, supostamente, ser fruto da convivência constante entre as facilidades de aprender uma língua próxima e a negligência de correções construtivas de professores que salientem a importância da compreensão da fonética e da fonologia no aprendizado do espanhol. Percebemos que os traços fonéticos da LM incutidos nas falas dos alunos ocasionavam erros, muitas vezes

subestimados por discentes e docentes, os quais traziam algumas indagações sobre as causas de incorreções tão frequentes e sintomaticamente já fossilizadas em diversos estágios de aprendizagem.

No ensino de língua espanhola/LE, comumente, atribui-se aos erros dos alunos em fonética e fonologia à incapacidade cognitiva do aprendiz, à formação inadequada do professor, à insuficiência da presença de estudos fonético-fonológicos em formações e em livros didáticos e à proximidade linguística com a língua portuguesa. Muitos pesquisadores, em função da recorrência de desvios linguísticos, esmeram-se em detectar erros, predizê-los e quantificá-los na intenção de alinhar as possibilidades de intervenção no ensino-aprendizagem a fim de minimizar as dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes.

Não obstante essa prerrogativa da ciência de tentar identificar os possíveis erros, muitas vezes antevendo-os, podemos observar o distanciamento das investigações em sala de aula do que causa o erro e o porquê da ocorrência recorrente e persistente de erros primários e fossilizados de alunos em estágio avançado da aprendizagem do espanhol. O que se busca, no entanto, é conhecer e descrever as causas das inadequações linguísticas para poder intervir de forma esclarecida e pautada em embasamentos que descrevam os fenômenos geradores dos erros para realmente fomentar na prática pedagógica novas estratégias que vislumbrem suas reais motivações.

A reflexão originária desse estudo advém de variadas leituras sobre o ensino de espanhol na composição da dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2009) e na prática pedagógica que não respondia satisfatoriamente às causas fundantes dos erros recorrentes dos alunos, deixando assim resvalar sua autoria nos condutores dos processos educativos, nos autores dos livros didáticos, nos alunos e nas semelhanças linguísticas entre o português e o espanhol. É necessário identificar, descrever e explicar teoricamente essas marcas enraizadas no ensino de espanhol a fim de aprofundar os estudos fonológicos que se constituem um entrave linguístico no ensino de espanhol para brasileiros, tão prosaicamente chamado de 'portunhol'. A reflexão científica nessas áreas, fonética e fonologia, não se limita a uma produção intelectual distanciada da realidade educativa, pois tem por finalidade esclarecer e participar ativamente dos processos metodológicos que respondem satisfatoriamente aos docentes e alunos, trazendo para o entorno escolar caminhos

a serem trilhados com o objetivo de modificar a visão simplista que vigora no Ensino-aprendizagem de Língua Espanhola/LE.

Ao problematizar sobre o ensino de uma língua estrangeira, especificamente o espanhol, procuramos refletir sobre o panorama histórico do latim e das línguas românicas – português e espanhol – com o objetivo de poder encontrar rastros da simetria e assimetria nos caminhos percorridos pelas línguas no processo histórico e, assim, estabelecer uma conexão desses fatos linguísticos com a produção dos erros na LE. Desse modo, questiona-se quais são as causas dos erros fonético-fonológico do espanhol que ocorrem na aprendizagem de espanhol/LE que ocasionam dificuldades no ensino-aprendizagem do espanhol/LE para alunos brasileiros.

Para isso, temos como hipótese que o aprofundamento do conhecimento teórico e histórico do sistema fonético-fonológico do espanhol e do português pode contribuir para a identificação, descrição e explicação dos erros de alunos brasileiros, visando a contribuições futuras através de propostas de intervenção no ensino-aprendizagem do espanhol/LE.

Esta pesquisa teve como objetivo central descrever e analisar historicamente os erros fonético-fonológicos de alunos brasileiros de espanhol/LE através de estudo contrastivo entre o português e o espanhol a fim de verificar a relação histórica dos fenômenos linguísticos com as causas das dificuldades apresentadas por estudantes brasileiros na aprendizagem do Espanhol/LE. São objetivos específicos, i) refletir sobre o erro nas teorias da Análise contrastiva, Análise de erros e Interlíngua; ii) descrever, do latim até a atualidade, as transformações fonético-fonológicas dos sistemas linguísticos da língua espanhola e da língua portuguesa; iii) identificar, descrever e contrastar os erros fonético-fonológicos dos alunos de espanhol com base no panorama histórico das línguas.

Para conduzirmos esta pesquisa, foi feita uma investigação bibliográfica levando em consideração a linguística contrastiva, mais especificamente a análise contrastiva (versão forte), a análise de erros (versão fraca), interlíngua, bem como, a bibliografia concernente à descrição da língua espanhola e da língua portuguesa. Toda essa investigação aprofundada versa sobre os aspectos fonológicos das línguas estudadas a fim de identificar os erros encontrados nas falas dos alunos brasileiros, estudantes de espanhol. Posteriormente, foi feita uma análise dos erros

atuais frente aos fenômenos linguísticos desde a época do latim até a contemporaneidade.

Os estudos que buscam demonstrar as dificuldades de aprendizes de Espanhol/LE que têm como língua materna o Português, sobretudo o Português Brasileiro, têm feito isso através de estudos de Análise Contrastiva (AC), de Análise de Erros (AE) e Interlíngua (IL). Todos esses estudos focalizam os sistemas linguísticos. A análise contrastiva objetiva identificar os erros causados pela interferência da língua materna na língua estrangeira, através do contraste entre os idiomas estudados, com a finalidade de prever os possíveis erros e as dificuldades que os alunos enfrentarão na aprendizagem da LE. A Análise de erros, nascida da AC, pressupõe os estudos da língua estrangeira por meio de coleta de dados para um *corpus* que identifique os erros, suas ocorrências, a fim de efetuar suas classificações, descrição e explicação causal e assim criar estratégias de superação dos erros estudados. A interlíngua conhecida por competência transitória, por ter na aprendizagem da LE a interferência da LM, admite que existe uma 'estrutura psicológica latente' nos humanos, que não afiança a aprendizagem da língua alvo, independentemente de ser geneticamente determinada.

Neste trabalho, adotamos uma abordagem diferente, talvez mesmo uma abordagem nova. Consideramos os achados desses estudos, mas examinamos as relações entre as duas línguas, tanto sincrônica como historicamente, com o objetivo de verificar o entrelaçamento dos fenômenos linguísticos como causas das dificuldades apresentadas por estudantes brasileiros na aprendizagem do Espanhol/LE.

Não nos detivemos sobre a tarefa de registrar e identificar erros em nossos alunos, pois, como dissemos, existem muitos estudos sobre o tema e que parecem dar conta dos tipos de erros possíveis, além de haver também um consenso entre os estudiosos sobre que tipo de erro pode ocorrer.

Para o prosseguimento desta pesquisa e esclarecimento de termos, adotaremos os termos língua materna (LM), representando a primeira língua aprendida pelo falante e língua estrangeira (LE), representando as línguas de outras nacionalidades, da qual não se é falante nativo. Outros termos utilizados são aprendizagem e aquisição, distintos na concepção, enquanto aprendizagem refere-se ao conhecimento desenvolvido por meio de explicitação e clareza das regras de uma língua, ao passo que aquisição é um processo espontâneo, no qual se aprende

sem a explicação das regras da língua que se pretende, normalmente corresponde ao ato de aprender a LM. Para finalizar, é necessário esclarecer a utilização do termo de ensino-aprendizagem, concebe-se assim, compreendendo que o processo de ensino é indissociável do processo de aprendizagem, existindo nessa relação um elo de correspondência.

Para apresentar como conduzimos o estudo sobre os erros fonético-fonológicos no ensino-aprendizagem de espanhol/LE produzidos por alunos brasileiros sob o viés histórico, perfilamos uma pesquisa que consiga abarcar as concepções de estudos e os objetivos pretendidos para o alcance dos dados. Nessa parte, descrevemos o tipo de pesquisa definido frente a outras possibilidades e quais procedimentos deram andamento à elaboração do roteiro de investigação dos dados.

Para estudarmos um assunto de cunho histórico-interpretativo, percebemos que o tipo de pesquisa mais adequada para esse alcance seria a pesquisa qualitativa de natureza descritiva e explicativa, podendo ser definida como um tipo de investigação voltada para os aspectos qualitativos de uma determinada questão, que pondera sobre a parte subjetiva do problema. Isso quer dizer que ela é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente, sendo um método de investigação científica que focaliza no caráter subjetivo do objeto analisado, tendo como propósito conseguir aprofundar e compreender o comportamento de determinado grupo-alvo.

Utilizada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa, tem dilatado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. Os pesquisadores que seguem uma abordagem qualitativa se contrapõem ao pressuposto que acoberta um modelo único de pesquisa para todas as ciências, pois cada ciência tem suas particularidades, o que pressupõe uma metodologia própria, diferentemente da pesquisa quantitativa, que, centrada na objetividade e sob a influência do positivismo, considera que a compreensão da realidade se dá a partir da análise de dados brutos, através de instrumentos padronizados e imparciais. Dessa forma, os pesquisadores qualitativos rejeitam o modelo positivista aplicados aos estudos sociais, já que o pesquisador não se apoia tão somente em dados numéricos para aferir resultados, discordando da visão positiva que julga que preconceitos e crenças contaminam a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Os métodos qualitativos procuram explicar o porquê dos fenômenos, manifestando o que devemos fazer sem quantificar por valores, medidas e atestados de fatos para submissão de provas, pois os dados analisados são verificados por distintas abordagens. A pesquisa qualitativa ocupa-se, desse modo, com aspectos da realidade, tendo por finalidade a apreensão e a explicação da dinâmica das relações sociais, dos processos e dos fenômenos que não podem ser diminuídos à operacionalização de variáveis.

Para tratarmos da hipótese em questão, faremos uma pesquisa descritiva e explicativa, onde os dados são os já apresentados em outros estudos. A pesquisa descritiva demanda do investigador uma série de elementos sobre o que se deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Já a pesquisa explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, ou seja, esse tipo de pesquisa explica o porquê das coisas por meio dos resultados oferecidos, pois num estudo dessa natureza o pesquisador procura explicar causas e consequências da ocorrência do fenômeno. Uma pesquisa explicativa pode ser o prolongamento de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que causam um fenômeno ordena que este esteja satisfatoriamente descrito e delineado.

Diante dessa exposição, observamos o objeto de estudo dessa pesquisa, que são os erros fonético-fonológicos produzidos por estudantes brasileiros no ensino-aprendizagem de espanhol, tendo por base teórica a linguística contrastiva, mais especificamente a análise contrastiva (versão forte), a análise de erros (versão fraca) e a interlíngua, linhas de investigação que têm identificação com os estudos qualitativos, pois trazem explicações e interpretação dos dados encontrados dos objetos estudados sob a ótica da subjetividade. Os estudos também foram apoiados pela revisão bibliográfica dos estudos fonético-fonológicos de base histórica que trazem descrições e explicações sobre os fenômenos linguísticos das línguas, espanhola e portuguesa, desde sua língua-mãe, o latim, até a atualidade, a fim de melhor entender as causas das inadequações das pronúncias dos aprendizes numa perspectiva cronológica.

Após revisão da trajetória histórica dos fenômenos linguísticos das duas línguas desde a língua latina, foi feita uma análise dos dados históricos frente aos erros encontrados na atualidade no ensino-aprendizagem de espanhol por brasileiros. Pontuou-se inicialmente as descrições contrastivas das línguas



existentes, identificando os erros mais recorrentes e registrados para buscar explicações sobre as causas que levaram os alunos de espanhol a sofrer interferências negativas na produção oral. Esse comparativo entre o que a língua teve como fenômeno de mudança na história trouxe esclarecimentos sobre os fenômenos hoje vivenciados em sala de aula por professores e alunos de espanhol.

Dividimos a escrita da pesquisa em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos os posicionamentos sobre os erros no ensino de língua estrangeira, através dos três modelos teóricos de pesquisa, Análise contrastiva (AC), Análise de erros (AE), Interlínguas (IL). Nesse capítulo, começamos as discussões sobre o conceito de erro e suas decorrências para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira em relação aos níveis fonético e fonológico.

No segundo capítulo, expomos um histórico de modificações linguísticas acontecidas desde os antecedentes do Latim, Latim clássico, Latim vulgar, Galego-Português e sua separação dando origem à Língua Espanhola e à Língua Portuguesa. A exposição aborda as transformações fonético-fonológicas ocorridas nesses períodos, evidenciando as semelhanças e diferenças entre as línguas irmãs, fazendo ao mesmo tempo um contraponto com a ortografia.

No terceiro capítulo, apresentamos os inventários de fonemas das duas línguas na atualidade, buscando observar as semelhanças e diferenças entre eles. Os quadros apresentados, bem como as descrições feitas, arrazoam os pontos de contato e as divergências entre os sistemas, ordenados a partir de estudos relacionados à descrição dos sistemas consonantais e vocálicos da atualidade.

No quarto capítulo, retomamos a discussão de erros no ensino-aprendizagem de espanhol LE por brasileiros apontando a relação entre esses erros e o desenvolvimento histórico das duas línguas no que concerne às suas divergências a fim de demonstrar uma possível convergência entre os fenômenos linguísticos históricos e os erros encontrados no ensino de espanhol/LE na atualidade.

## **1 A DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DO ERRO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Neste capítulo exporemos as discussões sobre os erros no ensino de língua estrangeira, por meio dos três modelos teóricos de pesquisa, Análise contrastiva (AC), Análise de erros (AE), Interlínguas (IL). Para isso, iniciaremos o debate sobre o conceito de erro e suas implicações para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira em relação aos níveis fonético e fonológico.

### **1.1 Conceito de Erro**

Os erros em língua estrangeira fazem parte do ensino-aprendizagem, os quais estão tão presentes, que podemos afirmar sua previsibilidade, não somente no início do processo, mas durante toda a jornada do aluno de convivência com a língua-alvo. Desde a aprendizagem da língua materna, os erros, desvios ou inadequações linguísticas estão circunscritas no mapa de aprendizagem de cada indivíduo, no qual somos encaminhados para as tentativas de inserção no mundo da linguagem, sendo corrigidos à medida do passar dos anos. Igualmente, na aprendizagem da LE, não poderia ser de modo distinto, pois ela sofre dos mesmos percalços. Cortés (2002, p. 39) exemplifica dizendo que o método básico de aquisição da LM é a imitação de seus interlocutores, utilizando a repetição seletiva de aspectos próprios de sua etapa de desenvolvimento linguístico, falando com outros membros da comunidade de fala, para fins de correção e esclarecimentos. Cortés (2002, p.39) também aclara que esse tipo de retroalimentação e negociação são relevantes instrumentos de avanço na aprendizagem, tanto para LM como para LE.

Inicialmente, devemos explicitar como concebemos o erro para o desenvolvimento desta pesquisa, significando a ação ou consequência de errar; de se enganar ou de se equivocar; falta de acerto; engano; equívoco; inadequação; falha; lapso; desvio; ausência de exatidão. Esses sentidos expostos representam de forma pontual as tentativas de realizações dos estudantes, que em processo de aprendizagem, cometem deslizos linguísticos, sem nenhum tipo de carga pejorativa que possa ser comparada a ausência de mérito ou incompetência. Tampouco pode

ser retirada a semântica exata da palavra ‘erro’ a fim de não criarmos eufemismos pedagógicos que não esclareçam para o indivíduo suas realizações incorretas.

Como já mencionado, somos convidados a trasladar do universo da LM para a LE, incorrendo nos mesmos deslizes, escorregando e caindo inúmeras vezes em trocadilhos semânticos e lexicais, pronunciando consoantes e vogais como a LM, entre outros. Neste campo educativo, existe essa permissão, pode-se errar, equivocar-se sendo dada essa autorização prévia para as incursões nas tentativas. Essas experiências de produção oral e compreensão oral nos levam a introduzir novos sons, que inicialmente se apresentam semelhantes aos da língua materna, mas devem ser incorporados na aprendizagem através da realização de exercícios voltados para a descoberta desses sons.

Quando se inicia el aprendizaje de una lengua extranjera se tiende a “oír” los sonidos en función de los propios de la lengua materna pero, realizando los ejercicios adecuados, es posible comenzar a abordar los sonidos de la nueva lengua y darse cuenta de las semejanzas y diferencias que presentan entre sí y en relación con los de la lengua materna. (OLIVÉ, 1999, p. 68)<sup>12</sup>

O professor também deve auxiliar e compreender todas essas veredas da aprendizagem, sobretudo por entender que a presença de erros é parte integrante do processo, não podendo ser absolutamente observado de soslaio ou evitado. Compreendendo a dimensão dessa previsão, o professor deve pressupor a natureza dos erros, examinando passo a passo o evoluir de cada aluno, e se dispor a investigar as origens e/ou os caminhos que levaram aquele aprendiz a ingressar naquele equívoco linguístico. E novamente Olivé (1999, p. 16) aponta:

El tipo y el nivel de las posibles dificultades con las que se puede encontrar son variables y dependen de factores muy diversos tales como el grado de semejanza entre las lenguas en presencia, la motivación y la aptitud para el aprendizaje, la edad del alumno, el estilo cognitivo, etc. (OLIVÉ, 1999:16)<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Todas as traduções deste trabalho foram feitas pela autora.

<sup>2</sup> Tradução nossa: Quando se inicia a aprendizagem de uma língua estrangeira tende-se a “ouvir” os sons em função dos sons próprios da língua materna, mas, realizando os exercícios adequados, é possível começar a abordar os sons da nova língua e se dar conta das semelhanças e diferenças que se apresentam entre si e em relação com os da língua materna. (OLIVÉ, 1999, p. 68)

<sup>3</sup> Tradução nossa: O tipo e o nível das possíveis dificuldades com as que se pode encontrar são variáveis e dependem de fatores muito diversos tais como o grau de semelhança entre as línguas em

Convém mencionar Fernández (2007), que diz sobre o ensino de LE que devemos entender que os erros dos aprendizes nunca são casuais, porém são compreensíveis, diagnosticáveis e corrigíveis a partir de seus próprios conhecimentos de fonética e fonologia, como também reforça que o professor deve aproveitar esses conhecimentos para organizar materiais corretos e confiáveis para cada ocasião, reconhecendo a melhor metodologia para utilizá-lo.

Assim sendo, nós, professores, devemos submergir nas subjacências da língua estrangeira para poder encontrar mecanismos de ensino-aprendizagem que possibilitem responder as inúmeras limitações que nós, docentes e discentes, temos para o desenvolvimento das competências linguísticas.

Para iniciarmos essa discussão sobre o erro/desvio, carecemos entender qual definição podemos atribuir para qualificá-lo e caracterizá-lo, sendo necessário aproximar o entendimento sobre o assunto, contrapondo os radicalismos de significações intransigentes e desmistificando os eufemismos ilusórios. Isso quer dizer que o erro não é um fardo docente, devendo ser imediatamente evitado e corrigido, como também não deve ser visto como algo a ser invisibilizado no processo, sem se tomar as devidas providências para alertar o aluno sobre as incorreções, mas deve ser observado, analisado e demonstrado aos alunos para sua correção.

Primeiramente, o erro é proveniente de uma derivação regressiva de errar do latim *erris*, -oris, ação de vaguear, indecisão, ilusão, engano, podendo ter vários sentidos, ato ou efeito de errar; aquilo que resulta de uma má compreensão ou de análise deficiente de um fato ou de um assunto; que é imperfeito ou mal feito; desvio em relação a uma norma, etc. Além disso, vários estudiosos conceituam o erro, de acordo com suas acepções metodológicas, englobando ideias e referências teóricas. Claramente não é tarefa simples e trivial, pois caracteriza-se por enorme complexidade. No tocante ao erro no ensino de línguas, podemos afirmar que é uma produção linguística derivada de uma produção linguística correta, enunciada por falantes não nativos da língua-meta. O que traduzimos por erro, com todas as associações a que o termo se presta, é uma produção verbal materializada na fala do nosso aprendiz de língua estrangeira, considerada como uma produção

linguística não condizente com algumas das construções reconhecidamente pertencentes à língua alvo.

López (1995, p. 204) afirma

En términos generales se considera «error» a toda transgresión involuntaria de la «norma». Y la norma, ¿qué es?: un sistema de reglas que definen lo que se debe elegir entre los usos de una lengua determinada, si se quiere estar de acuerdo con cierto ideal estético y sociocultural, o lo que es «normal» común en una comunidad dada.<sup>4</sup>

Podemos visualizar historicamente o erro no ensino de línguas estrangeiras, evidenciando como as falhas ou desvios eram tratados pelas metodologias de ensino-aprendizagem. O ato de perscrutar historicamente como o erro era tratado no ensino pode nos dar indícios sobre a condução da atividade docente baseada em teorias e métodos que vigoram até hoje, pois, como afirma Beux (2014, p. 47), a ocorrência elevada de interferências da LM em produções do alunado nos conduz a afirmar que os métodos e materiais utilizados no processo de ensino-aprendizagem podem não corresponder às necessidades singulares de aprendizes de línguas próximas.

Para Pérez (1997), no método tradicional os erros não eram tolerados e deviam ser corrigidos imediatamente, uma vez que o objetivo da aprendizagem era o uso correto do idioma aprendido, sem levar em conta aspectos psicológicos que poderiam ser originados daquela intervenção. No método direto, continua o procedimento de correção imediata dos erros, pois não se costumava fazer concessões por parte do aluno, sendo corrigidos dentro do processo interativo no qual o professor sugere outro modelo de pronúncia mais adequado, haja vista que o procedimento de correção deve-se dar através dos diálogos e práticas conversacionais, a fim de que o erro não seja percebido como castigo e assim melhorar o desempenho do aluno no momento da comunicação.

O método áudio-oral, situacional e estruturo-global-audiovisual apresentam o erro como algo a ser combatido e não tolerado, devendo ser corrigido no momento

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: Em termos gerais se considera «erro» a toda transgressão involuntária da «norma». E a norma, o que é? um sistema de regras que definem o que se deve eleger entre os usos de uma língua determinada, si se quer estar de acordo com certo ideal estético e sociocultural, o que es «normal» comum em uma comunidade dada.<sup>4</sup>

da produção, devido à crença que a repetição dos erros ocasiona sua manutenção e consolidação na aprendizagem, criando assim maus hábitos.

O aparecimento do método comunicativo traz uma análise sobre a importância da performance exatamente igual ou parecida da língua padrão. Nesse método, há mais destaque na competência comunicativa do falante do que na semelhança com a língua alvo. Os professores que seguem esse método estão, normalmente, mais interessados com a capacidade do aluno em expressar suas opiniões e ser entendido do que construir frases gramaticalmente corretas. Logo, o erro aqui seria conceituado como um desvio da língua padrão, pois não interfere nas interlocuções e correspondência de informações, considerado, assim, sem importância. Outra possibilidade de interpretação do erro é considerá-lo como um desvio relevante da gramática do falante nativo adulto, demonstrando a competência e interlíngua (IL) do aluno e, assim sendo, nessa definição, o falante nativo incorreria em erros em sua própria língua, contudo não perderia a aptidão de interagir e de ser entendido por seu interlocutor.

## **1.2 Descrição dos Três Modelos Teóricos: AC, AE e IL**

A experiência no ensino-aprendizagem de língua espanhola/LE no ensino fundamental, médio e superior durante os últimos anos ocupados com a formação de estudantes/futuros professores e com a formação continuada de professores em atuação tem nos permitido observar, sistematicamente, as dificuldades linguísticas específicas apresentadas por aprendizes brasileiros de espanhol/LE quanto à fonética e a fonologia. Essa observação que nos leva a optar por desenvolver uma pesquisa que visa a entender o problema apresentado sob a ótica da linguística contrastiva deve-se ao fato de reconhecermos nessa teoria pressupostos de grande utilidade para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Acreditamos que refletir sobre as questões do erro no ensino de espanhol/LE e português/LM embasados nos modelos de análise da linguística contrastiva – Análise contrastiva (AC), Análise de Erros (AE) e Interlíngua (IL) – pode contribuir para a elucidação de alguns obstáculos que são vivenciados por alunos e professores em sua prática escolar. (BOHN; VANDRESEN, 1988). Por esse motivo, explicamos os modelos a fim de esboçar o embasamento teórico destinado à análise do erro no ensino de língua estrangeira nessa pesquisa.

O surgimento da análise contrastiva com função pedagógica no ensino da língua estrangeira teve seu início durante a II Guerra Mundial e logo após teve seu apogeu e prestígio, debilitando-se apenas na década de 70. Na análise contrastiva, comparamos os sistemas linguísticos da língua materna com os da língua estrangeira estudada, verificando os pontos de semelhança e diferença entre os idiomas a fim de criar uma lista de possíveis erros que os alunos cometerão no ambiente de sala de aula. Segundo Olivé (1999:69)

El análisis contrastivo, aplicado a la enseñanza de la pronunciación, parte del supuesto de que, la comparación del sistema fonológico de la lengua materna de los alumnos con el de la lengua que aprenden, permite determinar qué sonidos plantearán dificultades<sup>5</sup>

Essas comparações são feitas sem nenhum tipo de comprovação empírica das predições feitas ou observações em sala de aula.

A análise contrastiva está fundamentada no conceito da interferência, ou seja, na tendência do aluno a transferir traços da LM para a LE. Conforme Lado (1973), podemos compreender a interferência na manifestação de desvios da LE por influência da LM na exposição do aluno. O pressuposto da interferência da língua materna sobre a língua estrangeira conduz a linguística contrastiva a afirmar que a facilidade ou dificuldade encontrada na aprendizagem de uma LE está intrinsecamente relacionada com o grau de diferença existente entre suas estruturas. Por isso, línguas geneticamente relacionadas terão menor grau de obstáculos no processo; as diferenças apresentadas nas estruturas são justamente os pontos críticos que surgirão no processo de aprendizagem da LE; a interferência ocorre em vários níveis da estrutura linguística e a análise contrastiva contribui revelando os pontos problemáticos para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Embora se afirme nessa teoria que línguas próximas terão menor grau de dificuldades, o que se apresenta em várias pesquisas é a presença de pontos cegos insistentes e recorrentes que necessitam de um trabalho docente para eliminação das marcas da língua materna na aprendizagem de LE, justamente em

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: A análise contrastiva, aplicada ao ensino da pronúncia, parte do pressuposto de que, a comparação do sistema fonológico da língua materna dos alunos com o da língua que aprendem, permite determinar quais sons apresentaram dificuldades”

função da proximidade que deixa o aprendiz mais flexível a introduzir elementos da LM nas realizações linguísticas.

Percebemos que a análise contrastiva tem algumas contribuições para o ensino de LE, tais como i) o estudo das línguas, materna e estrangeira, identificação das semelhanças e diferenças entre os idiomas, facilitando assim o planejamento de cursos; ii) a comparação entre as línguas supondo hipóteses sobre os pontos críticos na aprendizagem, introduzindo, assim, a predição de erros ou desvios que o aluno poderá cometer e incentivando a criação de uma lista com problemas hipotéticos que poderão ser validados durante as práticas escolares; iii) a comparação, que também permite a construção de um quadro gradativo das dificuldades suscitadas em termos de precisão comunicativa, e assim se fará um planejamento com materiais e programas adequados para cada fase da aprendizagem; iv) o conhecimento das causas, que permitem ao professor identificar e preparar antecipadamente as estratégias que visem à superação das dificuldades dos alunos; v) a previsão de erros, que dará indicações para a preparação de avaliações de LE; vi) o conhecimento antecipado das dificuldades possibilitando a avaliação de livros didáticos e a preparação de exercícios.

À medida que foram apresentadas também algumas deficiências na AC, foram feitas reformulações teórica e metodológica, chamada de Análise de Erros e conhecida com a versão fraca da análise contrastiva. Esse novo modelo aparece no final dos anos sessenta, quando se estava estabelecendo o marco das teorias de ensino da segunda língua, dando seguimento aos estudos posteriores da Análise Contrastiva e antecedendo os estudos da Interlíngua. Essa nova visão dos 'erros' surge com o amparo da teoria gerativa de N. Chomsky (1965) que propõe uma visão diferenciada e interrogativa do behaviorismo psicológico e da teoria de aquisição de uma língua de Skinner (1957).

A análise de erros, diferentemente da análise contrastiva, utiliza-se de dados de um *corpus* coletado pelos alunos, seja ele escrito ou falado. Posteriormente deve-se classificar os erros, estabelecer a frequência em que ocorrem, descrever e explicar as causas dos erros e suas implicações para a veiculação da mensagem e propor estratégias para superação dos erros. (VÁSQUEZ, 1994).

Para a compreensão da classificação dos erros, distinguimos 'erros sistemáticos' de 'erros não sistemáticos' ou lapsos. (CORDER, 1967). Os erros sistemáticos devem-se à interferência ou ao conhecimento incompleto da língua



alvo. Os erros não sistemáticos devem-se aos erros casuais, descuido, esquecimento, etc., que não são recorrentes. As causas dos erros devem-se a três fatores: interferência da língua materna ou outra língua já conhecida do aluno; generalização intralinguística ou generalização de regras já conhecidas, cujas exceções nas aplicações são desconhecidas ou foram esquecidas; e a erros casuais, derivados de lapsos por esquecimento ou falta de aprofundamento ou estudo em alguma área.

Para avaliarmos os erros, devemos considerar vários fatores externos, que são importantes para sua configuração: idade do aluno, pois o aluno com idade avançada pode ser normalmente afetado pela interferência da LM ou a criança que não tem uma observação mais apurada de estruturas morfológicas e sintáticas pode cometer inadequações; a tensão nervosa também pode gerar e aumentar o grau de interferência da LM reforçando os erros; a metodologia utilizada pelo professor que enfatiza a correção da pronúncia produz mais possibilidades de desvios; a motivação do aluno que contribui tanto para um bom desempenho quanto para geração progressiva de deficiências.

Portanto, podemos verificar que a finalidade da análise de erros é encontrar dados estatísticos que mostrem com maior clareza a hierarquia quantitativa dos erros, como também descrever por meio de traços gerais os erros linguísticos, ampliando as causas, anteriormente restritas à interferência da língua materna e além disso serve-se desses estudos para comparar os sistemas linguísticos, ajudando, assim, na descrição de universais linguísticos. Entendemos que existem diferenças entre a análise contrastiva e a análise de erros, que observamos claramente nos pressupostos que os embasam relacionados à estrutura linguística e aos esclarecimentos sobre a aquisição da linguagem.

Inicia-se, posteriormente à análise de erros, o modelo da interlíngua (IL), nominalizada anteriormente também como língua própria do aprendiz, competência transitória, dialeto idiossincrásico, sistema aproximado, sistema intermediário, tendo como principal proponente Selinker (1972). Nesse modelo, admite-se que há uma 'estrutura psicológica latente' na mente dos seres humanos que não garante a aprendizagem da língua alvo, apesar de ser geneticamente determinada (DURÃO, 2004, pág. 19). Essa estrutura latente difere da 'estrutura latente da linguagem', ou seja, a contrapartida biológica da gramática universal que as crianças transformam em uma gramática particular. A descrição do processo pelo qual o aluno aprende é

construído por um conjunto de estruturas psicológicas latentes na mente do estudante ativadas para a tentativa de aprendizagem, independente ou não de lograr êxito. Segundo Selinker (1972), reside então nesse processo a diferença entre estrutura psicológica para a estrutura latente da linguagem, no qual se afirma que a primeira não tem um programa genético como a da Gramática Universal, como também não se pode garantir a realização em uma determinada língua, pois muitos alunos não conseguem aprender uma língua estrangeira. De acordo com Selinker (1972), alguns adultos (5%) que conseguem ter a proficiência semelhante a um nativo não ativam a estrutura latente e sim a estrutura latente da linguagem, igualmente a aquisição da língua materna. O restante da população ativa a estrutura psicológica latente, cujas regras estão localizadas na Interlíngua.

Para compreendermos a 'estrutura psicológica latente', precisamos conhecer os cinco processos psicológicos centrais e os quatro secundários, que podem interferir no desenvolvimento da produção linguística dos aprendizes. Os processos centrais são: transferência de elementos da LM para a LE, uso de estratégias de aprendizagem, uso de estratégias de comunicação, transferência de instrução e a generalização de regras. Os secundários são: pronúncia ortográfica, pronúncia cognata ou afins, aprendizagem de holofrases e hipercorreção.<sup>6</sup>

Podemos observar algumas características da Interlíngua em aprendizes devido ao fato de ser permeável, de estar sujeita continuamente a estados evolutivos, ter sistematicidade, poder fossilizar estruturas e poder sofrer com o fenômeno 'plateau'. Devemos destacar entre eles a fossilização de erros, definida como o ressurgimento de estruturas linguísticas da LE, que já haviam sido superadas, devido ao desvio de atenção do aluno estar voltado para temas novos ou difíceis, quando o aprendiz está ansioso ou excitado ou, ao contrário, muito relaxado, como também quando o aluno passa muito tempo sem praticar a língua estudada.

Já o fenômeno 'plateau' deve-se ao fato de que alunos em estágios avançados e com nível de comunicação satisfatório deixam de estudar ou melhorar o seu nível linguístico por deduzirem que já dispõem de competência e de um

---

<sup>6</sup> Para esclarecimentos, holofrase significa um enunciado formado apenas por uma palavra, equivalendo a uma frase completa e hipercorreção é um fenômeno que consiste na procura excessiva de correção, que leva o falante de uma língua à substituição de uma forma correta por uma forma incorreta que o falante supõe ser a mais culta ou a que mais elevado nível social revela, ultracorreção.

arcabouço linguístico que o respalda para o desenvolvimento das suas necessidades comunicativas. Portanto, o desejo para engajar-se no aprofundamento dos conhecimentos da língua estrangeira pretendida deixa de ser primordial, causando uma acomodação motivacional, dando força para a fossilização de erros que existam na interlíngua.

Segundo Selinker (1972) a erradicação das estruturas fossilizadas não é possível devido à 'estrutura psicológica latente' que é reativada no momento da comunicação, ou seja, quando um aprendiz já tem tornado uma estrutura, mesmo incorreta, permanente ou aprendida como tal, esta não poderá ser apagada, pois a estrutura psicológica latente reafirma aquela estrutura, impedindo o aluno de se expressar corretamente. Para outros pesquisadores (DURÃO, 1999; 2004, por exemplo), existe a possibilidade de 'desfossilizar' erros, contanto que haja motivação e exposição a dados pertinentes da língua em questão, pois não haveria constatações suficientes para dentro dos estudos psicológicos que fundamentem a ideia de dois sistemas de aprendizagem separados, mas uma rede feita pelos sistemas naturais que permitem a interação entre si.

O modelo descrito, da Interlíngua, trouxe muitos benefícios, foi reflexivo no estudo de língua em contato, aprofundou os estudos sobre mudanças linguísticas, além de ter contribuído para a descrição de tipos específicos de linguagem, como a fala do imigrante ou do afásico. De forma mais acentuada, podemos perceber sua contribuição mais significativa na reflexão didática, pois esse modelo adentrou elementos como o tratamento dos erros, a tentativa de identificação das operações cognitivas subjacentes às produções linguísticas, a produção de estratégias de aprendizagem e de comunicação. Do mesmo modo, não podemos deixar de tratar da introdução da noção de fossilização e do fenômeno 'plateau' como componentes do processo de ensino-aprendizagem, que mudou o entendimento sobre o erro na docência de língua estrangeira, tendo em vista a mudança de postura do professor frente à produção e compreensão linguística dos aprendizes.

Sabemos que existem nesses três modelos um aproveitamento de AC no modelo de AE e no modelo de IL. No entanto, conseguimos, obviamente, reconhecer distinções substanciais que tratam das mudanças de perspectivas em relação ao conceito de 'erro', às hipóteses explicativas, aos dados considerados relevantes e à própria metodologia de análise empregada.

O modelo da AC tem por base a teoria psicológica comportamentalista e os modelos de AE e IL que se fundamentam na teoria de aquisição linguística proposta por N. Chomsky (DURÃO, 2004). A compreensão do 'erro' na versão forte, AC, desmerece a constatação dos desvios através da produção real dos estudantes, apenas predizendo-os sem levar em conta outros fatores além da interferência da LM com LE, enquanto que na AE os pesquisadores se debruçam sobre erros produzidos por alunos e não em hipóteses. Na concepção da AC os erros são concebidos nas previsões a fim de evitá-los antes mesmo que existam e para a ideia da AE os erros têm função de indicar as ocorrências das dificuldades, funcionando com um radar dos lugares que necessitam ser melhorados para efetivamente servir com subsídio para a elaboração de materiais didáticos e complementos metodológicos mais adequados às necessidades dos alunos. A IL toma por base os erros para identificar as estratégias psicolinguísticas causadoras do desvio ou inadequação. (DURÃO, 2004).

A análise contrastiva acredita que o erro interage de forma prejudicial no processo de aprendizagem de línguas, tentando evitar o seu aparecimento ou excluí-lo antes de tornar-se materializado na produção dos discentes. Os erros para a AE são elementos valorizados no processo, pois complementam o ensino, haja vista servirem como indicadores das dificuldades linguísticas enfrentadas pelos alunos, demonstrando o nível de conhecimento do aluno. Sobretudo porque na AC o aluno contrasta a LM com LE do aprendiz, enquanto que na AE contrasta o que o aprendiz produz com a LE, o modelo de IL identifica os desvios encontrados na Interlíngua e compara com a LM e com a LE, ou seja, utiliza métodos da AC e posteriormente usa os métodos da AE. Os modelos inevitavelmente estão agregados e todos eles estão há décadas trazendo contribuições para o ensino de língua estrangeira (ELE), pois propiciam uma reflexão sobre possibilidades de intervenção que visem a atender às necessidades dos alunos.

Esses fundamentos teóricos aqui apresentados direcionam para o objetivo da pesquisa e para a execução da descrição das línguas, necessária para a análise contrastiva entre a língua portuguesa falada no Brasil e a língua espanhola (CAMARA JR, 1988), (SILVA, 2005), (TOMAS,1989). Utilizamos como base a fonologia gerativa padrão (CHOMSKY, 1965) através do sistema de traços distintivos de Chomsky & Halle (1968), a fim de representar as regras fonológicas

que justifiquem a ocorrência das inadequações nas realizações fonológicas dos aprendizes, quando se fizerem necessários.

Todas essas referências teóricas estarão embasando teoricamente o trabalho com a finalidade de justificar os erros identificados na língua espanhola e suas possíveis explicações objetivando através desse aprofundamento teórico e empírico da sala de aula responder a expectativas do corpo docente e discente no ensino-aprendizagem de espanhol/LE para alunos brasileiros, tendo em vista as incansáveis dúvidas sobre o erro em LE.

## 2 DO LATIM ÀS LÍNGUAS ROMÂNICAS MODERNAS: O PERCURSO HISTÓRICO DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, apresentaremos um histórico de transformações linguísticas ocorridas desde os antecedentes do Latim, Latim clássico, Latim vulgar, Galego-Português e sua separação dando origem à Língua Espanhola e à Língua Portuguesa. A exposição tratará das mudanças fonético-fonológicas sucedidas nesses períodos, demonstrando as similaridades e diferenças entre as línguas irmãs, fazendo também um contraponto com a ortografia. O objetivo desse capítulo é mapear os processos fonético-fonológicos compreendidos nesse momento histórico a fim de coletar dados que justifiquem a ocorrência de erros dessa natureza por alunos brasileiros aprendizes de espanhol.

### 2.1 Descrição Histórica

Segundo Bisol (2015), todas as modificações estruturais das línguas são derivadas de artifícios que se desenvolvem conjuntamente durante os processos históricos, orientados por regras difíceis de serem mensuradas sem haver uma investigação voltada para períodos anteriores. Conforme explicita Bisol (2015:186)

Mudanças não são bruscas nem espontâneas, mas resultantes de um processo de múltiplos envoltórios que se desenrola lentamente através dos séculos, por vezes sugerido pelo comportamento de regra variável, mas sempre de difícil captação senão quando efetuada, isto é, quando os seus resultados permitem um olhar para o passado.

De acordo com Faraco (2005:31), um dos desafios dos estudiosos dos traços históricos das línguas é aprender a tratar da heterogeneidade das falas humanas, pois exige rompimentos com as ideias cristalizadas de línguas estáticas. Faraco (2005:44) reafirma que a mudança ocorre em todas as línguas, pois elas passam por transformações ao longo do tempo de forma contínua e ininterrupta.

A intenção de investigarmos aspectos fonético-fonológicos em movimentos diacrônicos e sincrônicos para explicar os atuais resquícios do passado nos leva a entender que existem muitas motivações para as mudanças, e estas devem ser

explicadas para a aprendizagem ser mais coerente e produtiva. Faraco (2005:45) afirma que no estudo do fato diacrônico é indispensável trabalhar todos os passos da transformação, ou seja, comparar os diferentes estados sincrônicos envolvidos, colhendo a sucessão cronológica dos acontecimentos a fim de dirimir os erros ocorridos na história. “O linguista necessita, então, pesquisar os múltiplos fatores que interferiram no processo histórico e geraram tais fatos” (FARACO, 2005:55).

O entendimento de aspectos históricos é necessário, dadas as faces mutantes que se apresentam em um único fonema como resultado de múltiplas transformações durante longos períodos. Sendo assim, um fonema é um componente a ser estudado como herança, patrimônio linguístico de comunidades anteriores que podem fomentar esclarecimentos acerca de fatos atuais que vão além da explicitude física do som.

Segundo Pérez (1992), a visão histórica segue sendo um recurso de estudo ao qual nunca devemos renunciar, pois o olhar para o passado nos ajudará a ser mais conscientes de onde chegamos, de quais erros e acertos tenhamos cometido no caminho, entendendo os atos com tentativas e experiências realizadas por profissionais do ensino para que hoje possamos olhar melhor para a atualidade que vivemos no ensino de línguas.

Dessa forma, vale reconhecer a importância da trajetória de uma língua e as implicações da pronúncia dos sons, pois estes fazem conexões socialmente ao serem distribuídos por outras comunidades. Portanto, a aprendizagem de um som, sendo LM ou LE, abrange mais elementos que os preconizados em gramáticas e teorias. “Por tanto, la fijación del sistema fonológico de un idioma abarca tanto el aprendizaje de la pronunciación de los sonidos como el de sus combinaciones.” (OLIVÉ, 1999:17)

A relação entre história e fenômenos linguísticos é muito imbricada, as mutações existentes com o passar dos séculos justificam as pesquisas, pois o resultado obtido hoje é fruto dos entrelaçamentos de adaptações linguísticas ocorridas em épocas antecedentes. Para isso, tratamos dessas configurações resultantes da história do Latim e das transformações advindas da separação do Galego-português e do nascimento do Português e do Espanhol (inicialmente chamado de castelhano). Começamos tratando da trajetória do Latim, pois se configurou como o nascedouro das línguas românicas. Conforme Faraco (2005:45)

Diferente é, porém, a situação de línguas como o latim. Nenhuma sociedade fala hoje o latim propriamente dito. Contudo, de certa maneira, ele continua sendo falado, embora de forma bastante alterada, pelas sociedades que falam as chamadas línguas românicas como o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o sardo, o catalão.

Portanto, essa transformação histórica do latim para as línguas românicas deve ser pesquisada, pois, como Faraco (2005) comenta, a mudança de uma língua para outra, ou de um estágio da língua para outro, jamais acontece de forma global e integral, as mudanças vão ocorrendo gradativamente, atingindo partes da língua e não seu conjunto ao mesmo tempo. Por isso, a ciência não deve restringir-se à compreensão passiva da realidade linguística somente através de coleta e descrição sincrônica, pois os fenômenos devem ser estudados e explicados para que se tornem inteligíveis.

### **2.1.1 Descrição histórica do Latim Clássico**

Conforme afirma Faraco (2005), as mudanças ocorrem independentemente dos indivíduos aceitarem ou não, estranho seria se elas não se movimentassem com o passar dos anos e dos séculos.

Assim, cada estado de língua, definível no presente ou em qualquer ponto do passado, é sempre resultado de um longo e contínuo processo histórico; do mesmo modo que, cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes. Dessa maneira, se o português do século XIII era diferente do português de hoje, o português do futuro será diferente do de hoje: entre eles há um ininterrupto processo de mudança. (FARACO, 2005:45).

Assim sendo, é necessário o estudo cuidadoso do passado, uma vez que, sem as pesquisas históricas, ficaríamos sem condições de entender as complexas relações estabelecidas no presente. Vale salientar que Faraco (2005:117) também induz a reflexões sobre as trajetórias das línguas e seus fatores condicionantes. “A mudança linguística é uma realidade complexa, não redutível a explicações únicas. Seus possíveis condicionantes são muitos e multiplamente inter-relacionados”.

E assim iniciamos a trilha percorrida pelo latim até tornar-se Português e espanhol, num processo lento, gradual, sucessivo e ininterrupto de mudanças.



Embora tenhamos recorrido à várias fontes históricas clássicas sobre o nascimento do latim e o surgimento das línguas românicas, podemos afirmar que os dados informados pelos diversos autores sofrem de imprecisão cronológica, visivelmente devido à pouca existência de documentação histórica disponível e confiável. Essa dificuldade em precisar com segurança dados históricos e dados linguísticos deve ser levada em conta, porém não pode inviabilizar as pesquisas nem desmerecer os dados encontrados. Referimo-nos especificamente à discordância entre autores sobre datas e não sobre ocorrências linguísticas. Portanto, tratamos com enorme zelo os termos utilizados e suas inferências sobre as descobertas linguísticas em contraponto com as datas.

Iniciamos com uma breve história dos antecedentes linguísticos do Latim<sup>7</sup>. Segundo Faria (1957), o latim pertence à família das línguas indo-europeias, dadas as correspondências que sugerem a preexistência de uma unidade comum. As línguas indo-europeias têm características fonéticas particulares, como a divisão dos seus fonemas em três categorias: vogais, soantes e consoantes.

As soantes são consideradas fonemas instáveis, funcionando como vogais ou como consoantes, que são: semivogais (j, w), nasais (m, n), líquidas (l, r). As soantes modificaram-se, transformando-se em vogais ou consoantes, embora o latim tenha conservado as semivogais. As vogais mais importantes eram /e, o/ podendo ser breves ou longas, a vogal /a/ breve ou longa era menos frequente. Sobre as consoantes podemos afirmar a carência de fricativas, apresentando-se somente a sibilante /s/, entretanto existia um bom número de aspiradas, bh, dh, gh, gwh, ph, th, kh, qwh.

De acordo com Faria(1957), seguindo essa evolução, observam-se muitas semelhanças entre línguas formando, assim, o ramo ítalo-céltico, subsequente ao indo-europeu, que apresenta particularidades comuns às línguas itálicas (latim, osco, umbro, etc.) e às línguas célticas (bretão, irlandês, galês, etc.), em contraposição com as demais línguas da família indo-europeia. Dessa separação podemos tratar mais precisamente da unidade itálica, latim, osco e umbro, além de outras línguas das demais regiões e cidades da Itália, como: etrusco, grego, vêneto, gaulês, lígure, sabélico, messápico e os dialetos ítálico menores, falisco, prenestino,

---

<sup>7</sup> Em recente tradução do livro “História das Línguas: uma introdução”, o autor, T. Janson, faz uma explanação sobre os antecedentes linguísticos do latim que fornecem uma leitura mais aprofundada das línguas antecessoras (págs. 105-112).

pelígnio, volsco, mársio, marrucino, eqüiculo e sículo. Aqui apresentamos a pré-história do latim, descendente da unidade indo-europeia, das unidades subsequentes, ítalo-céltico e o itálico, que se desenvolve para o latim. Versamos agora sobre a história do latim, que se confunde com a história da civilização romana e a história da política de Roma.

A língua latina foi levada à Península Ibérica pelos conquistadores romanos aproximadamente No século II a. C. Nesse momento histórico, o latim já não tinha a configuração do latim clássico, em virtude de a romanização não ter ocorrido uniformemente em todo o Império em seu auge. Muitos fatores foram responsáveis e impulsionaram a fragmentação linguística, como o contato com as línguas dos povos vencidos; grau de interesse dos romanos pelo lugar conquistado; cercania com Roma; tempo decorrido entre as várias regiões conquistadas; contato com os idiomas dos invasores. Para ilustrarmos esses períodos, iniciamos essa explicação histórica do Latim até as línguas românicas: do Latim Arcaico, do séc. VII a III a. C. derivou-se o latim culto (falado e escrito) e o latim vulgar (falado). O latim culto escrito origina o latim clássico no séc. III a. C. a V d. C. Já o latim culto falado inicia no séc. III a. C a VII d. C. e depois morre. O latim vulgar, somente falado, começa no séc. III a. C. a VII d. C., torna-se dialeto, surgindo assim o romance no séc. VII ao IX d. C., originando as línguas românicas, dentre as quais se apresentam o espanhol e o português. Esboçamos no quadro abaixo, esses períodos expostos segundo Gonçalves & Belchor (2017)

<b>Quadro 1: Períodos históricos do latim às línguas românicas</b>		
Latim Arcaico - Séc. VIII a III a. C.		
Latim culto		Latim vulgar
Latim culto escrito Séc. VII a III a. C.	Latim culto falado Séc. III a. C a VII d. C.	Latim vulgar (falado) Séc. III a. C. a VII d. C.
Latim clássico Séc. III a. C. a V d. C.	Morte do latim culto falado VII d. C	Romance Séc. VII ao XI
		Línguas românicas Francês – Séc. IX Castelhano – Séc. X Português- Séc. XII

Evidencia-se que há uma distribuição de falares relacionados às camadas sociais, o latim culto escrito e falado por uma pequena classe dominante e elitizada, enquanto o latim vulgar foi usado por camponeses, soldados, comerciantes e escravos, ou por pessoas escolarizadas em ambiente familiar. A Península Ibérica foi dominada por Roma até o século V, sendo invadida pelos povos bárbaros, causando assim o declínio político e militar do Império Romano.

O século V d.C. marcou o derradeiro período do Latim. Nessa época já se introduzia de forma marcante a língua corrente no latim literário, período exponencial das últimas obras produzidas por prosadores e poetas latinos. A Lusitânia foi ocupada por Roma durante séculos, impondo o latim como língua oficial, mesmo tendo variações regionais distantes do latim de Roma para irromper no século VIII uma nova fase linguística. No início da Idade Média, surgiu o anseio pela unidade linguística nos novos Estados medievais e dessa forma o romance se distendeu em distintas línguas nacionais, como no caso da Península ibérica, entre elas, o catalão, o castelhano e o galego-português.

No início, o galego-português falado na região Norte de Portugal foi conduzido ao sul pelas tropas do Conde Afonso Henriques no movimento da Reconquista, na retomada dos territórios ocupados pelos muçulmanos. Dessa forma, a nova língua foi-se difundindo com a influência dos tipos de povoamento adotados nas regiões sob o domínio dos muçulmanos e retomadas pela Reconquista. A ocupação dos povos muçulmanos contribuiu para o isolamento entre o galego-português e as outras línguas a Leste e a Norte da Península, como o Leonês, o castelhano, o aragonês e o catalão. Galiza tinha uma situação política bastante diferente da região que se constituiu Portugal, pois mantiveram por séculos tradições sociais, jurídicas e estatais do Império Romano. Por tais motivos, o galego passou a ser a língua da independente Galiza e o português resultou do processo da Reconquista e do repovoamento de Portugal. Em 1260, D. Dinis legaliza o português como língua oficial de Portugal, resolvendo questões políticas de fortalecimento territorial da unidade de Portugal. Vemos que as questões de aquisição territorial são importantes marcadores das projeções linguísticas e possíveis realizações, conduzindo as mudanças inerentes aos processos de composição governamental dos países.

## **2.2 Transformações Linguísticas do Latim ao Português**

Nesta seção, apresentamos descrições das mudanças do latim clássico até as línguas romances modernas, especificamente o Português e o Espanhol, com base nas muitas fontes disponíveis sobre o tema. Embora a maior parte dessas fontes consultadas nos dessem grafias e símbolos diversos quando apresentam os dados históricos, utilizando, às vezes, muitos sinais diacríticos de acordo com a transcrição fonética fornecida na época, como também diferenciadas pelas orientações de cada país, tentamos, na medida do possível, apresentar os exemplos em transcrição fonética do Alfabeto internacional. Damos também, sempre que julgarmos necessárias, as descrições de determinados sons.

Para iniciarmos esse percurso histórico desde o Latim até as línguas românicas, começamos com a descrição do inventário de vogais e consoantes da língua latina para criarmos um quadro inicial que irá nos conduzir até as línguas irmãs, português e espanhol. Vale informar que a demonstração dos fenômenos históricos do latim ao português é baseada em Teyssier (2007), Gonçalves & Belchor (2017), Câmara (1976) e (2014). Temos também como referenciais históricos e gramaticais Faria (1957), Coutinho (1974), Almeida (2000), Basseto (2005), Elia (2004), Mattos e Silva (2006).

Começamos fazendo uma apresentação do inventário fonológico do latim, tendo-o como ponto de partida para as demonstrações das transformações linguísticas que surgiram nas línguas românicas. Expor os quadros formativos da língua latina tem como objetivo determinar o início dos estudos históricos como propulsor dos câmbios ocorridos no decorrer dos séculos.

### **2.2.1 Descrição do inventário fonológico do Latim Clássico**

No latim clássico, falado pela camada mais culta, elitizada e referenciada pela literatura, tinha um inventário de vogais constituído por dez vogais em posição tônica. As propriedades demarcadoras de distintividade são: duração (longa/breve), altura (alta, média ou baixa) e recuo (anterior, central e posterior). A vogal /a/ apresentava-se sempre aberta, sendo longa ou breve, quanto as demais vogais tinham uma semelhança entre a quantidade e o timbre, já que as longas costumavam realizar-se como fechadas e as breves como abertas.

Na língua latina, a duração, evidenciava a oposição entre vogais longas e vogais breves, tendo valor distintivo. Para identificar a duração, usava-se acima das vogais o sinal diacrítico macron ( ¯ ) para indicar vogal longa e o sinal diacrítico braquia ( ˘ ) para indicar vogal breve, sabendo-se que uma vogal longa teria a duração de duas breves. Dessa forma, o traço duração criava uma oposição breve/longo para cada uma das cinco vogais de timbres distintos. De acordo com Faria (1957: 66) “[...] Pelo que nos ensinam as línguas românicas, a epigrafia e as explicações dos gramáticos latinos, havia um certo paralelismo no latim em se pronunciarem as vogais longas fechadas e as vogais breves como abertas.”

**Quadro 2: Inventário de vogais do Latim clássico**

ī	ĩ	ē	ě	ā	ǎ	ō	ō	ū	ū
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Podemos exemplificar a distinção semântica proporcionada pela duração das vogais no Latim, ou seja, a quantidade tinha função fonológica. A quantidade também distinguia a função sintática das palavras nas orações.

ǎ x ā	mǎlum (mal) x mālum (maçã)
ě x ē	lěuo (erguer) x lēuo (aplainar)
ĩ x ī	lĩber (livro) x līber (livre)
ō x ō	nōta (marca) x nōta (conhecida)
ū x ū	lūtum (lodo) x lūtum (amarelo)

Como também, podemos diferenciar o sistema vocálico latino pelo recuo através do contraste entre anteriores e posteriores, mētum (medo) x mōtum (movimento), e pela altura por meio da oposição de altas e médias, como em tōtum (todo) x tūtum (seguro).

Para continuarmos as exposições sobre o Latim clássico, observamos então como o sistema consonantal latino se apresentava fonologicamente:

Quadro 3: Inventário de consoantes do Latim clássico						
	Labiais		Alveolares		Pós-alveolares	
Oclusivas	p	b	t	d	k	g
Fricativas	f		s			
Nasais	m		n			
Laterais			l			
Vibrantes			r			
			r			

O quadro descritivo fonológico do latim apresenta segmentos em número menor que os quadros das línguas por ele originadas. Neste quadro mais restrito temos a predominância de seis consoantes oclusivas, constando em pares de surdas e sonoras, duas nasais, duas fricativas e duas líquidas sem formação de pares. Esse quadro apresentado é reforçado por Câmara Jr (1979) e Gonçalves & Belchor (2017), embora tenhamos exposições que adicionam outros fonemas em Mattos e Silva (2006) e Quilis, A (2016).<sup>8</sup>

Vale esclarecer que os fonemas /k, g/ eram vulneráveis aos sons subsequentes, fato que justifica a colocação desses segmentos no ponto de articulação pós-alveolares. Ocorrendo a seguinte situação, tendo vogais não-recuadas (anteriores), /e, i/, subsequentes, eles eram realizados como [c, ɟ], caso fossem recuados, /a, o, u/ eram realizados como [k, g]. Em latim clássico as letras <c, g > eram usadas na representação de [k, g].

A descrição de consoantes do latim demonstradas por Mattos e Silva (2006) trazem a presença das geminadas, segmentos gêmeos com duração interna duas vezes superior à das homorgânicas. Nesta descrição, constam os fonemas /pp, tt, kk, b, bb, dd, gg, ss, mm, nn, ll, rr/ que foram incluídos no inventário, tendo em vista que todas tinham valor distintivo, embora se apresentassem sempre em posição intervocálica. Câmara Jr (1979:49) fez uma ressalva sobre as geminadas, expondo

<sup>8</sup> A descrição de consoantes do Latim de Mattos e Silva (2006) tratam das geminadas em um período no qual elas ainda tem papel distintivo, embora pouco presente e já decaindo para simplificação, provavelmente entre o século I e V d. C., sendo essa cronologia apenas aproximativa de maneira que as mudanças não foram simultâneas nem uniformes nas províncias conquistadas pelos Romanos.

que o inventário latino apresentava uma simetria semelhante às oclusivas, quando as inseria na descrição consonantal,

Além das oposições previstas nesse quadro, entretanto, cada consoante podia ficar em oposição com uma articulação idêntica que se desdobrava numa geminação, entre duas vogais, no vocábulo /pp/, /bb/, /tt/, e assim por diante. A geminação estabeleceu-se na pré-história da língua latina pela aglutinação de dois morfemas num vocábulo (ex: ad + ango= attingo, pel + do= pello) ou foi de caráter expressivo, como (ao que tudo indica) em bucca. Tinha-se assim: agger 'monte', ao lado de ager 'campo', annus "ano", ao lado de anus 'anel', mollis 'mole', ao lado de molis '(tu) móis'."

Em função do ambiente em que se encontravam as geminadas, entre vogais, suas realizações eram muito restritas, limitando-se à distinção de poucas palavras, além disso, a difusão do Latim em lugares com fonologias diversas levou ao relaxamento na articulação das geminadas, levando ao enfraquecimento e, por fim, igualando-as em termos de duração às não-geminadas.

Outro som que foi obliterado do inventário foi a aspirada glotal /h/, que na língua latina, tinha como oposição a sua ausência 'h/ortus' (horto) e 'ortus' (correto)<sup>9</sup> sempre ocorria posição inicial, e porque tinha tal posicionamento acreditamos ser um alofone posicional, resultado, possivelmente, de uma vibrante. Duas razões foram postas para sua exclusão, apresentava poucos pares mínimos e tinha com ambiente principal a posição inicial, motivo pelo qual cremos ser um alofone posicional. O apagamento considerável do fonema /h/ é percebido nas línguas derivadas do Latim, mesmo tendo presente sua ortografia.<sup>10</sup> Vale recordar que no latim clássico, o /h/ já era considerado pelos gramáticos latinos como um sinal de aspiração, mesmo sendo posto ora como fonema ora como simples aspiração. Em vários momentos históricos a sua realização oscilava entre as camadas populares e entre os semicultos sinalizando como uma demonstração de prestígio social (FARIA, 1957: 87).

---

<sup>9</sup> Zágary (1988).

<sup>10</sup> Faria (1957) já tratava do assunto da descrição do /h/ como letra ou simples sinal de aspiração, sendo usada com parcimônia inicialmente, mas sempre recomendada pelos gramáticos. Seu uso foi negligenciado pelas camadas populares e pelos semicultos, tanto em posição intervocálica como em posição inicial. Em uma reação das camadas superiores da sociedade, influenciadas pela cultura helênica a aspiração do /h/ inicial no período clássico foi restituída em Roma como sinal de prestígio social. Explicações mais detalhadas encontram-se em nas páginas 87-91.

No tocante aos segmentos lábio-velares /k<sup>w</sup>/ e /g<sup>w</sup>/, apresentados como participantes do inventário latino por Ariza (2016) pois contrastam com as velares /k/ e /g/, afirma-se que deveriam estar presentes entre os fonemas, no entanto alguns fonólogos refutam essa ideia acreditando serem apenas combinações /k + w/ e /g + w/ e por não apresentarem pares mínimos, enquanto outros, como Bisol (2005), defendem seus status de fonema.

Dadas as informações relativas ao inventário da língua latina, podemos afirmar que muitos traços fonológicos iniciais irão se decompor para originar novas realizações, que trarão consigo representações fonéticas derivadas das comunidades de fala que irão aderir à implantação e/ou imposição do latim.

### **2.2.2 Transformações linguísticas das vogais do latim clássico para o latim vulgar**

O latim falado no oeste peninsular apreende as modificações gerais do mundo romano até o fim do período imperial (latim caracterizado pelo seu uso no declínio do Império Romano), também conhecido como latim vulgar. As primeiras alterações apareceram já entre o latim clássico e o latim vulgar. Essas mudanças acabam por se consolidar de formas diferentes no latim vulgar.

Essas evoluções linguísticas são caracterizadas por algumas alterações no sistema linguístico, conforme ocorreu no vocalismo do latim vulgar, no qual houve a perda da quantidade vocálica e sua substituição pelo acento de intensidade, tendo como consequência a redução das dez vogais, cinco breves e cinco longas para sete, seis ou cinco vogais em várias regiões românicas (BASSETO, 2005: 92).

A partir do século I, manifesta-se a confusão no valor quantitativo das vogais, no latim vulgar. Esta confusão torna-se maior nos séculos posteriores, ocasionando o desaparecimento da quantidade, primeiro das vogais átonas (século III e IV), depois das tônicas (século IV, V e VI). Como quer que seja, não havia inteiramente desaparecido a distinção quantitativa, ainda no século VI. (COUTINHO, 1974: 101-102)

Ainda assim, Gonçalves & Belchor (2017), referindo-se às vogais, expressam que é muito difícil estabelecer com certidão como foi desfeita a oposição longa/breve já que o latim vulgar não ocorria de forma uniforme, tendo em vista as inúmeras



variedades relativas às diferentes regiões nas quais o latim foi falado e nos variados grupos sociais que utilizavam o latim como língua nativa ou de cultura. Observamos o quadro das modificações das vogais do latim clássico para o latim vulgar.

Quadro 4: Mudanças vocálicas Latim clássico para o Latim vulgar									
ī	ĭ	ē	ĕ	ā	ă	ō	ō	ū	ū
i	e		ɛ	a		ɔ	o		u

Vale ressaltar que esse quadro demonstrativo das vogais não se constitui uma representação uniforme do latim vulgar, pois nem todas as línguas neolatinas apresentam médias abertas, a quantidade foi revista de forma diferenciada nas línguas resultantes do latim. Como podemos observar no Quadro 3, acima, houve a perda das oposições de duração longa/breve. No entanto, como as vogais breves eram sempre mais abertas que as longas correspondentes, conservaram-se, assim, as oposições de timbres que foram resultados dos vários graus de abertura, isto é, as médias breves estão na base de concepção das médias abertas. /ɛ, ɔ/.

Podemos demonstrar as inovações provenientes das mutações, como a quantidade que foi reinterpretada pela altura, ocasionando a perda de contraste entre altas breves e médias longas com em: cĭtu > c[e]do e sapĕre > sab[e]r sendo realizadas como médias fechadas. Do mesmo modo, temos a convergência de vogais baixas, ex: pāce > p[a]z e a inovação da criação das médias abertas, consequências da evolução das médias breves em: sĕpte > s[ɛ]te e löcu > lɔgo. No entanto, podemos perceber que existem muitas correlações com a Língua Portuguesa, quando notamos que as médias breves /ĕ, ɔ/ têm relação com as médias abertas /ɛ, ɔ/ e também por terem sofrido do processo fonológico de metafoia, isto é, fenômeno fonético e fonológico que consiste na alteração do timbre de uma vogal tônica por influência de vogais próximas.

Para o entendimento das mudanças linguísticas decorridas do ritmo e do acento, tecemos uma breve explicação sobre pontos importantes do vocalismo, pois sabemos que para a descrição dos processos fonológicos é essencial observar a posição da vogal em relação ao acento.

No latim clássico, as sílabas eram pronunciadas com igual intensidade, tendo a tônica um tom mais alto. O ritmo era quantitativo, sem diferenciação entre sílabas

tônicas e átonas, apresentado na descrição de gramáticos antigos como predominantemente silábico. Nos territórios conquistados pelos romanos, os falantes não assimilavam os traços da oposição por quantidade do latim clássico, tendo como condicionamento das vogais o acento de intensidade, gerando assim as vogais tônicas, pretônicas ou átonas finais.

Dando vazão para essas modificações do ritmo da variedade culta, torna o acento determinado foneticamente pela duração das sílabas a ser fonologicamente determinado pela intensidade, desencadeando a mudança de ritmo silábico para ritmo acentual, já evidenciado na fala rústica do entorno da cidade de Roma, contrariamente a fala do latim urbano ainda com ritmo silábico. Por isso, era defendida a ideia que ocorreu a fonologização do acento de intensidade, estimulando alterações do vocalismo átono, como a apócope do /e/ final, a criação do acento oxítono e o rechaço às proparoxítonas levaram a vários apagamentos vocálicos. Ex: amāre > amar e cathēdra > catedra (cadeira).

Em relação às vogais tônicas, ocorre o fenômeno da harmonização vocálica, fenômeno fonológico em que um ou mais traços de uma vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio, por exemplo, uma palavra. (SILVA, 2011). Normalmente, quem exerce a pressão para a harmonia vocálica é a tônica. Nesse caso específico, ocorre a metafoia, desencadeadas pelas átonas, quando ocasiona o alçamento de um grau, de média aberta à média fechada, mētum > m[e]do, cōrpu > c[o]rpo; o alçamento de um grau da média fechada à alta u, vēni > v[i]m e pōsui > p[u]s; alçamento por metafoia em dois graus, de média aberta à alta, fēriō > f[i]ro, exceptuando-se essa possibilidade quando a vogal tônica surgia antes de uma geminada, fērrum > ferro. Outra situação altera o comportamento das tônicas, o fechamento de médias breves em virtude da contiguidade com um *glide*, vindos de oclusivas vocalizadas, dissoluções de hiatos (alguns originados da queda de consoantes intervocálicas), pēctu > p[e]jito, mēu > m[e]u, ěgo > [e]u.

Sobre as vogais átonas, podemos afirmar que existe uma gradação de atonicidade entre as pretônicas e as postônicas, sendo as últimas mais fracas que as primeiras, já que as pretônicas resistem mais às transformações históricas. As vogais átonas iniciais se mantêm quando não formam sílabas sozinhas, sem consoante em *onset* ou coda, ocorrendo a aférese, o apagamento como em inōdio > nojo, ou quando as vogais iniciais são confundidas com o artigo definido, abbatīna > batina, ou o inverso por analogia, num processo de prótese acréscimo de um

elemento fonético (sílabas ou sons) no início de um vocábulo, sem alteração do significado, *mōra* > *amora* ou no caso categórico da inclusão /e/ antes de grupo consonantal *sc-*, *stāre* > *estar*. Como também, vogais átonas internas, sendo pretônicas ou postônicas, sofreram a queda em favor de um grupo consonântico composto por líquidas (/l, r/) na segunda posição, como em *laborāre* > *lavar* e quando a consoante flutuante, devido ao apagamento do núcleo, pode ocupar a posição de coda, como em *honorāre* > *honrar*. As postônicas finais ficaram menos propensas a alterações em função da vinculação com as flexões, mesmo com quadro reduzido a três vogais nessa posição, somente sendo mais provável a queda do /e/ por apócope. Podemos também acrescentar que os ditongos *æ* e *œ* do latim clássico tornaram-se vogais simples em latim imperial, que são: /i/ /u/ /ε/ /e/ /ɔ/ /o/ /a/, o que não alterou o número de fonemas vocálicos no Latim vulgar.

O vocalismo definido nessa época já nos apresenta certo conservadorismo, pois o galego-português e o português contemporâneo têm sustentado a mesma base desse sistema de vogais, principalmente em posição tônica.

### 2.2.3 Transformações linguísticas das consoantes do latim clássico para o latim vulgar

As inovações linguísticas ocorridas do latim clássico para o latim vulgar devem-se a vários câmbios nas estruturas internas e externas da língua. A alteração das vogais, a convivência com outros povos e a natureza de equilíbrio e simetria das línguas impulsionou as modificações que ocorreram através do surgimento de novos sons.

**Quadro 5: Inventário de consoantes do Latim vulgar**

	Labiais		Alveolares		Pós-alveolares	
Oclusivas	p	b	t	d	k	g
Fricativas	f	v	s	z	ʃ	ʒ
Nasais	m		n			ɲ
Laterais			l			ʎ
Vibrantes			r			
			r			

No quadro 4, que trata da composição fonológica do latim vulgar, podemos observar transformações importantes para o equilíbrio e a harmonização das oposições consonantais, pois os acréscimos tornaram mais simétricos os pares, como as obstruintes surdas passaram a ter sonoras correspondentes, sendo estendido o contraste de vozeamento para as fricativas, /f/ e /v/, /s/ e /z/, /ʃ/ e /ʒ/. O surgimento da nasal e da lateral no ponto de articulação pós-alveolar já demonstra um quadro fonológico mais proporcional, preenchendo os espaços vazios. Observamos que o aparecimento dessas novas consoantes se deve à simplificação das geminadas, aos câmbios das assilábicas e aos processos fonológicos evolutivos do sistema consonantal.

O primeiro fenômeno trata das geminadas, segmentos iguais que aparecem em dupla numa palavra em contraposição às consoantes simples, que devido ao baixo rendimento estrutural, já que somente possuíam caráter distintivo quando encontravam-se em posição intervocálica, restringiu sua atuação. O enfraquecimento também se deve à não assimilação pelos povos conquistados por Roma em virtude da diversificada carga fonológica desses territórios.

Outro fenômeno dessa época versa sobre a situação das assilábicas, as letras <i> e <u> que representavam no latim clássico, vogal e consoante, em função de sua posição no interior da sílaba. Quando estavam em posição de *onset* silábico, tinham a equivalência dos *glides* /j/ e /w/, respectivamente, levando-se em consideração que nunca foram citadas pelos antigos gramáticos como ditongos, estavam sempre com posição pré-vocálica, posicionamento comum de consoantes, constatação como consoantes em outras línguas neolatinas e, principalmente, porque não criavam oposição com vogais, mas com consoantes, conforme dito por Zágari (1988).

A ocorrência da consonantização do glide /w/ surge no século I d. C, deixando de ser labial, contínuo e vozeado para evoluir para /v/, uma fricativa labial sonora, tendo uma articulação aproximada, preenchendo assim a lacuna vazia referente à homorgânica vozeada de /f/, como em *avis* > *aves*, *uidere* > *ver*. Dessa forma, surge outro impasse, acarretamos com essa evolução anterior um desequilíbrio, já que /j/ perde seu correlativo recuado. Esse som sofre com o baixo rendimento estrutural, devido à ausência do seu correlato, ocasionando a consonantização em quase todas as línguas românicas, então assume a articulação fricativa e vozeada, sendo esse segmento alto, realizado com elevação da língua para o palato, originando /ʒ/,

fonema de articulação similar, como em *lesus* > *Jesus*, *iurare* > *jurar*. Justifica-se essa mudança pela perda da parceria com /w/ devido à sua consonantização e à ausência nas fricativas de uma pós-alveolar. Vale comentar que o período registrado desse processo é contestado por vários autores, como Câmara Jr (1979).

Além disso, podemos caracterizar esse período por dois processos evolutivos no sistema consonantal: a tendência à lenização articulatória, enfraquecimento na realização de segmentos e a palatalização de segmentos. Para que esses processos ocorressem, houve um condicionamento por ambientes fonológicos particulares.

Tratamos inicialmente da lenização, que ocorria da posição inicial a posição final da consoante, abrandando suas articulações. Na posição inicial, acontece mais fracamente em função do acento de insistência, que ocorre na primeira sílaba, mantendo assim suas consoantes; na posição medial ocorreu mais fortemente, levando a substituições ou apagamentos; na posição final atingiu maiores patamares que levaram ao apagamento total.

Em posição inicial de palavras, as consoantes tendiam a preservar-se, como em *carum* > *caro*, *manum* > *mão*, *luna* > *lua*, *salire* > *sair*, *rota* > *roda*. Nessa posição ocorreu apenas um processo de mudança em relação às consoantes que deve-se às pós-alveolares (/k, g/) precedidas de /i, e/, que na fase do latim clássico já tinham uma articulação palatal, por isso assimilavam a vogal anterior, tornando-se anteriores e perdendo a oclusão (CÂMARA Jr, 1979). Especificamente, na língua portuguesa, houve um processo inverso, tendo uma mudança com as africadas surdas, que se tornou alveopalatal [tʃ], posteriormente alveolar [ts], perde a oclusão e varia para fricativa [s]. Como também, a sonora [dʒ] sofre alterações e torna-se fricativa. Portanto, os fonemas /k/ e /g/ latinos, antecidos de /i, e/ geraram os sons /s/ e /ʒ/.

*Ceram* [k] > *cieram* > *tjera* > *tsera* > *cera* [s]

*Gemere* [g] > *giemere* > *dʒmere* > *gemer* [ʒ]

Alguns resquícios desse processo histórico de transformação de /k/ e /g/ em /s/ e /ʒ/ podem ser encontrados em palavras como *fonólo*[g]o, *fonolo*[ʒ]ia, *históri*[k]o, *histori*[s]ismo. Como também, em posição medial sofre assibalação, metaplasmo que consiste na permuta de dois ou mais fonemas por uma sibilante, geralmente,

após um processo de palatalização e outros processos fonológicos, como trata Gonçalves e Belchor (2017) “fechamento de timbre da primeira vogal do encontro, transformando-o em glide e, conseqüentemente, formando um ditongo crescente para depois desfazer a contigüidade de dois ápices silábicos por meio de mutação consonantal” como

lancea > lancia > lancia > lantʃa > lantsa > lança  
vídeo > vedio > vedio > vedʒo > vejo

As consoantes intervocálicas também foram afetadas por dois processos fonológicos como a sonorização das surdas /p, t, k, f/ e o enfraquecimento das sonoras /b, d, g/ e líquidas alveolares /l, n/. Autores como Câmara Jr (1979) afirmam que por causa da degeminação foi criado um espaço para compensação da perda de um fonema de oposição favorecendo o surgimento de outro traço e Said ali (1966) afirmam que é um processo de assimilação parcial progressiva. Observamos que as surdas se tornam sonoras como em

/p/ > /b/ sapere > saber  
/t/ > /d/ acutum > agudo  
/k/ > /g/ antes de < a, o, u > dico > digo  
/f/ > /v/ aurifecem > ourives  
/s/ > /z/ rosam > rosa

Percebemos também o caso das sonoras intervocálicas que, muitas vezes, por abrandamento nas suas realizações sofrem síncope, ou seja, conforme uma língua evolui pode ocorrer a supressão de fonemas nas palavras, podendo cair um ou mais fonemas do interior ou meio de uma palavra. Os fonemas oclusivos sofreram um processo de fricativização em posição intervocálica, iniciados provavelmente por /b/ que tinha um enfraquecimento na sua articulação, gerando a realização de /β/, e assim, pode ter provocado um efeito em cadeia nas oclusivas /d, g/ que, por simetria no modo de articulação e no ambiente, torna-se /ð, ɣ/ respectivamente.

Esse processo atingiu a série labial de forma geral, tendo a língua um correspondente próximo /v/, resultante da consonantização de /w/ quanto do

vozeamento de /f/, havendo uma confluência entre /β/ e /v/ como nos exemplos, uiderere > ver e rabia > raiva. Para o segmento /d/ alveolar ocorre categoricamente a queda no português, como em sede > sé, radice > raiz, gradu > grau, nudu > nuu > nu. Para o fonema /g/ temos movimentos de preservação, substituição ou queda em virtude das vogais adjacentes, sendo vogais recuadas, preservam-se, negare > negar, se apenas a segunda é recuada, normalmente, sofre a queda, ligamem > liame. Podemos também comentar que pode ocorrer a lenização seguida de palatização do /g/ na posição intervocálica, tendo como suporte a vogal /i/, segue escrito com <g> com som de /ʒ/ como no exemplo, rugire > rugiire > rudzire > ru[ʒ]ir.

Observamos que as surdas, entre vogais, transformam-se em homorgânicas vozeadas /p/ > /b/ e /f/ > /v/, no entanto em dois ambientes, os fonemas surdos mudam o ponto de articulação e se sonorizam, ocorrendo o processo de africativização, como no caso de /t/ e /k/ diante de /i, e/, tornam-se africadas, depois perdem a oclusão e ao encontrar-se em posição intervocálica torna-se vozeada [z], como em, ratione > razione > ratsone > rason > razão.

A sonorização realizou-se também em grupos consonantais intervocálicos capram > cabra, petra > pedra, lacrima > lágrima. As consoantes oclusivas velares em posição de coda silábica no interior de palavras vocalizaram e formaram ditongos crescentes, profectu > proveito, regnu > reino. Os segmentos nasal labial e vibrantes preservaram-se em posição intervocálica e em posição de coda silábica em interior de palavra.

Os fonemas que também sofreram quedas entre vogais foram as soantes /l, d, n/ gerando hiatos e favorecendo posteriormente a contração de vogais como em door > dor, poboo > povo; a formação de ditongos, quaaes > quais; ou a introdução de consoante intervocálica, vïo > vinho, para a nasal, maão > mão, razões > razões. Esses processos fonológicos devem-se a três situações: quando a // sofre a síncope e tem como resultado uma sequência de vogais, ocorre a crase; dolore > door > dor, quando a síncope gera uma sequência de vogais distintas, as vogais ficam em sílabas diferentes e preservam o hiato, salire > sair inserindo um glide recuado [j] entre as vogais, candela > candeia > candeia ou quando anula o hiato em função da vogal tônica da sílaba que houve a síncope, calente > caente > quente. Faz-se necessário mencionar que várias palavras eruditas conservam o // intervocálico, como calor, volume, entre outras.

O segmento nasal /n/ sofre a síncope depois de influenciar a nasalização da vogal precedente, exceptuando-se essa mudança quando as vogais contíguas são distintas ou estão em posição não final,

Ponere > põer > poer > por

General > gêeral > geral

Dessa mesma forma, também temos a desanalização, quando as vogais finais são diferentes e surge um glide epentético para desfazer o hiato. Avena > aveã > aveia > aveia. Em final de palavra com vogais iguais ou parcialmente idênticas, resultado da síncope da nasal, a nasalização permanece como em bene > bēe > bem, lana > lãa > lã, veranu > verãu > verão. Ditongos nasais são advindos também da queda de /e/ final em sílaba aberta, entre outras possibilidades,

Cane > cane > cãn > cão

Pane > pan > pão

Solitudine > solidõin > solidõ > solidão

Sunt > sont > son > são

Intunk > entũn > então

O outro movimento dessa época foi a palatalização, que é uma mudança que sofrem as consoantes e vogais em várias línguas, que se tornam palatais por distinta utilização da articulação bucal. A palatalização de consoantes é uma das inovações fonéticas desse período, dando origem a uma série de fonemas diferentes. A palatalização foi inserida a partir de diferentes modificações de segmentos em ambientes também distintos, como podemos ver a seguir.

As sequências ce/ci e ge/gi, as consoantes <c> e <g> pronunciavam-se como <qu> e <gu> como nas palavras do português queda, quilha, guerra e guizo, o que significa que eram oclusivas velares [k] e [g], respectivamente. No latim imperial ocorreu a aproximação dessas consoantes do ponto de articulação das vogais /i/ e /e/ que era a zona palatal, tornando a pronúncia em [kyi], [kye] e [gyi], [gye]. Depois passaram para [tʃi] e [tʃe] para posteriormente tornar-se [tʃi] e [tʃe], como demonstram os exemplos ciuitātem > Cidade e centum > Cento.



No caso específico de gi e ge a palatalização ocorreu através da mudança de [g] para [y]. Na sequência, o yod [y] sofre modificações diferentes em ambientes desiguais: a) apaga em posição intervocálica, como em *regina* > rainha e *frigidum* > frio; b) em posição inicial, o yod passa a ser [dž], resultado também do latim clássico e que naturalmente encaminhou o [dž] no yod inicial de ge e gi ex.: *iulium* > julho.

Como também, ocorre a palatalização da sequência /i/ ou /e/ não acentuado seguido de vogal. O [i] ou [e] não acentuado seguido de uma vogal passaram a ser pronunciados como yod em latim vulgar, ex.: *pretium*, *platea* e *video*. Desses casos, surgiram os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que sofreram a palatalização em [tʃy], [dʃy], [ʎ] e [ɲ]. Os grupos [ky] e [gy] transformaram-se em [tʃy] e [dʃy] ocorrendo a palatalização, como podemos ver nos exemplos a seguir. Nesses casos, os resultados finais serão complexos, pois dependerão da posição do fonema na palavra e da popularidade das palavras,

*Pretium* > *pretyum* > preço

*Pretiare* > *pretyare* > prezar

*Platea* > *platya* > praça

*Hodie* > *hodye* > hoje

*Médium* > *medyum* > meio

*Vídeo* > *vidyo* > vejo

*Facio* > *facyo* > faço

*Spongia* > *sponya* > esponja

Em galego-português medieval, as letras c, z e j representavam as africadas [ts], [dz] e [dž], sendo evidente a palatalização nessas transformações dessas palavras. Quando a yod derivada de /i/ e /e/ em hiato vinha depois de –ss- passou a ser transcrito pela letra <x>, ex.: *rüssëum* > *rossio* > *rossio* > roxo.

Quando <l> ou <n> eram seguidos de yod, advindo de /i/ e /e/ em hiato, as consoantes passaram a ser [ʎ] e [ɲ] palatais ou molhados. Exemplos:

*Filium* > filho

*Seniorem* > senhor

*Teneo* > tenho

*Muliere* > mulier > mulher

Verificamos que os fenômenos gerados pela palatalização da época imperial tiveram importância no sistema fonológico da língua, acrescentando a eles seis novos fonemas:

Latim imperial	Português
/ts/	ex.: cidade, cem, preço, praça, faço (hoje /s/) <sup>11</sup>
/dz/	ex.: prezar (hoje /z/)
/dʒ/	ex.: gente, hoje, vejo, esponja (hoje /ʒ/)
/ʃ/	ex.: roxo (/f/) (sem modificação em português moderno)
/ʎ/	ex.: filho (sem modificação em português moderno)
/ɲ/	ex.: senhor, tenho (sem modificação em português moderno)

As mudanças ocorridas nesse período são importantes para o desenvolvimento da língua portuguesa como um todo porque interferem morfológica e sintaticamente nas futuras variações da língua que irão ser estruturadas com um quadro fonológico melhor distribuído e harmonizado pela simetria das consoantes e por seus ajustes históricos.

#### 2.2.4 Transformações linguísticas das consoantes do Proto-romance

Desde a chegada à península dos germanos, em 409, e dos mulçumanos em 711, não foram encontrados documentos linguísticos. No entanto, houve um aceleração da deriva que daria origem ao proto-romance. Nesses novos rumos ocorreriam os falares ibéricos ocidentais, dando origem ao galego-português, os falares do centro da península, dos quais sairão o leonês e o castelhano.

Nessa época, desencadeia-se a evolução do grupo consonantal *cl*; ex.: *oc'lu* (de *ocūlum*) > \**oylo*. Nessa posição, *c*, é pronunciado como [k] e passa a ser *yod* [y]. Essa situação linguística é comum a todos os falares hispânicos e teremos consequências diferentes para cada região, pois, enquanto no galego-português [-yl] passa a ser [ʎ] palatal ou 'molhado', em castelhano torna-se africada [dʒ], escrita <j>, como podemos ver no quadro a seguir.

<sup>11</sup> Já existia o fonema /s/ no latim clássico, no entanto houve novas introduções advindas de outros fonemas no latim vulgar.

Latim clássico	Latim vulgar	Galego-português	Castelhano
ocŭlum	oc'lu-	olho	ojo
auricŭla	orec'la	orelha	oreja
vetŭlum	vec'lu	velho	viejo

Outra mudança que ocorre nesse período é a do grupo -ct-, que passa a [-yt-], como em nocte > noyte. O espanhol prossegue fazendo a evolução dos fenômenos apresentando a forma africada [tʃ] escrita com <ch> noche, enquanto o português persiste com a forma noite.

Nesse mesmo período, um fenômeno linguístico novo começa a aparecer no centro da península: as duas vogais abertas [ɛ] e [ɔ] do latim clássico ditongaram-se, quanto tônicas, em diversas posições, como mostramos a seguir.

a)

[ɛ] > [ɛɛ] > [ie]  
 petra > piedra

b)

[ɔ] > [ɔɔ] > [eu]  
 nove > nueve

A ditongação do castelhano não tem explicação mais sistemática. O fato do galego-português não ter feito a ditongação, deve-se ao seu isolamento em relação aos outros falares da península.

Latim clássico	Latim imperial	Galego- português	Castelhano
pĕdem	pede	pé	pie
dĕcem	dece	dez	diez
lĕctum	lectu	leito	lecho
nŏvem	nove	nove	nueve
fŏrtem	forte	forte	fuerte
nŏctem	nocte	noite	noche

Como podemos ver no quadro anterior, o castelhano não ditongou alguns [e] e [o] tônicos, é o caso de “lecho” e “noche”. Evidenciamos também que o galego-português difere dele por jamais ditongar.

Teyssier (2007:15) faz a seguinte afirmação sobre a separação entre o castelhano e o galego-português:

Esta é a razão por que, desde a época que aqui nos interessa (séculos V, VI e VII), um fosso começa a cavar-se entre o que virá a ser o galego-português e o que será o castelhano. Advirta-se, no entanto, que as duas línguas não estarão em contato: o leonês vai separá-las, criando entre ambas uma zona de transição a que, deliberadamente, não nos referimos, para melhor clareza do nosso estudo.

Do século VIII a XII irão surgir inovações específicas resultando no isolamento do Noroeste da Península. Nos séculos IX a XII, o galego-português aparecerá, juntamente com seus primeiros textos escritos que ocorrerão no século XIII.

Nesse ínterim, ocorreram três inovações:

Grupos iniciais < pl-, cl- e fl-> ch [tʃ] – inicialmente o // sofreu uma palatalização, atingindo o galego-português, o leonês e o castelhano. Posteriormente, no castelhano, a consoante inicial foi apagada, restando apenas o <l> palatal.

plaga > cast. llaga

clave > cast. llave

flamma > cast. llama

Em galego-português e em leonês ocidental, ocorreu a mudança do <l> palatal para a africada [tʃ], transcrita em galego-português com ‘ch’.

chaga > [tʃaga]

chave > [tʃave]

flamma > [tʃama]

Em algumas categorias de palavras com os grupos iniciais pl, cl, fl, em galego-português, sofreram alterações para pr, cr, fr, respectivamente, como

também bl-> br. Ainda assim algumas palavras eruditas conservaram os grupos iniciais pl, cl, fl como pleno, flauta, bloco.

placere > prazer

clavo > cravo

flaccu > fraco

blandu > brando

Outro fenômeno ocorrido foi a queda do -l- intervocálico, devido a sua pronúncia velar, o que resultou em alterações, incidindo sobre um grande número de palavras e gerando vários grupos de vogais em hiato.

salire > sair

calente > caente > quente

dolore > door > dor

voluntade > vontade > vontade

populu > poboo > povo

Algumas palavras conservaram o 'l' intervocálico, como escola, astrologia, calor, etc. Esse fenômeno foi ignorado pelo leonês e pelo castelhano. A queda de -n- intervocálico, processo que surgiu depois da queda do 'l' intervocálico, provavelmente ocorreu no século XII, com o aparecimento dos primeiros textos escritos. Temos como exemplo a palavra corona, que primeiro sofreu a nasalização da vogal precedente e depois houve a perda do 'n', ou seja, os 'n' intervocálicos nasalizaram a vogal precedente e depois se apagaram. A separação silábica depois da perda do -n- intervocálico permaneceu semelhante, em sílabas diferentes. Esse fenômeno não foi documentado em leonês ou castelhano. Ainda assim, existem casos de permanência do -n- intervocálico.

manu > mão

panatariu > padeiro

semĩnare > semear

arena > arãa

luna > lũa

homĩnes > homens

### 2.2.5 Transformações linguísticas das consoantes e vogais no Galego-português

Em termos fonéticos-fonológicos, o galego-português situado entre 1200 a 1350 trouxe algumas alterações. Quanto ao acento tônico, poderia encontrar-se na última e penúltima sílaba, mas muito raramente na antepenúltima.

Podemos configurar o sistema acentual dessa forma: os fonemas vocálicos em posição tônica apareciam em maior quantidade, /i/ /u/ /e/ /o/ /a/. Quando as vogais estavam em posição átona final o sistema se reduzia a /i/ /e/ /o/ /a/. Em posição átona não final, essencialmente em posição pretônica, o sistema resultava em cinco fonemas: /i, u, e, o, a/.

As consoantes podem ser configuradas dessa forma:

<b>Quadro 6: Inventário de consoantes do galego-português</b>				
	Labiais	Dentais-alveolares	palatais	Velares
Oclusivas				
Surdas	/p/	/t/		/k/
Sonoras	/b/	/d/		/g/
Constritivas				
Surdas	/f/	/ts/ /s/	/tʃ/ /ʃ/	
Sonoras	/v/	/dz/	/(d)ʒ/	
Nasais	/m/	/n/	/ɲ/	
Laterais		[l]	/ʎ/	/ʎ/
Vibrantes				
Branda		/r/		
Forte		/r̄/		
Semivogais			/y/	/w/

Vogais nasais /i, u, e, o, a/ são nasalizadas por uma consoante imploriva, ou seja, seguida de outra consoante ou no final de palavra. Os encontros vocálicos, decorrentes das desnasalizações, quedas das consoantes g, d, -l- intervocálico, aumentaram o número de vogais em hiato.

## 2.2.6 Transformações linguísticas das consoantes e vogais no português europeu

O português europeu está localizado entre o século XIV até os dias atuais. Em 1350, extingue-se a escola literária galego-portuguesa, tendo como decorrência o destroncamento para o sul do centro de gravidade do reino independente de Portugal. Agora, o português separado do galego torna-se a língua de um país, cuja capital é Lisboa. Nesta parte do reino, estão dispostas as instituições com papel cultural mais importante, mosteiros e universidades, cidade mais povoada e o primeiro porto do país. Neste momento, Lisboa e Coimbra passam a ser dominadas pela língua portuguesa.

Podemos demonstrar que houve uma evolução fonética do português europeu do século XIV até nossos dias. Um dos processos foi a eliminação dos encontros vocálicos herdados do galego-português que formavam um hiato, resultantes da queda do -d-, do -l- e do -n- intervocálicos. Ex: Vĩ-o > vinho, le-er > ler, Ma-a > má. A supressão dos hiatos foram realizadas através do desenvolvimento de uma consoante entre duas vogais, nas sequências -ĩ-o e -ĩ-a, quando a consoante nasal [ɲ] surgida de i em hiato, separa as duas vogais em hiato.

vinu > vĩ-o > vinho

gallina > galĩa > galinha

Como também, foi feita a contração das duas vogais numa vogal temática única, quer dizer, quando uma das duas vogais é nasal, o resultado é uma vogal nasal. Ex.:

lã-a > lã

bõ-o > bõ

caente > queente > quente

pa-ombo > pombo

Em contrapartida, quando a supressão se dá entre duas vogais orais podem acontecer modificações fonológicas. Em posição tônica temos como resultado da contração das vogais orais:

[i ] → vi-es > vis

[e̞] → se-er > ser

[e̞] → se-er > ser

[o̞] → co-obra > cobra

[o̞] → co-or > cor

[u] → nu-o > nuu > nu

[a] → ma-a > má

Na posição postônica não ocorre nenhuma mudança. Os grupos átonos situados no fim de palavras contraem-se em -o e -a. ex.: diabo-o > diabo, brága-a > Braga. Na posição pretônica, as contrações de vogais em hiato vão gerar três fonemas vocálicos novos, que são hoje [e̞], [o̞] e [a], pois se distinguem das vogais simples na mesma posição. Ex: esque-ecer > esquecer, ca-aveira > caveira, co-orar > còrar.

Mais outros fenômenos descendentes da eliminação dos encontros vocálicos. São eles:

a) contração de duas vogais orais num ditongo oral ocorrendo quando a pronúncia monossilábica de grupos de vogais em hiato produz ditongos. Ex:

a-e : sina-es > sinaes > sinais

a-o: ma-o > mao > mau

o̞-e: so-es > soes > sóis

e̞-e: crue-es > cruees > cruéis

e̞-o: ce-o > ceo > céu

b) contração de uma vogal nasal e de uma vogal oral em ditongo nasal.

ã-o: mã-o > mão

ã-e: câ-es > cães

õ-e: leõ-es > leões



Encontros vocálicos provindos da queda de -d- nas desinências verbais ocorreram na metade do século XV em posição intervocálica na desinência da segunda pessoa do plural dos verbos. Ex.: *estades > esta-es > estaes > estais*.

Outro fenômeno ocasionado na separação do galego do português foi a unificação dos substantivos singulares anteriormente em *ã-o*, *-an* e *-on* que na forma primitiva convergiram para *-ão* – Ex.: *dan > dão*, *cantarán > cantarão*, *son > são* – como também as formas verbais átonas, ex.: *cantaram > cantarão > cantaram*. Vale mostrar também os advérbios *non > não* e *entón > então*.

Em galego o /b/ e /v/ eram fonemas distintos e hoje ainda temos a permanência da distinção entre /b/ e /v/ no português comum. O /b/ bilabial e /v/ labiodental, mas há hoje numa grande zona do Centro e do Norte, um fonema único bilabial.

Dentre outros aspectos, observamos a evolução do sistema das sibilantes que se apresentavam em posição intervocálica.

	Pré-dorsais	Ápico-alveolares
Surdas	/s/ escrito ç, e c antes de e e i Ex: paço	/s/ escrito s- e -ss- Ex: passo
Sonoras	/z/ escrito z Ex: cozer	/z/ escrito -s- Ex: coser

Essas quatro unidades distintivas encontram-se no português no começo do século XVI, tendo ortografias coerentes. No entanto, em 1550 algumas desordens iniciam em textos escritos entre cada uma das pré-dorsais e a ápico-alveolar que lhe corresponde, pois surgem ç em vez de –ss-; -ss- em vez de ç; z em vez de –s-; e –s- em vez de –z-. No final do século XVI reduziu-se de quatro para dois fonemas, uma pré-dorsal surda /s/ e uma pré-dorsal sonora /z/. Atualmente, em várias regiões de Portugal, existe a confusão entre pré-dorsodentais e as ápico-alveolares e a conservação dos quatro fonemas primitivos.

A monotongação de ou [ow] em [o] foi uma das atualizações do português comum no século XVII, ex: *cousa*, *pouco*, *amou*. Entretanto, ao norte de Portugal continua resistente. Esse fenômeno atingiu bastante palavras, embora em algumas o ditongo <ou> tenha sido substituído por <oi>, evitando assim a monotongação.

Da mesma forma, acontece a passagem da africada palatal [tʃ] escrita <ch> como em <chamar> para a constrictiva simples [ʃ] escrita <x> como em <deixar>, a partir do século XVII, pois [tʃ] perde o seu elemento inicial, confundindo-se com [ʃ].

Em português europeu normal, a pronúncia de s e z implosivos, quer dizer, em posição final de sílaba, são realizados como chiantes. Tem-se como regra: a surda [ʃ] realiza-se em final absoluta ou diante de consoante surda e a sonora [ʒ] diante de consoante sonora.

Um dos problemas é a redução das vogais átonas [ɐ] e [ɔ] em posição final átona e posição pretônica.

A monotongação de <ei> em /e/ não foi bem recebida na língua comum, portanto, não foi aceita em regiões determinantes de Portugal. Assim sendo, ocorreu a manutenção de ei.

Dentre as mudanças do galego para o português apresentadas, muitas se consolidaram e outras partiram para inovações fonéticas do século XIX como:

[e] > [ã] antes de iode ou consoante palatal

Ei ([ey]) > [äy]

-em ([ẽỹ]) > [ãỹ] - como em mães e alemães

[ɐ] tônico [ã] – venho [vãhu]

a pronúncia uvular do / r̄/

### **2.2.7 Transformações linguísticas das consoantes e vogais no português do Brasil**

No século XVI a Língua Portuguesa já estava alojada no Brasil, tendo já sido realizadas muitas mutações no Português europeu, como a eliminação de encontros vocálicos; unificação do singular das palavras do tipo mão; manutenção da distinção de /b/ e /v/; simplificação do sistema das sibilantes. Outros aspectos conservadores são a pronúncia de –s e do –z implosivos em grande parte do Brasil e a pronúncia chiante, característica do Rio de Janeiro; a pronúncia de vogais átonas pronunciando [u] para <o> e pronunciando [i] para <e>; conservação da pronúncia do ditongo [ei] e a conservação do [e] antes de consoantes palatais e certas reações ortográficas.

Percebemos que existem também aspectos inovadores da fonética brasileira, como a não existência das oposições fonológicas que existem em Portugal, para essas três vogais tônicas, a, e, o, entre timbre aberto e o timbre fechado, neutralizam-se no Brasil diante de consoante nasal; em sílaba pretônica o português ignora as vogais escritas <a, e> e <o, a> oposição dos timbres aberto e fechado; Proclíticos e enclíticos em -e são pronunciados como [i] no Brasil; a vocalização de [ʔ] velar em final de sílaba para [w]; a pronúncia chiante de -s e -z em final de palavras provoca o aparecimento da yode; a eliminação de grupos consonantais que ocorrem em certas palavras de origem erudita pelo aparecimento de um /i/, e mais raramente o /e/; a palatalização dos grupos ti e di das oclusivas [t] e [d]; a supressão da pronúncia de /r/ em final de sílaba.

### 2.3 Transformações Linguísticas do Latim ao Espanhol

Tratamos aqui sobre o sistema vocálico e consonantal do espanhol. Vale informar que as referências utilizadas para demonstração dos fenômenos históricos do latim ao espanhol, também objeto do nosso estudo foram baseadas em Aguilar (1997), Lapesa (1981), Quilis Morales (2005) e Ariza (2016). Os primeiros textos escritos em romance castelhano, nos séculos XII e XIII, foram construídos pelos autores em um sistema de transcrição diferente da escritura latina habitual.

#### 2.3.1 Transformações linguísticas do sistema vocálico espanhol

O castelhano medieval apresenta um conjunto de fonemas vocálicos que não irá mudar nos séculos posteriores, a combinação das vogais nos ditongos já tinha chegado a sua versão quase definitiva. As alterações do vocalismo latino aparecem ocultos por trás da ortografia, que continua a mesma. As modificações esperadas resumir-se-ão à distribuição da presença ou não de certas vogais em algumas palavras.

Quadro 7: Mudanças vocálicas em posição tônica										
LC	ī	ĩ	ē	ě	ā	ǎ	ö	ō	ū	ǔ
LV	i	e		ɛ	a		o	ɔ		u
CAS	i	e		ei	a		ue	o		u

Quadro 8: Mudanças vocálicas em posição átona não final										
LC	ī	ĩ	ē	ě	ā	ǎ	ǒ	ō	ū	ǔ
CAS	i	e			a		o			u

Quadro 9: Mudanças vocálicas em posição átona final										
LC	ī	ĩ	ē	ě	ā	ǎ	ǒ	ō	ū	ǔ
CAS	e				a		o			

Apresentamos o sistema vocálico composto por cinco fonemas: /a, e, i, o, u/ aparecendo de forma clara em posição tônica, enquanto que em sílaba átona parece ocorrer a neutralização de algumas diferenças como em e/i, o/u. Em sílaba final, a distribuição é defectiva, não costumam aparecer nem /i/ nem /u/. Os ditongos crescentes são as combinações vocálicas mais frequentes, enquanto que os outros limitam-se ao léxico culto como em ‘cautivo’, dialetal /ei/ como em ‘pleito’ ou a umas poucas formas nominais e desinências verbais ex: Dios, partió.

### 2.3.2 Transformações linguísticas do sistema consonântico

Segundo Aguilar (1997:88) os primeiros textos castelhanos apontam um conjunto variável e complexo de consoantes. Observando os textos mais primitivos, “[...] las grafías utilizadas pueden intercambiarse entre fonemas relativamente próximos o variar de modo arbitrário para um mesmo fonema, con lo que em ocasiones más bien enmascaran que revelan la realidade fónica subyacente”<sup>12</sup> pois parece que as grafias usadas não tinham regularidade, pois podiam trocar entre fonemas próximos ou variar de modo arbitrário para um mesmo fonema. Entretanto, no final do século XVII, a prática de escrever em romance incentiva o crescimento de hábitos unificadores que auxiliam a constituição do castelhano literário ao longo do XVIII. Deve-se a essa unidade gráfica a normalização linguística, que permitiu o estabelecimento de um sistema consonantal castelhano medieval.

<sup>12</sup> Tradução nossa: “[...] as grafias utilizadas podem trocar entre fonemas relativamente próximos ou variar de modo arbitrário para um mesmo fonema, que muitas vezes, antes mascaram que revelam a realidade fónica subyacente”

As transformações sofridas pelo sistema na época tardia são conhecidas, mas ainda são incipientes na construção de um sistema consonantal do latim vulgar, no entanto podemos assinalar algumas mudanças pontuais como a palatalização e a sonorização de consoantes surdas nas regiões românicas ocidentais e sua ausência nas regiões orientais.

Alguns fenômenos começavam a ser gerados quando iniciaram a composição de textos romances na Península Ibérica. Como nem todos haviam obtido o patamar de estabilidade, como a questão da palatalização, descrevemos os processos de sonorização de surdas, relaxamento de sonoras e simplificação de geminadas.

Apresentamos o inventário de consoantes do latim vulgar e as inovações do castelhano medieval. Os sons em negrito são as inovações do castelhano medieval em contraste com os sons já existentes no latim vulgar. Os sons que estão entre parênteses não apresentam confirmação da existência do seu caráter fônico. Exibimos as explicações da origem do quadro fonológico do castelhano medieval.

<b>Quadro 10: Inventário de consoantes do latim vulgar ao castelhano</b>						
	Labiais/dentais		Alveolares		Pós-alveolares	
Oclusivas	p	b	t	d	k	g
Africaas	<b>ts</b>	<b>dz</b>	<b>tʃ</b>			
Fricativas	f	<b>β ou (v)</b>	s	<b>(z)</b>	ʃ	<b>ʒ</b>
Nasais	m		n			<b>ɲ</b>
Laterais			l			<b>ʎ</b>
Vibrantes			r			
			r			

Da evolução do latim ao castelhano, observam-se diversas mudanças fonéticas e gráficas.

Encontramos quatro consoantes labiais:

1) a consoante /p/, surgiu a partir da posição inicial latina p (patre > padre, pōrtu > puerto) e -pp-, geminada interior e intervocálicas (cappa > capa, mappa > mapa);

2) a consoante /b/, oclusiva, originou-se em latim inicial b (bōnu > bueno, būcca > boca, badiu > bayo), da intervocálica -p- sonora: lūpu > lobo, cūpa > cuba e do evento de -bb- (abbate > abad, escrito com repetidamente abbad ou abbat, por cultismo).

3) a consoante /v/ (ou /β/), fricativa, veio da consoante v (venire > venir, voltu > vuelto, lavare > lavar), da -b- latina relaxada (-aba imperfeito) > -ava, probare > provar, globēllu > ovilho, etc.), da rara -f- intervocálica latina (profēctu > provecho, trifīniu > treviño), e da adaptação da φ grego (raphānu > rávano);

4) a consoante /f/, inicial latina (fuī > foi, fōrte > fuerte, fēmīna > fembra), e alguns casos de -nf- grupo latino que já tendia a ser simplificado em latim (infante > ifante; confundere > cofonder). A /f/ latina inicial ou depois de consoante mantinha notável regularidade, no entanto no séc. IX, começou a ser substituída por uma aspirada que tendia a desaparecer. (fagētu > haetu, fagea > hayuela, formacea < ormaza).

O castelhano medieval teve os seguintes fonemas dentais, excluindo as sibilantes:

1) a consoante /t/, brotada de t- inicial latina (tōtu > todo, tēgūla > teja) e -tt- interna (līttēra > letra) em latim tardio foi assimilada a geminada o grupo -pt-, de modo que o resultado é o mesmo: sēptem > siete;

2) a consoante /d/, teve origem na d- (dīe > día, dominu > proprietário), e -t- intervocálica sonora (petere > pedir, -atu > -ado, etc.). É muito crível que este /-d-/ fosse fonologicamente diferente como oclusiva d- da -d- latina sendo talvez fricativa. A d-, nascida da sonora latina, estava desaparecendo (cadere > caer), enquanto que /-d-/ descendente de -t- mantinha-se estável, como em: gradu > grado, nīdu > nido, etc; esses dois fonemas se neutralizavam em posição final;

O castelhano possuía dois fonemas velares:

1) O fonema /k/, originário de equivalente fonema em posição inicial (caput > cabo) de velar geminada surda interior (sīccu > seco) e da lábio velar surda latina, /k<sup>w</sup>/ em posição não intervocálica (escrita qu): quaerere > querer, quīndēcim > quince, quōta > cota etc.), exceto posição inicial, seguido de /á/, desenvolve cuá-

(quattŭor: > cuatro cuale > qual) e ante /a/ com acento secundário (Quàdraginta > quarenta), e em interior quinquagĩnta > cinquenta;

2) o fonema /g/ vem de G- (gŭtta > gota, gaudiu > gozo), e alguns eventos de k- (colăphu > colpe y golpe, cattu > gato, crēta > greda) e da intervocálica sonora -k- (secŭru > seguros, acŭtu > agudo, etc.), da -k<sup>w</sup>- sonorizada, que perde lábio apêndice normalmente (sequi > seguir, antiquu > antigo), mantendo frente a /a/ (aqua > agua, aequale > igual) de casos de lábio velar sonora /g<sup>w</sup>/ após /n/ (lĩngua > lengua, sanguĩne > sangue), por vezes /g/ surge como reforço de uma semiconsonante (mĩnũare > menguar). Parece também haver frente ao -g- distinção do sonora latina: augŭstu > agosto, navĩgare > navegar, e desapareceu em alguns outros casos ligare > liar. Essas consoantes quase não se encontravam em castelhano primitivo em posição implosiva, devido aos grupos -ct-, -gn-, etc., que haviam se reduzido;

O fonema africado, surdo e dental /š/ possui diversas origens: em posição inicial nasceu da /k-/ ante vogais palatais (caepŭlla > cebolla), algumas vezes antecedidas de s- líquida, shedŭla > cédula e em alguns casos de labiovelar /k<sup>w</sup>/, quĩnque > cinco. Já em interior de palavra, descendia da k palatalizado latino ou de tj-, -kj- precedidas de consoantes que evitassem a sonorização, vincere > vencer, martiu > março, -antia > -ança. Como também -ct- frenta a yod, directiare > (a) dereçar, collacteu > colção e com -s- absolvida na sibilante, fascia > faça. Algumas vezes, percebeu-se esporadicamente de consoante acrescentado de /k<sup>w</sup>e, k<sup>w</sup>i/, toquere > torcer. Outra transformação de explicação pouco acessível, -dj- > -š- em posição intervocálica como depois de consoante, badiu > baço, verecũdia > vergüença.

Da mesma origem, tem-se um correspondente fonema sonoro /ž/ que ocorre em contextos sonoros, não acontecendo em início de palavra. Originário de k, tj e kj, em posição intervocálica, dicere > decir, vĩcĩnu > vezino, pŭteu > pozo, cortĩcea > corteza, através de /k<sup>w</sup>e, k<sup>w</sup>i/ intervocálicos, coquere > cozer, coquĩna > cozinha, laqueu > lazo. Do grupo latino -rg- originou -rž- argĩlla > arzilla, spargere > esparzer, do grupo -nž- resultou gĩngĩva > enzia, singėllu > senzillo, ringėlla > renzilla, do grupo -k't-, placĩtu > plazdo > plazo, recĩto > rezo.

O fonema surdo /s/, com grafia habitual <ss>, originário da geminada latina: grössu > gruesso, passu > passo, do grupo -ps- ĩpse > esse, gŷpsu > yesso, -rs- ũrsu > osso, vėrsu > viesso.

O fonema /z/ sonoro, escrito com s entre vogais, vinha do -s- latino intervocálico. Ainda se tem dúvidas do seu caráter fônico. Casa > casa, ōsu > -oso, inclusive depois de ditongo, pausāre > posar, causa > cosa, ou depois de metáteses de semiconsoante, casēu > queso, basīu > beso. No grupo -ns- alongava e nasalizava a vogal anterior por compensação, imensa > mesa, defensa > dehesa > pensare > pesar.

As palatais castelhanas eram dois fonemas surdos e um sonoro, excetuando-se a problemática do /y/.

O fonema /š/ palatal fricativa surda procede do grupo -ks- com grafia <x>, grafia registrada desde o latim, como em taxu > texo, laxus > lexos, dīxī > dixie, laxare > lexar, dexar. Em posição implosiva, ocorre a neutralização em /s/: fraxīnu > fresno, sēx > seis. Apareceram outras sequências de /š/ com s e ss unido a semivogal palatal, como em impūlsāre > empuxar, quassiare > quexar.

O fonema palatal sonoro /ž/ apresentava diversas escritas, como i, j e g frente a vogal palatal. Suas origens são: da semiconsoante latina, iam magis > jamás, iudice > juez, iuncta > junta, iuncu > junco; de empréstimos galorromânicos, ou catalães com idêntico fonema, com el sufixo -aje. Os grupos mais utilizados são: -lj-, -g(ŭ)l, -t(ŭ)l, com em filiu > fijo, ōc(ŭ)lu > ojo, vētūlu > viejo.

O fonema africado surdo /č/, escrito normalmente com ch, vem dos grupos de consoante acrescidos de pl, cl, fl: amplu > ancho, conclavari > conchavar(se), īnflare > (f)inchar; dos grupos de consoante acrescidos de lj, c'l, g'l, t'l, com em cōchlēāre > cuchar(a), ma(n)cūla > mancha, conchūla > concha. O grupo -ct- de origem mais frequente tem como exemplos: factu > fecho, lucta > lucha, pactare > pechar. O grupo -lt- precedido de ŭ originou essas palavras, multu > mucho, cūltēllu > cuchillo.

O fonema palatal sonoro, representado por y, como também por i, j, traz alguns problemas de descrição e interpretação, pois existe o conflito entre ser um fonema consonantal ou uma variante não silábica de /i/ ou ainda um fonema vocálico singular.

Sua origem, advém do reforço da j- em posição inicial, com em iam > ya, iacere > yazer, iuncta > yunta, iugu > yugo. Esse reforço pode derivar da semiconsoante do ditongo românico /ie/ em posição inicial: hērba > yerba, ěqua > yegua ou da palatalização de G- gĕnĕru > yerno, gemma > yema, gĕnte > yente. Advém também das sequências vocálicas -j-, -dj-, -gj-, em posição intervocálica, como em maiu > mayo, jajūnu > ayuno, radiu > rayo, exagiu > ensayo.



A nasal labial /m/, descendente de /m/ bem como da geminada -mm- do latim, como em *matre* > *madre*, *praemiu* > *premio*, *sūmmu* > *somo*, como também vem do grupo latino -mb- *lūmbu* > *lomo*, *plūmbu* > *plomo*, *palūmba* > *paloma*. Quanto ao fonema alveolar /n/, herança idêntica, *nigru* > *negro*, *poena* > *pena*, originou-se de neutralizações causadas por um processo fonológico – ou mais de um: queda de vogal e assimilação do ponto da consoante seguinte: *m* > *n/\_ d*, *comīte* > *conde*, *semīta* > *senda*, de monossílabos terminados em -M, *tam* > *tan*, *cūm* > *com*, *quēm* > *quien*, de -n latina, como em, *īn* > *em*, *non* > *non*.

A nasal palatal /ɲ/ tem várias origens: da sequência n mais yod formada a partir de -nj-, em *senīōre* > *señor*, *hispanīa*, do grupo -ng'l-, *ūngŭla* > *uña*, *angŭlu* > *riaño*, do grupo -gn-, *sīgna* > *seña*, *līgna* > *leña*, *pŭgnu* > *puño*, *cognātu* > *cuñado*; da nasal geminada, -nn-: *annu* > *año*, *canna* > *caña*, do grupo -mn- *scamu* > *escaño*, *damnu* > *daño*. A abreviação da grafia de nn em ñ, tornou-se a grafia atual.

A líquida lateral /l/ deu origem à líquida palatal, procedendo em posição inicial dos grupos pl-, cl-: *planu* > *llano*, *plancto* > *llanto*, *clave* > *llave*, e em alguns casos de fl-, *flamma* > *llama*. Em posição interior originária da geminada latina -ll-, *caballu* > *cavallo*, *valle* > *valle*. Outros casos mais raros, dos grupos ffl, *afflāre* > *falar*, -b'l-, *tribūlu* > *trillo*, -t'l- *rōtūlu* > *rollo* e -lj-, *mirabīlīa* > *maravilla*, *battualīa* > *batalla*.

Os fonemas vibrantes /r/ simples e /r̄/ múltiplo conserva a oposição de simples e geminada, como em *caru* > *caro*, *carru* > *carro*. O /r/ simples tornou-se múltiplo por analogia com alguma outra palavra, em *characiu* > *carrazo*, *careceu* > *carrizo*, *caronea* > *carroña*. Em posição inicial e depois de consoante, *radīce* > *raíz*, *honorātu* > (h)onrado.

### 2.3.3 Transformações linguísticas na evolução do castelhano medieval

Nesse momento histórico, baixa Idade Média, foram firmadas mudanças já iniciadas em épocas anteriores, fazendo a manutenção de variações e prevendo alterações que se formalizarão no Século de Ouro, época clássica e o auge da cultura espanhola, essencialmente desde o Renascimento do século XVI até o Barroco do século XVII.

No tocante às vogais, houve poucas modificações, que não alteraram o sistema vocálico. Um deles foi a mudança de posição de acento para formar

ditongos, como em *regīna* > *reina*. Houve também a redução /ie/ para /i/, quando havia herança do sufizo *-ēllu* > *iello* > *illo*.

Podemos perceber no séc. XVI a redução em outros casos, como em *saecūlu* > *si(e)glo*, *věspěra* > *vi(e)spera*. Além disso, aparecem casos de redução do /ue/ para /e/ em ambientes em que se produz a dissimilação de sons labiais, como em *colūbra* > *cul(u)ebra*, *frōnte* > *fr(u)ente*. Mais tarde, se apresenta procedendo de metáteses de yod, *bōrōvīa* > *bur(u)eba*, em vários casos de *-(u)eña*, *-eña* e no sufixo *-duero*. Seu uso frequente, acabou por naturalizar o processo. Outro fenômeno que sofreu alterações foi o caso da apócope de vogais finais, que passaram a não ter mais força desde o séc. XIII.

Para as consoantes, houve poucas alterações também. No entanto, observamos a constante variação de consoantes, como nos casos de f-, sibilantes e palatais. Há de se anunciar que esses processos seguirão até o espanhol clássico para se firmar. A propagação da mudança de f-> h- foi constante nos séculos XIII e XV, ocorrendo lentamente para se estabelecer, pois sofreu impedimentos pelo conservadorismo da língua culta, pois era considerada vulgar e ao final desse período foi registrada em documentos literários. A aspiração de f- antes de vogal: *fīliu* > *hijo*, *fēmīna* > *hembra*, *fōlia* > *hoja*, não ocorrendo antecedendo líquidas e ditongos, *frōnte* > *frente*, *fascia* > *haça*, *fěsta* > *fiesta*, *fěra* > *fiera*, *fěrru* > *hierro*. Em interior de palavra também ocorreu, *defěnsa* > *dehesa*, *confīniu* > *cohiño*. Esse fenômeno dominou desde 1300, conservando-se apenas em cultismos, semicultismos e em termos jurídicos.

Um dos fenômenos mais confusos da história do espanhol parece ter se firmado na literatura medieval, a distinção entre uma labial sonora oclusiva, com grafia b, originária de b- e -p- latinas e uma fricativa sonora /v/ ou /β/ escrita u, v, derivada de -b- e v latinas. Ainda convém citar (CANO, 1997:210) “Sin embargo, muchos textos, en especial de la zona norteña de Castilla (al igual que en León y Aragón) muestran abundantes confusiones, que parecen indicar, o bien una total indistinción entre ambos fonemas (por tanto, con [b] o [β] según el entorno fónico), o bien la primitiva igualdad en posición interior.”<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Tradução nossa: No entanto, muitos textos, em especial da zona nortenha de Castilla (igual que em León e Aragón) mostram abundantes confusões, que parecem indicar, ou antes uma total indistinção entre ambos fonemas (por tanto, com [b] o [β] segundo o entorno fónico), ou antes a primitiva igualdade em posição interior.”<sup>13</sup>

Outros fenômenos semelhantes ocorreram com as sibilantes e palatais /š, ž - s, z -š, ž/. Todas se distinguíam pelos traços de vozeado/desvozeado. Embora houvesse diferenças gráficas, as confusões fônicas continuavam. Dentre elas estão transformação de /s/ para /š/, xastre, de /z/ para /ž/, registir, /s/ para /š/, acechar e de /z/ para /ž/, prizion.

Ademais, outros grupos de fonemas fazem outras combinações, as consoantes -dg- convertem-se em -zg- por neutralização de dentais, iūdicāre > judgar > juzgar. Outras consoantes implosivas vocalizam, sem provocar modificações nos ditongos com em -b'd-, dēbīta> debda> deuda, como também a neutralização de -t e -d, que é demonstrada somente na grafia.

### 2.3.4 Transformações linguísticas do espanhol clássico

Ao longo do século XVI, o castelhano torna-se o espanhol, língua da cultura do mundo moderno, língua que se expandiu além das fronteiras.

Sobre as vogais, nessa época, fixa-se a distribuição das vogais em posição átona. Nesses processos se descarta a vogal /a/ em rencor, renacuajo e rebaño, escolhe-se a /i/ por /e/ em igual ou em cultismos, troca-se a vogal /u/ por /o/ em lugar, pulgar, ruído, etc.

Sobre as consoantes, muitas mudanças que ocorreram no sistema consonantal iniciadas em épocas anteriores irão ser formalizados no espanhol moderno. Essas mudanças são variantes que se apresentavam na fala popular e dialetal e por motivos culturais e históricos, vêm a assumir posições privilegiadas retirando o sistema medieval e os arcaísmos. Apresentamos as três principais dissensões entre a língua culta e literária e a língua popular que vinha se revelando nos textos castelhanos. São elas: a aspiração em /h/; a distinção de /b/ oclusiva (<-b-, -p- latina) de /v/ fricativa, para muitos, labiodental (<-b-, v latinas); e distinguia como surdas e sonoras, /š/ dental (c, ç), /s/ alveolar (-ss-) e /š/ palatal (x) de /ž/ (z), /z/ (-s-) e (ge, gi, j).

Em função do ensurdecimento de sibilantes e palatais, sugeriram outras transformações: a conversão de /š/ palatal em um fonema velar, fricativo e surdo, cuja oposição com /k/ e /g/, resultava, assim paralela a /f/ com /p/ e /b/ e a conversão de /š/ em uma articulação fricativa, não africada como antes, com um comportamento sonoro ciceante e interdental /θ/, bem mais distinguível de /s/.

Nessa época se mantém a desordem andaluza entre as dentais /ʃ/ (y /z/) e as alveolares /s/ (y /z/). As confusões geradas pelas trocas gráficas são numerosas desse fenômeno. Outra confusão, -r e -l, especialmente com casos de dissimilação (marmõre > mármol). O apagamento de -d- intervocálico, proveniente de -t- inicia sua expansão e ainda assim segue limitada a certos ambientes. Surgem também os primeiros registros de yeísmo.

### **2.3.5 Transformações linguísticas do espanhol moderno**

Os séculos XVI e XVII trouxeram algumas afirmações fônicas, o yeísmo que se expandiu, atingindo a metade do sul da Península, Canarias e América, tendo adentrado os espaços urbanos e as gerações mais jovens; o apagamento do -d- intervocálico se manifesta em todo mundo hispânico, ainda sendo considerado vulgar. Permaneceu em suas regiões originárias o seseo ou a aspiração e a perda de -s.

Diante as exposições da evolução da língua latina até as línguas portuguesa e espanhola, podemos observar que ocorreram muitas transformações do latim clássico até o latim vulgar a fim de equilibrar o sistema fonológico em função da perda das geminadas e resolução da situação das assilábicas. Tivemos nesse equilíbrio novas conquistas fônicas, como a inserção das palatais e fricativas que caracterizaram as duas principais tendências, a lenização e a palatalização. Na lenização, ocorreu a sonorização das surdas e ensurdecimento das sonoras, inclusive com alguns apagamentos. A aquisição desses novos fonemas tornou os sistemas fonológicos das línguas citadas mais simétricos.

Quanto às vogais, tivemos muitas transformações, a perda da duração como propriedade contrastiva compensada pelo acento de intensidade, a releitura da quantidade pela abertura e a formação de ditongos. A releitura do ritmo de silábico para acentual.

No próximo capítulo veremos os resultados dessas modificações através do tempo, demonstrando como o espanhol e o português reagiram aos fenômenos e quais quadros fonológicos apresentam na atualidade.

### **3 OS INVENTÁRIOS DE FONEMAS DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS NA ATUALIDADE. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS**

Este capítulo tem por objetivo apresentar os inventários de fonemas das duas línguas, procurando observar as semelhanças e diferenças entre eles. Os quadros apresentados, bem como as descrições que faremos a seguir, discutindo os pontos de contato e as divergências entre os sistemas, foram elaborados a partir de estudos relacionados a descrição dos sistemas consonantais e vocálicos da atualidade.

Apresentamos, primeiramente, os sistemas fonológicos vocálicos e consonantais do português e do espanhol a fim de demonstrar contrastivamente suas distinções na contemporaneidade. A descrição do sistema fonológico do português tem como referências as descrições de Mattoso (1977), Cunha e Cintra (1985) e Silva (2005). As descrições da língua espanhola foram baseadas nos estudos de Llorach (1991) y Quillis (1993), Tomas (2007), Masip (2001), RAE (1999) e RAE (2011). Os quadros das consoantes e vogais estão baseados nos estudos contrastivos de Oliveira (2009).

A exposição dos sistemas linguísticos, referendada pelos autores supracitados, servirão como base para uma análise contrastiva do sistema fonético-fonológico da língua espanhola e da língua portuguesa, explicando a relação entre fonologia, fonética e ortografia com a finalidade de contrastar os idiomas para estabelecer semelhanças e diferenças pertinentes para o ensino-aprendizagem de espanhol por brasileiros e assim, identificar os possíveis 'erros' advindos desses encontros/desencontros linguísticos.

Faremos a análise contrastiva separando os fonemas de cada língua pelo modo de articulação, identificando o ambiente de sua realização, seus alofones e correspondentes gráficos. A observância do contraste entre as línguas nos fará antecipar as incongruências realizadas pelos aprendizes nas produções orais sucedidos pelas disparidades entres os sistemas linguísticos contrastados.

#### **3.1 Quadros Contrastivos de Inventários de Consoantes e Vogais**

Os quadros estão dispostos por modo de articulação, apresentando também o ponto de articulação (P. A.) com separações entre fonologia, fonética e ortografia.

Tomando por base as referências já indicadas, exibimos aqui as tabelas de fonemas das duas línguas, indicando as variações mais básicas de cada um deles, bem como os grafemas utilizados para representá-los na escrita de cada uma delas.

### 3.1.1 Fonemas

#### 3.1.1.1 Oclusivos

OCLUSIVOS						
P. A	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Bilabial	/p/	[p]	p	/p/	[p, β]	p
	/b/	[b]	b	/b/	[b, β]	b, v, w
Alveolar	/t/	[t, tʃ, tʲ, t̺]	t	/t/	[t, ð]	t
	/d/	[d, dʒ, d̺, dʲ]	d	/d/	[d, ð]	d
Velar	/k/	[k]	k, c, x, qu	/k/	[k]	k, c, x, qu
	/g/	[g]	g, gu	/g/	[g, ɣ]	g, gu

O fonema /p/ em português se realiza de forma uniforme em todos os ambientes e dialetos. O fonema /p/ em espanhol possui o alofone em espanhol [β] em posição não acentuada e é representado ortograficamente por <p>. O fonema /t/ apresenta-se de forma diferenciada nos dialetos do português, podendo ser realizado por [tʃ] ou [tʲ] no sudeste brasileiro em regiões como norte e nordeste.<sup>14</sup> O fonema espanhol /t/ é representado uniformemente pela letra <t>, podendo realizar-se como fricativa dental sonora [ð] em posição intervocálica. O fonema /k/ em português realiza-se igualmente em todos os dialetos brasileiros, sendo representado por <c, qu, k e x> ortograficamente. O fonema /k/ realiza-se de forma uniforme em espanhol podendo ser representado pelas letras: <c, q, k e x>.

<sup>14</sup> Pesquisas realizadas sobre a palatalização no português brasileiro, Cristófaró Silva; Barboza; Guimarães; Nascimento (2012);

O fonema bilabial /b/ é uniforme em todos os dialetos do português brasileiro e representado por <b> na escrita. O fonema /b/ realiza-se em posição inicial absoluta ou em interior de grupo nasal. Esse fonema também tem como alofone o [β] em posição intervocálica, depois de // em sílaba medial ou final, podendo ser representado ortograficamente por <b, v, w>. O fonema /d/ é representado pela letra <d> podendo aparecer como alofone [dʒ] em regiões como sudeste, norte e nordeste brasileiro. Em espanhol o fonema /d/ em espanhol é representado por <d> na escrita, porém pode apresentar realizações diferentes como [ð] em posição intervocálica em final de palavra, podendo ser reduzido ou apagado. Em posição de coda em final de palavra poderá ser apagado. Em português brasileiro o fonema /g/ realiza-se uniformemente e é representado na escrita por <g, gu>. O fonema /g/ em espanhol realiza-se de forma uniforme na fala e tem como alofone [ɣ] e na escrita é representado por <g> ou pelo dígrafo <gu>.

### 3.1.1.2 Africados

AFRICADOS						
P. A	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Palatal				/tʃ/	[tʃ]	ch
				/dʒ/	[dʒ]	y, ll

As consoantes africadas do espanhol são: /tʃ/ e /dʒ/. O fonema /tʃ/ realiza-se uniformemente tendo como representação ortográfica <ch> e /dʒ/ realiza-se como /dʒ/ nas representações escritas <ll> e <y> em posição inicial de palavra. Em português, o fonema /dʒ/ realiza-se como alofone de /d/ em algumas regiões e /tʃ/ como alofone de /t/.

### 3.1.1.3 Fricativos

FRICATIVOS						
P. A.	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Labiodental	/f/	[f]	f	/f/	[f]	f
	/v/	[v]	v			
Interdental				/θ/	[θ]	c, z
Alveolar	/s/	[s, ʒ, z, ʃ, s]	s, x, z, ç, ss, x, sc, xc	/s/	[s, z, ʒ, θ, ʃ]	s, x, z
	/z/	[z]	z, s, x			
Palatal	/ʃ/	[ʃ]	ch, x			
	/ʒ/	[ʒ]	j, g			
Velar				/x/	[x]	j, g

As consoantes fricativas surdas são: o fonema /f/ realiza-se em português e em espanhol uniformemente e é representado na escrita como <f>. O fonema /θ/ não se realiza de forma uniforme nos dialetos da língua espanhola. É representado por <c> ante <e, i> e por <z> diante das demais vogais ou em final de palavra. Deve-se atentar que seu uso é mais comumente visto em território espanhol.

O fonema /s/ não se realiza de forma uniforme em espanhol tendo essas possibilidades de variação [s, z, ʒ, θ, ʃ], podendo também ser representado ortograficamente por <s, x, z>. Em português o fonema /s/ não se realiza uniformemente em todos os dialetos, realizando-se como [s, z, ʃ, ʒ] e tendo diversas formas de representação na escrita <s, ç, z, c, ss, x, sc, xc>.

O fonema /ʃ/ realiza-se de forma uniforme em português e tem como representação ortográfica o <ch e x>. O fonema /x/ realiza-se uniformemente nos dialetos do espanhol, porém é representado na escrita por <g> ante <e, i> e por <j>



em todos os demais ambientes. O fonema /x/ aparece em algumas realizações orais de /r/ em português em ambientes e regiões específicas.

O fonema /v/ em português é realizado uniformemente em todos os dialetos brasileiros, sendo representado na escrita por <v>. O sistema fonológico em espanhol é ausente do fonema /v/, muitas vezes confundido pela realização de /β/ na letras <b, v, w>. Como também, o fonema /z/ em português é realizado de forma uniforme no português sendo representado pelas letras <s, z>, não ocorrendo no sistema consonantal espanhol. O fonema /ʒ/ realiza-se em português de forma uniforme e é representado na ortografia por <j>. O sistema consonantal do espanhol não apresenta esse fonema.

### 3.1.1.4 Nasais

NASAIS						
P. A.	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Bilabial	/m/	[m]	m	/m/	[m]	m
Alveolar	/n/	[n]	n	/n/	[n]	n
Palatal	/ɲ /	[ɲ, ñ, j]	nh	/ɲ /	[ɲ]	ñ

O fonema /m/ é uniforme na fala e na escrita, sendo representado pela letra <m> tanto em português quanto em espanhol. Em português o fonema /n/ apresenta-se de forma uniforme na oralidade e na escrita em português, no entanto pode ser apagado, quando ocorre a nasalização da vogal precedente. O fonema /n/ não se apresenta uniformemente nos dialetos do espanhol, sendo representado por <n> na escrita. Na realização do fonema /ɲ/ em português observamos que sua presença vem sendo substituída por um glide palatal nasalizado e é representado por <nh> na escrita. O fonema /ɲ/ em espanhol realiza-se de forma uniforme e é representado por <ñ> ortograficamente.

### 3.1.1.5 Líquidos

LÍQUIDOS						
P. A.	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Alveolar	/l/	[l, w]	l	/l/	[l]	l
Palatal	/ʎ/	[ʎ, ʎ]	lh	/ʎ/	[ʎ]	ll

As consoantes líquidas podem ser classificadas como laterais e vibrantes. O fonema /l/ em português não se realiza uniformemente em todos os dialetos brasileiros, em coda silábica transforma-se em [w] vocalizando-se, sendo sempre representado pela letra <l>. O fonema /l/ apresenta-se de forma uniforme nos dialetos do espanhol e é representado pela letra <l>.

O fonema /ʎ/ em português é representado na escrita pelo dígrafo <lh>, realizando na maioria das vezes por [ʎ] nos dialetos brasileiros. O fonema /ʎ/ não realiza uniformemente no espanhol, podendo ter como alofone [dʒ, y, ʎ] sendo sempre representado na escrita com <ll>.

### 3.1.1.6 Vibrantes

VIBRANTES						
P. A.	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Thrill	/r/	[r, h, ř, x, h, ɣ, ɹ]	r, rr	/r/	[r]	r, rr
TEPE						
P. A.	PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
	Fonologia	Fonética	Ortografia	Fonologia	Fonética	Ortografia
Tepe	/r/	[r]	r	/r/	[r]	r

As vibrantes são /r/ e /r/ em espanhol e português. Em língua portuguesa, o fonema /r/, vibrante múltipla, representando ortograficamente pelo dígrafo <rr> apresenta-se em posição intervocálica, iniciando palavra ou seguindo consoante em outra sílaba. O fonema /r/ também sofre apagamento em final de sílaba antes de consoante surdas e em final de palavra. O fonema /r/ em espanhol tem como equivalente ortográfico o <rr, r>, ocorrendo em posição intervocálica, em início de sílaba, tanto inicial como medial e seguindo consoante em outra sílaba. Em português brasileiro, o fonema /r/ apresenta-se uniformemente na fala, ocorrendo em posição intervocálica, seguindo consoante na mesma sílaba. É representado pelo <r> ortograficamente. O fonema /r/ em espanhol não apresenta variações na fala, ocorrendo em posição intervocálica, seguindo consoante na mesma sílaba e em posição final de sílaba seguindo consoante. É representado pelo <r> na escrita.

### 3.1.2.1 Vogais

Parâmetros articulatorios	PORTUGUÊS								
	Anteriores			Central			Posteriores		
	Fonol	Fonét	Orto	Fonol	Fonét	Orto.	Fonol	Fonét	Ort.
Altas	/i/	[i, ĩ, j]	i, e	i			/u/	[u, ũ, w]	u, o
Media alta	/e/	[e, i, ĩ, ɪ, ε]	e	e			/o/	[o, ũ, u, õ, ʊ, ɔ]	o
Media baixa	/ɛ/	[ɛ, ɪ, i, e, e]	e				[ɔ]	[ɔ, ʊ, ũ, o, õ]	o
Baixa				a	[a, ə, ã]	a			

Quanto ao sistema vocálico, apresentamos a descrição dos fonemas vocálicos da língua portuguesa e da língua espanhola.

O sistema vocálico do português é composto por 7 fonemas: /i, e, ε, a, o, ɔ, u/. Esses fonemas são representados na ortografia pelas letras <a, e, i, o e u>.

O fonema /i/ apresenta como alofones os fonemas [i, j, ĩ] que podem ser encontrados em variadas posições, sendo representado ortograficamente <i>.

O fonema /e/ apresenta como alofones os fonemas [e, i, ĩ, ɛ] Esses alofones são representados na ortografia pela letra 'e'.

O fonema /ε/ apresenta os alofones [ε, ɪ, i, e, e]. Esse fonema é representado ortograficamente pela letra 'e'.

O fonema /a/ apresenta como alofones os sons [a, ə, ã]. Sendo representado pela letra <a>.

O fonema /ɔ/ apresenta como alofones os fonemas [ɔ, u, ũ, o, õ]. Esse fonema é representado pela letra 'o'.

O fonema /o/ apresenta como alofones os fonemas [o, ũ, u, õ, ɔ, ɔ]. A ortografia representa este fonema com a letra 'o'.

O fonema /u/ apresenta como alofones os fonemas [u, ũ, w]. Este fonema é representado na escrita pela letra <u>.

Parâmetros articulatorios	ESPAÑHOL								
	Anteriores			Central			Posteriores		
	Fonol	Fonét	Orto	Fonol	Fonét	Orto.	Fonol	Fonét	Orto.
Altas	/i/	[i, j]	i, y				/u/	[u, w]	u
Media	/e/	[e, ε]	e				/o/	[o, ɔ]	o
Baixa				a	[a]	a			

Explicitamos os fonemas vocálicos da língua espanhola, que são cinco /a, e, i, o, u/. As cinco vogais aparecem em modalidades distintas: /a/ média e os outros fonemas vocálicos /e, i, o, u/ são fechados. As vogais do sistema ortográfico também são cinco 'a, e, i, o, u'.

O fonema /i/ tem como alofones [i, j] sendo representado ortograficamente por <i, y>. O fonema /e/ apresenta os alofones [e, ε] sendo ortograficamente representado por <e> podendo variar para [ε] em contato com vibrante múltipla /r/,

diante de /x/, em sílaba travada, nos ditongos ei, oi. O fonema /o/ possui os alofones [o, ɔ] sendo representado na escrita por <o> nas palavras *ahora* e *La ola*.

O sistema vocálico espanhol é caracterizado por ter poucas modificações na pronúncia, facilitando assim a sua aprendizagem para estrangeiros.

Nesse capítulo havia a necessidade de apresentar os quadros fonológicos que representam as realizações dos fonemas de cada língua na atualidade a fim de podermos utilizar esses dados para o confronto entre os idiomas, demonstrando o contraste existente, embora tenham evidente proximidade linguística. Esses dados serão utilizados no próximo capítulo para a discussão sobre os erros atuais frente aos fenômenos ocorridos no processo de evolução das línguas.

#### **4 ERROS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL POR BRASILEIROS. RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS HISTÓRICAS DAS LÍNGUAS**

O entorno ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, como a produção de livros, editoração de manuais didáticos e os estudos linguísticos sobre a aprendizagem de LE tratam da questão da pronúncia e da oralidade como uma parte do processo educativo pouco considerável e até desprezado pelos professores em função do desprestígio evidente da área da fonética e da fonologia em termos mercadológicos. Ao rechaçar os conhecimentos pertinentes ao ensino de LE, despreza-se também a natureza dialógica da linguagem, que pressupõe a interação entre emissor e receptor. A comunicação dá-se por inúmeros fatores, sons, gestos, entonação, que participam ativamente dos atos de fala ao tentar emitir significado na interlocução.

Para ensinar uma língua estrangeira, todos os aspectos são importantes e necessários, pois a interação é resultado de conhecimentos linguísticos compartilhados pelo coletivo, que interagem conhecendo os códigos, símbolos e sons. Por isso, ao lecionar, o professor deve nutrir o aluno de todas as informações essenciais para o desenvolvimento das conversações e várias outras modalidades de fala. Dentre elas, está a produção oral, que traz consigo a realização adequada para cada fonema para que se possa fazer a interpretação correta da mensagem enunciada. Segundo Fernández (2007), deve-se reiteradamente estar atento para esse aspecto, pois os esforços empreendidos na aprendizagem de uma LE podem ser desvalorizados em virtude da pronúncia imprópria de alguns fonemas. Muitas das inadequações ocasionadas nas interlocuções são causadas pelas interferências da LM, que se adentram na fala do aprendiz de LE para suprir alguma carência e/ou desconhecimento da língua pretendida.

Na aprendizagem da língua espanhola, como já observamos, muitas interferências são originadas pela proximidade entre as línguas espanhola e portuguesa, ambas oriundas do Latim vulgar, que deu origem às línguas do ramo indo-europeu, as línguas romances. Essa similaridade provê a inserção de desdobramentos sonoros semelhantes e desiguais na aprendizagem das línguas irmãs, por elas compartilharem do mesmo nascedouro.

Assim sendo, devemos considerar os entraves dessa cercania e estudar suas ocorrências a fim de equacionar e/ou dirimir os possíveis ‘erros’ originados das interferências da LM no ensino-aprendizagem da LE. Segundo Brisolara & Semino (2016), o processo de aprendizagem de espanhol/Língua Estrangeira (LE) conduz o estudante brasileiro a empregar regras fonético-fonológicas pertencentes ao sistema linguístico de sua língua materna (LM), ocasionando as interferências que se constituem marcas da LM na aprendizagem do espanhol e, assim sendo, são processos que devem ser desinstalados a fim de melhorar o desempenho do aluno.

Muitos estudos linguísticos – Beux (2014), Santos (2016), Sandes (2010), Oliveira (2009), Barbosa (2014), Brisolara & Semino (2014), Brandão (2003), Carvalho (2004), Costa (2013), Dias (2011), Machry da Silva (2014), Mignorini (1999), Silva (2007) – já detectaram as dificuldades fonético-fonológicas da aprendizagem de espanhol por brasileiros. Dentre as dificuldades expressas, observando-se, contrastivamente, os quadros fonológicos das línguas expostas, pôde-se notar que as interferências da LM ocorriam no sistema consonantal e vocálico do espanhol, sendo percebido na produção oral e escrita e na compreensão oral e escrita. Para isso, detalharemos as interferências encontradas por diversos autores e, posteriormente, analisaremos as mais pertinentes para essa pesquisa.

Neste trabalho, temos retomado a discussão de erros no ensino-aprendizagem de espanhol LE por brasileiros, conforme já definido em inúmeras pesquisas, de acordo com diferentes linhas teóricas que buscam explicar o fenômeno. Nesta seção, o que faremos é apontar a relação entre esses erros e o desenvolvimento histórico das duas línguas no que diz respeito a suas divergências. Nesse sentido, estamos retomando resultados da discussão já efetuada, introduzindo tanto o conhecimento histórico quanto os fatos sincrônicos das duas línguas, de modo a enfatizar uma possível convergência entre esses conhecimentos e fatos e os erros já determinados.

#### **4.1 Interferências consonantais e vocálicas: os erros demonstrados**

Algumas investigações comparativas e contrastivas vêm sendo feitas ao longo dos anos sobre o ensino-aprendizagem de espanhol/LE sob a ótica da análise das estruturas e detecção de pontos que podem gerar discordâncias e problemas de pronúncia. Apresentamos alguns estudos que vêm tratando desse assunto

contrastivamente a fim de confirmar a preocupação com a aprendizagem de idiomas próximos e evidenciar a existência de dados já detectados.

Nos estudos de Hoyos-Andrade (1978) contrastaram-se os sistemas vocálicos do espanhol e do português, já prevendo a necessidade de intercâmbio de culturas e línguas. Nesse texto apresenta-se o contraste das vogais das línguas, espanhola e portuguesa, assinalando já as tendências do vocalismo português que podem causar 'erros' na aprendizagem do espanhol, alertando para o controle constante do professor e dos alunos para os eventuais deslizos, como também faz várias sugestões para evitar a pronúncia incorreta.

No intuito de comparar as línguas, Quilis (1979) fez uma descrição mais ampliada do espanhol e do português, utilizando fontes de outros países falantes do espanhol e adentrou nas regiões do Brasil para deter-se sobre os sistemas linguísticos, utilizando já demonstrações acústicas das diferenças dos idiomas. Suas comparações até hoje servem como referência para o contraste entre português e espanhol, tratando inclusive do acento.

Brandão (2003) elaborou um estudo comparativo contemplando algumas das variações dialetais de ambos os idiomas, para depois identificar os erros fonéticos persistentes na produção dos alunos com o objetivo de caracterizar e interpretar os procedimentos de correção ou de tratamento desse tipo de erro empregado.

Na Gramática Histórica portuguesa e espanhola, escrita por Masip (2003), buscou-se apresentar as origens do português e do espanhol sob uma visão sintética, indutiva e fragmentária, de forma contrastiva com um viés histórico, apresentando os fonemas e prosodemas portugueses e espanhóis e suas respectivas grafias, formas e funções sincrônicas.

Em Milani (2006), 'Gramática de español para brasileiros', trata-se de forma sucinta e detalhada sobre as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas, demonstrando que recursos linguísticos os alunos, aprendizes brasileiros de espanhol, têm de adaptar para pronunciar os fonemas da língua espanhola.

De acordo com Oliveira (2009), os brasileiros têm dificuldades pontuais em relação à aprendizagem de espanhol, devido a interferências da língua materna, tanto no sistema consonantal quanto no sistema vocálico, incorrendo em erros que geram problemas na compreensão oral e escrita e na produção oral e escrita.

Sandes (2010) contempla os estudos comparativos, identificando as dificuldades dos estudantes brasileiros, privilegiando a análise acústico-articulatória



das aproximantes e das nasais da língua espanhola a fim de encontrar estratégias de correção no âmbito da produção de sons em E/LE.

Segundo Masip (2014), em 'Fonología y ortografía españolas: curso integrado para brasileños', se esclarecem as dificuldades fonéticas, fonológicas e ortográficas específicas da aprendizagem de espanhol por brasileiros detalhando a forma de superar, evitando a pronúncia incorreta e a interferência do português, o que igualmente foi feito em 'Gramática española para brasileños: fonología, ortografía e morfosintaxis' (2010), todos esses esforços empreendidos a fim de explicar e superar as dificuldades existentes em duas línguas próximas.

Uma das pesquisas mais recentes, Brisolara & Semino (2016), esclarece que nesse estudo podemos verificar a existência de interferências específicas no sistema vocálico: abertura das vogais médias, harmonia vocálica e neutralização das vogais átonas em posição postónica final, nasalização das vogais e alongamento vocálico. As interferências no sistema consonantal podem ser apresentadas da seguinte forma: produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas, inserção de epênteses vocálicas ante encontros consonânticos formados por uma oclusiva, fricativa ou nasal em coda, ditongação de nasais em posição de coda, sonorização da fricativa /s/, palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ e vocalização de /l/ em posição de coda.

Objetivamos evidenciar as interferências supracitadas pelos autores detalhando através dos modos de articulação os possíveis erros que os aprendizes poderão ter durante o processo de ensino-aprendizagem levando os aprendizes a fossilizarem essas inaptações em estágios finais. Discutimos os erros apontados segundo Hoyos-Andrade (1978), Quilis (1979), Brandão (2003), Milani (2006), Oliveira (2009), Sandes (2010), Masip (2003, 2010 e 2014), Brisolara & Semino (2016),

A apresentação dos erros dar-se-á pelo modo de articulação, explicando como ocorre o fenômeno e em que ambiente linguístico, demonstrando através dos traços distintivos a produção oral adequada da língua espanhola/LE e a produção do estudante brasileiro aprendiz de espanhol, exemplificando o erro cometido. Posteriormente ao quadro demonstrativo serão feitas e expostas análises históricas dos fenômenos em português e em espanhol, a fim de elucidar as possíveis causas dos 'erros' por meio de uma reflexão cronológica e linguística.

#### 4.1.1 Interferências consonantais

##### 4.1.1.1 Consoantes oclusivas em posição de onset silábico

No caso das oclusivas, tratamos dos seguintes erros: palatalização do /t/ seguido da vogal /i/; realização do /b/ como /v/ em palavras escritas com 'v'; realização das oclusivas /b, d, g/.

##### Palatalização do /t/

Em português, a palatalização de /t/ é resultado de um processo fonético, logo, [tʃ] é um alofone do fonema /t/. No entanto, em espanhol /tʃ/ é resultado de um processo fonológico, representado na ortografia pelo dígrafo <ch>. Esse fato gera muitos desvios quando os falantes brasileiros, estudantes de espanhol, aplicam o mesmo processo de palatalização na realização do fonema /t/, quando em espanhol. Em português, a realização de /t/ como [tʃ] ocorre, normalmente, antes da semivogal /i/ ou quando /t/ está em posição final de sílaba adicionando-se a semivogal /i/. Em espanhol a oclusiva /t/ realiza-se em sílaba inicial de palavra e como fricativa /ç/, principalmente, em posição intervocálica.

<b>Quadro 11: Palatalização do /t/ seguido da vogal /i/</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[t, ð]	[t] → [tʃ] / _ [i]
TIA TIARA	['tja] ['tjara]	['tʃia] [tʃi'ara]
	[t, ð]	[t] → [tʃi] / _#
RITMO ÉTNICO	['ritmo] ['riðmo] ['etniko] ['eðniko]	['ritʃimo] ['etʃiniko]

Para caracterizarmos esse fenômeno, fazemos um percurso histórico, mostrando as mudanças que originaram algumas das estruturas que temos hoje referentes ao desencontro na aprendizagem da língua espanhola por brasileiros.

Em espanhol, o fonema /t/, nascido de t- latina oficial, do tt- intervocálico das geminadas e do grupo consonantal -pt-, sofreu alterações do latim clássico até o surgimento das línguas românicas. Em português, o fonema /t/ também é resultado de palavras do latim clássico possuidores de representação escrita <tt> ou <t>.

Com o enfraquecimento do valor distintivo das geminadas, perdeu-se a sua função dentro do sistema linguístico latino, surgindo disso a redução da consoante de geminada para simples e o surgimento de outros traços para compensar a perda. Sendo assim, existem fenômenos concomitantes, como a sonorização das surdas, no caso /t/ para /d/, entre outros. No caso espanhol, prossegue-se esse mesmo fenômeno dando origem à fricativização das oclusivas<sup>15</sup> com /t/ em posição intervocálica ou coda silábica transformando-se em [ð]. Em português brasileiro, o /t/ sofreu o processo de palatalização antecedendo ou precedendo a vogal /i/ originando o [tʃ] como alofone. O fenômeno da palatalização foi um processo fonológico que ocorreu na passagem do latim clássico ao latim vulgar, se estabelecendo nas línguas do tronco românico. Um desses fenômenos, do /t/ que gerou o [tʃ] como alofone em português, não se constituiu em espanhol.

Segundo Teyssier (2007) os grupos /ti/ e /di/ normalmente sofrem a palatalização no português brasileiro contemporâneo, percebendo-se claramente a pronúncia de [tʃ] e [dʃ] e com mais frequência o [tʃ] e [dʒ] em vários dialetos. No entanto, no sul do país não se observa essa variação, sendo, dessa forma, um fenômeno de ocorrência limitada a algumas regiões do país. Temos, então, uma referência histórica na língua materna que impulsiona a pronúncia do /t/ como /tʃ/ na aprendizagem do espanhol, que é o processo de palatalização ocorrido no latim vulgar.

Além disso, historicamente, sabemos de outro processo responsável pela formação de ditongos decrescentes em português com /j/, que é a vocalização de consoantes oclusivas em posição de coda em grupos consonantais -ct-, como em

---

<sup>15</sup> Em D'INTRONO, F. TESO, E., & WESTON, R., (2010), traçam-se três hipóteses de explicação da realização das obstruentes sonoras, expondo possibilidades de ocorrência de ambientes que proporcionam esse fenômeno.

lectu > leito (port.) e lecho (esp.), sendo o responsável pela troca das oclusivas pelos *glides*<sup>16</sup>, como afirma Gonçalves & Belchor (2017:74) “Outro processo responsável pela formação de ditongos crescentes com /j/ é vocalização de consoantes oclusivas que, ao contrário do latim, não podem em português, aparecer na posição de coda” Segundo Teyssier (2007) o grupo -ct-, por sua vez, passa a [-yt-]; ex: *nocte* > *\*noyte*. A língua portuguesa mantém ainda a pronúncia ['nojɫɪ] e sofre variações em algumas regiões para ['nojɫʃɪ], enquanto o espanhol, continuando a evolução, apresenta hoje a africada [tʃ] escrita <ch>: *noche*. Observamos os exemplos:

Facto > feito port.

Facto > hecho esp.

Nocte > noite [tʃ] port.

Nocte > noche esp.

Octo > oito [tʃ] port.

Octo > ocho esp.

Vemos algumas correspondências desse fenômeno entre as línguas, quando percebemos algumas realizações em ambas sobre o efeito do processo de vocalização de consoantes oclusivas em português e do apagamento da oclusiva para a geração de uma africada em espanhol através da palatalização. Isso quer dizer que em um momento histórico o grupo consonantal -ct- derivou para [tʃ], nos dois idiomas. Esse segmento é, na língua portuguesa, um alofone de /t/, demonstrando, assim, um processo em evolução e em espanhol um processo já finalizado.

Segundo Bisol,

A consequência de um traço ser redundante em uma língua é a internalização desse fato pelos falantes. [...] os falantes de português fazem uso de uma das variantes dos fonemas /t/ e /d/, aplicando a regra de palatalização sem dela tomar consciência, de tal modo que provavelmente a aplicação também ao adquirirem outra língua. Assim explica-se a produção, por exemplo, das palavras ‘timar’ (trapacear), ou ‘timba’ (qualquer partida de jogo de azar), do espanhol, como [tʃ]imar e [tʃ]imba por um falante de português. A regra de

<sup>16</sup> Segundo Silva (2011:127) glide é o “segmento que apresenta características articulatórias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de núcleo de uma sílaba. Diz-se que o glide é uma vogal assilábica, ou seja, uma vogal que não pode ser núcleo de uma sílaba.”

palatalização é parte da gramática do falante do português e a regra pode ser por ele emprestada à gramática do espanhol, até que venha a adquirir totalmente o novo sistema. (BISOL, 2005, p. 33)

Em resumo, o enfraquecimento das geminadas em espanhol /-tt-/ deu origem ao fonema /t/, que, devido à sonorização das surdas, modificou-se para /d/ sofrendo, posteriormente, a fricativização para /ð/; já o grupo consonantal -ct- passou a realizar-se como palatal /tʃ/. Em português, o enfraquecimento das geminadas /-tt-/ gerou a consoante simples /t/. Já o grupo consonantal /-ct-/ apagou a oclusiva /k/ e inseriu a vocalização, ocorrendo em seguida a palatalização do /t/ para /tʃ/ quando seguido da vogal /i/.

<b>Quadro 12: Processos fonético-fonológicos da palatalização do /t/</b>		
Espanhol	t > t, -tt-, -pt-, -ct-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Enfraquecimento das geminadas /tt/;</li> <li>- Sonorização das surdas /t/ &lt; /d/;</li> <li>- Fricativização das oclusivas /d/ &lt; /ð/ em posição intervocálica ou onset silábico;</li> <li>- Palatalização do grupo consonantal -ct- para /tʃ/;</li> </ul>
Português	t > t, tt, -ct-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação de ditongos decrescentes originados do grupo -ct- pelo enfraquecimento das oclusivas em onset silábico provocando a vocalização;</li> <li>- Palatalização de /t/ seguido da vogal /i/</li> </ul>

Essa situação, embora inicialmente fosse fonologicamente distinta, tem resquícios históricos que fomentaram restrições em cada língua e foram encaminhadas pelos falantes de forma diferenciada. Sabemos que ainda assim causa situações de erro nas produções de aprendizes brasileiros de espanhol, mas podemos também compreender que a raiz do fato está já na passagem do latim vulgar até as línguas românicas devido à lenização articulatória e à palatalização.

Em outras palavras, os pontos do sistema fonológico onde o erro mais provavelmente vai ocorrer são aqueles onde um processo de mudança histórica tomou diferentes caminhos em cada uma das línguas irmãs.

### Realização do /b/ como /v/ em palavras escritas com <v>

O fonema /b/ em espanhol pode ser representado na ortografia do espanhol como b, v e w. Por esse motivo, muitos estudantes brasileiros cometem o erro de pronunciar palavras escritas com <v>, em espanhol, do mesmo modo como pronunciaríamos essa palavra em sua própria língua, ou seja, como [v], som que, porém, não ocorre em espanhol. Em espanhol, as realizações do fonema podem ser [b] ou [β].

<b>Quadro 13: Realização do /b/ como [v] em palavras escritas com &lt;v&gt;</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[b] → [b, β] / _V	[b] → [v] / _V
ESTUVO	[es'tuβo]	[es'tuvo]
DEVOCIÓN	[deβo'sjon]	[devo'sjon]
VECINA	[be'sina]	[ve'sina]

São necessárias algumas reflexões históricas para compreender o nascedouro desse dilema antigo que se estende até hoje na aprendizagem de espanhol por brasileiros.

No tocante à forma escrita, a letra <v> latina era simplesmente a forma maiúscula da vogal <u> e não uma consoante que se pronunciaria [v], dado que o latim clássico não possuía esse segmento no seu inventário de fonemas. É por isso que, em muitos monumentos da arquitetura neoclássica, é comum encontrarmos um V no lugar de um U (FORVM ou TEATRO MVNICIPAL). (BAGNO, 2007, pág. 22)

De acordo com Gonçalves & Belchor (2017), no latim vulgar, quando o glide /w/ estava em posição pré-vocálica ocorria a consonantização, provavelmente, no século I d.C. É importante frisar que, nessa posição silábica, o /v/ não havia provocado a formação de ditongos, como em uaca > vaca, ouo > ovo. Esse segmento caracterizado articulatoriamente como labial contínuo e vozeado, tornou-se uma fricativa labial sonora /v/, perdendo sua articulação vocálica no latim vulgar, servindo assim para a ocupação do lugar da semivogal /w/ como também do lugar

vazio referente à vozeada /f/. Por exemplo: auis > aves, auena > aveia, pauone > pavão, trifulo > trevo.

Em relação a essa transformação, Cano observa:

En los primeros textos castellanos la igualdad b=v entre vocales, dentro de la palabra, era general, por lo que sólo queda suponer que el betacismo iniciado en latín tardío se había consolidado en esta posición, dando el fonema fricativo: así, sólo hallamos cantaba, maravilla, caballo, lavar, nuevo, etc. (en los textos latinos de Castilla, como de otras zonas, hay todavía una cierta mezcla de grafías b y v en estos casos). (CANO, 1997: 93)<sup>17</sup>

Existia uma grande confusão entre os sons de /b/ e /v/, tanto na fala quanto na escrita, nos primeiros textos castelhanos, originando uma desconfiança sobre o real som da letra <v> em todas as posições do latim vulgar. Devemos observar as origens.

Em espanhol, a consoante /b/, oclusiva por natureza, teve origem do <b> latino inicial, do <-p-> intervocálico sonorizado e de alguns grupos consonânticos, como <-bb-> de acordo com esses exemplos: badiu > bayo, lŭpu > lobo, abbate > abad. Já o fonema /v/ ou /β/ (várias fontes não confirmam a existência do fonema /v/)<sup>18</sup>, caracterizada distintivamente por ser fricativa, era procedente da <v> latina consonantal, do -b- latino relaxado, de casos da <-f-> intervocálica latina e incrementada pela adaptação da -ϕ- grega. (CANO, 1988:92). Deste ponto já percebemos que o nascimento do fonema /v/ ou /β/ são diferentes do fonema /b/ em espanhol.

Em português, o fonema /b/ e o fonema /v/ eram diferentes, um realizado como oclusivo bilabial e o outro como fricativo labiodental. No entanto, atualmente existe a produção dos fonemas bilabial oclusivo e fricativo /b/ e /β/ em uma longa zona do centro e do Norte, diferentemente de Lisboa e de toda a parte central e meridional do país, ou seja, a região de distinção entre /b/ e /v/ finaliza hoje a oeste, um pouco ao sul de Coimbra, subindo a Leste até Trás-os-Montes, penetrando o português do Norte, o galego e espanhol (TEYSSIER, 2007, p. 57). Esse fenômeno

<sup>17</sup> Tradução nossa: Nos primeiros textos castelhanos a igualdade b=v entre vogais, dentro da palavra, era geral, então só resta supor que o betacismo iniciado em latim tardio havia se consolidado nesta posição, dando o fonema fricativo: assim, somente achávamos cantava, maravilla, cavallo, lavar, nuevo, etc. (e nos textos latinos de Castilha, como de outras zonas, há todavia uma certa mescla de grafias b e v nestes casos). (CANO, 1997: 93)

<sup>18</sup> As fontes citadas são QUILIS (2016), ARIZA (2016) e CANO (1988).

é considerado como um ‘erro’ pelos gramáticos portugueses pelo fato da vinculação dos portugueses aos espanhóis. Os historiadores das línguas peninsulares costumam desbravar várias postulações a respeito: uns acreditam que havia dois fonemas, um fonema oclusivo bilabial /b/ e um fonema fricativo labiodental /β/.<sup>19</sup>

Estabelecidas as origens, vemos que tanto para português como para espanhol, já havia realidades divergentes. Sabemos que inscrições do séc. IV d. C. tratam do /b/ intervocálico, dizendo que nesse período ocorria a lenização das sonoras intervocálicas, pois já se tratava da síncope de consoantes sonoras em posição intervocálica, processo comum de transição do latim imperial. Como também, a oclusiva sonora poderia sofrer do processo de fricativização, sendo o /b/ fracamente articulado como um segmento contínuo labial vozeado [β], caso que responderia a realização em espanhol do /-b-/ como /β/.

O processo de fricativização tornou-se generalizado entre as labiais. Em português já havia fricativa /v/ resultante da consonantização de /w/ e do vozeamento de /f/, havendo a confluência de [β] em [v] nas falas e na escrita. Portanto, podemos dizer que, diferentes apenas no ponto de articulação, o /b/ intervocálico tem como correspondente a consoante <v> em várias representações ortográficas, conforme os exemplos: nébula > névoa, caballu > cavalo. (GONÇALVES & BELCHOR, 2017: 31-32).

Encontramos várias explicações históricas sobre o fenômeno, tanto em português quanto em espanhol. A segurança dos dados sobre a existência da fricativa labiodental /v/ em espanhol, argumentada por vários estudiosos, não pode ser confirmada concretamente, ao passo que a existência de variação do [β] e [v] em português europeu existe na atualidade em várias regiões. Vemos, portanto, que a realização do fonema /v/ em espanhol constitui-se uma dúvida no inventário linguístico espanhol e proporciona inúmeras especulações. No entanto, as referências expostas nesse texto para elaboração de um quadro distintivo – Llorach (1991) y Quillis (1993), Tomas (2007), Masip (2001) e RAE (2011) – não sugerem a existência de /v/ em sua distribuição.

Em suma, na língua espanhola, o fonema /v/ ou /β/ consequente da <v> latina consonantal, do -b- latino relaxado e de casos da -f- intervocálica latina, deram

---

<sup>19</sup> Esse fenômeno apresenta várias teses podendo ser extraídas de Quillis (2016:168), Ariza (2016:120-130) sobre a existência do fonema /v/ em espanhol, (GONÇALVES & BELCHOR, 2017, pág. 31-32) sobre o processo de fricativização da consoantes sonoras intervocálicas, D'introno, r. Teso, e., & Weston, R., (2010: 274-288), Teyssier ( 2007, 57-59) Cano (1997:92-95)



origem ao fonema /β/ que era representado na escrita por <b> intervocálico ou <v> entre vogais ou onset silábico, suscitando a existência da realização desse som também como /v/, embora nunca tenha sido comprovado em espanhol. Em português, o processo de fricativização expandiu-se apenas na série labial, utilizando a fricativa mais próxima, o /v/, oriundo da consonantização de /w/ e do vozeamento de /f/ para a letra <v>. Teyssier (2007) também aponta que, supostamente, o processo de transição do português do fonema /v/ poderia ter passado antes pela fricativa /β/, mudando apenas o ponto de articulação posteriormente.

**Quadro 14: Processos fonético-fonológicos da realização do /b/ como [v] em palavras escritas com <v>**

Espanhol	b > b, -bb-, -p- β ou (v) > -b-, -f-, φ	- Fricativização da oclusiva /b/ < /β/ em posição intervocálica ou onset silábico;
Português	b > b, -bb-, -p- v > w, f	- Consonantização de /w/ e do vozeamento de /f/;

Diante do panorama linguístico exposto, acreditamos que a proximidade de articulação do /β/ e do /v/ podem ter gerado conflitos e vacilações nas falas na passagem do latim vulgar para as línguas românicas, de tal modo que até hoje reverbera a confusão histórica, desencadeando na aprendizagem de espanhol por brasileiros dificuldades tanto na compreensão auditiva, quanto na fala e na escrita.

#### Produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas

A realização /b, d, g/ como oclusivas, em espanhol, ocorre em posição inicial absoluta ou diante de nasal. Em outras posições, as oclusivas devem realizar-se como fricativas [β, ð, γ]. Por esse motivo, muitos estudantes brasileiros cometem o

erro ao pronunciar as oclusivas indistintamente em vários ambientes, quando falando espanhol.

<b>Quadro 15: Produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[b, d, g] → [β, ð, γ] / - _ _	[b, d, g] → [b, d, g] / - _ _
LOBO	['loβo]	['lobo]
DESVIO	[des'βjo]	[bol'ber] [bol'ver]
VOLVER	[bol'βer]	[bol'ber] [bol'ver] [vol'ver]
DADO	[daðo]	[dado]
DEDUCIR	[deðusir]	[dedusir]
AGRADABLE	[aγraðable]	[agradable ]

Para buscarmos explicações prováveis para essa realidade, advinda dos erros de estudantes brasileiros, verificamos as origens dos fenômenos no latim clássico até os segmentos atuais.

Os segmentos /b, d, g/ foram originados de várias transformações do latim clássico para o latim vulgar, conforme já vimos e aqui resumimos: o fonema /b/ oclusivo, nasceu do /b/ latino oficial, do -p- intervocálico sonorizado e de alguns grupos consonânticos como -bb-; o fonema /d/ é originário de -d e de -t- sonorizado; o fonema /g/ procede de g- e de alguns casos de k-, de -k- intervocálica sonorizada, de -k<sup>w</sup>- sonorizada que perde o apêndice labial conservando-se ante /a/ e de alguns casos de lábio velar sonora /g<sup>w</sup>/ ou como reforço a partir da semiconsoante.

Em todos esses casos, percebemos que a mudança do latim vulgar para as línguas românicas, especificamente o espanhol e o português, passou por outras modificações em função do processo de lenização articulatória ocorrido nessa evolução.

Em espanhol, as sonoras latinas abrandaram suas realizações através do processo de fricativização e/ou queda desses fonemas para a formação do quadro consonantal; por isso, as consoantes /b, d, g/ oclusivas sonoras possuem alofones

aproximantes [β, ð, ɣ], apreendidos em distribuição complementar. Essa produção é similar às fricativas, podendo aparecer em vários contextos, exceto depois de pausa e depois de consoante nasal. (RAE, 2011).

Uma das explicações para a facilitação desse fato histórico é que as consoantes obstruintes oclusivas sonoras, por terem a presença de um impedimento na cavidade oral durante a produção, possuem o traço [-contínuo]. No entanto, quando os sons adjacentes anterior e posterior têm o traço [+contínuo] como as vogais e algumas consoantes como as fricativas, ocorre que as oclusivas sonoras se dissociam do traço [-contínuo] e por influência do contexto adotam o traço [+contínuo], surgindo assim as fricativas [β, ð, ɣ]. (RAE, 2011: 144).

Em português, a situação das consoantes fricativas sonoras foi definida por Gonçalves & Belchor (2017, p. 47) da seguinte forma:

Em posição medial, as surdas sonorizaram e as oclusivas sonoras passaram a fricativas, apresentando diferentes destinos conforme o ponto de articulação. Assim, /b/ evolui para /v/, /d/ sofre síncope e /g/ pode se manter, apagar ou se transformar em /ʒ/. A depender das vogais circunvizinhas.

Segundo Mattoso Câmara (1976), a síncope das consoantes sonoras em posição intervocálica é resultado de uma série de mudanças fonológicas oriundas do início do latim imperial (séc I a IV-V d.C.). Isso quer dizer que em português, para os segmentos oclusivos sonoros /b, d, g/, ocorre a queda e/ou desaparecimento de fonema(s) no interior de vocábulo. Quanto ao fonema /d/ houve o cancelamento categórico, sendo irrelevante a qualidade das vogais circunvizinhas, como exemplo, *uidere* > *ver*, *sede* > *sé*, *gradu* > *grau*. (GONÇALVES & BELCHOR, 2017: 32)

Igualmente, sabemos que esse processo de fricativização ocorreu nas oclusivas de forma ampla, atingindo as sonoras.

Se o /b/ enfraqueceu e se transformou na fricativa bilabial /β/, é provável que os demais membros de sua série [d, g], devido à simetria, tenham sofrido também, no mesmo ambiente, análogo debilitamento, articulando-se, pois [ð] fricativa alveolar vozeada e [ɣ] (fricativa velar vozeada). (GONÇALVES & BELCHOR, 2017: 31).

Atualmente, os fonemas do português /b, d, g/ mantêm a realização em posição medial e intervocálica.

Enfim, podemos resumir dizendo que os processos históricos vivenciados pelos idiomas, espanhol e português, tiveram semelhantes procedimentos de mudanças nas suas origens com resultados desiguais. A passagem do latim vulgar para a construção dos sistemas linguísticos das duas línguas passou pelo processo de lenização articulatória, no qual tanto o espanhol evoluiu para um caso de fricativização das sonoras, quanto o português ocorreu fricativização com a substituição de /b/ por /v/, substituição de /g/ por /ʒ/, a síncope do /d/ e a preservação, ou queda do /g/ quando em posição medial ou entre vogais.

**Quadro 16: Processos fonético-fonológicos da produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas**

Espanhol	b, d, g > β, ð, ɣ	- Fricativização da oclusiva /b, d, g/ para /β, ð, ɣ/ em posição intervocálica ou onset silábico; exceto depois de pausa e depois de consoante nasal.
Português	b > v d > ø g > ʒ, ʒ ou ø	- Fricativização da oclusiva /b, g/ para /v, ʒ/. - Apagamento de /d, g/.

Por tais motivos, hoje observamos desencontros nas falas dos aprendizes brasileiros, enquanto eles produzem sons seguindo a linha histórica do português, o espanhol se encaminhou por processos fonéticos diferentes. Ademais, podemos também inferir que a ausência das fricativizações dos fonemas /b, d, g/ em português dificulta a percepção e a produção dos fonemas fricativos em espanhol. De forma similar, a produção dos sons /v, ʒ/ irropem na fala do aprendiz em ambientes destinados às produções de /b, g/ em espanhol. Para suscitar mais sobre o desencadeamento das mudanças históricas derivadas do latim vulgar, vemos hoje ocorrer um prosseguimento da fricativação no espanhol com o apagamento das oclusivas em posição intervocálica e/ou medial em vários países da América do Sul e da América Central, sendo estigmatizados em muitos casos segundo a RAE (2011: 142-143). É importante frisar que em regiões fronteirizas do Uruguai ocorre um fenômeno de resistência do apagamento do /d/ intervocálico em virtude do contato com o português e do bilinguismo.

#### 4.1.1.2 Oclusivas, fricativas ou nasais em posição de coda silábica

Inserção da vogal /i/ depois de oclusiva, fricativa ou nasais em posição final de sílaba.

A inserção da vogal /i/ depois de oclusiva, fricativa ou nasais em posição final de sílaba é um fenômeno característico do português, em função do padrão silábico da língua. É comum o estudante de espanhol, brasileiro, adicionar vogais em sílabas que terminam em consoantes, em posição de coda silábica, enquanto os falantes de espanhol tendem a tornar as consoantes oclusivas em fricativas nesse ambiente.

<b>Quadro 17: Inserção da vogal /i/ depois de oclusiva, fricativa ou nasais em posição final de sílaba.</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[oclusiva]→[β] / V_ \$	[oclusiva]→[oclusiva + i] / V_ [i]\$
APTO	['apto] ['aβto]	['apito]
ADMIRABLE	[admi'rable]	[adimi'rable]
DECEPCIÓN	[desep'sion]	[desepi'sion]
AFTA	['af	['afita]
ALUMNO	ta] [a'lumno]	[a'lumino]

Segundo Teyssier (2007), os grupos consonantais que ocorrem em palavras eruditas são eliminados pelo aparecimento da vogal /i/ e/ou a vogal /e/ no português do Brasil na contemporaneidade, como nas palavras, ad(i)mirar, ad(i ou e)vogado, ob(i)servação, rit(i)mo. Um dos processos fonológicos que compõem a reestruturação das palavras é a epêntese, processo que trata do acréscimo de um segmento no interior das palavras. Mattoso Câmara (2014: 57) diz

“Na realidade há entre uma e outra consoante a intercalação de uma vogal, que não parece poder ser foneticamente desprezada, apesar da tendência a reduzir a sua emissão no registro formal da

língua culta. Ela é /i/ na área do Rio de Janeiro e /e/ ([a] neutro em Portugal).”

Bagno faz a seguinte afirmação sobre esse processo:

Uma modalidade particular de epêntese é o suarabácti (ou anaptixe), a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes: planu > prão > porão; blatta > brata > barata; kruppa (germânico) > grupa > garupa. Ocorrem diversos casos de epêntese na língua atual. Para recuperar o padrão silábico CV (consoante + vogal), é comum a inserção de um /i/ ou de um /e/ depois da consoante chamada “muda”: pneu > p[i]neu ~ p[e]neu; football > futebol; advogado > ad[i]vogado ~ ad[e]vogado. (BAGNO,2007, pág.08)

Esse processo de recuperação do padrão silábico em português não ocorre em espanhol. Na língua espanhola ocorre o fenômeno de apagamento, normalmente das consoantes oclusivas, que, em posição de coda silábica, tornar-se-ão fricativas e/ou sofrerão o apagamento em posição de coda medial, em posição final de palavras e em posição intervocálica.<sup>20</sup>

Em espanhol, segundo a RAE (2011), em função da evolução espontânea do latim, não há alofones oclusivos em posição de coda silábica, exceto cultismos. A tendência natural da língua leva à perda de traços ou à elisão. As características mais importantes dos processos desencadeados pela posição pós-nuclear de /p/, /t/, /k/, /b/, /d/ e /g/ estão relacionadas a dois tipos de fenômenos: de um lado, a tendência do espanhol à conservação dessas consoantes na posição final da sílaba em função do condicionamento lexical e morfológico da estrutura da língua; observando de outra forma, encontra-se a tendência inversa ao português, já que nessa língua a busca pela manutenção da estrutura silábica do tipo CV (consoante-vogal) leva à perda de traços ou apagamentos de segmentos consonantais em coda silábica.

Normalmente, oclusivas surdas em posição de coda silábica seguidas por uma consoante pertencente ao grupo das surdas seguem o mesmo padrão de ensurdecimento, apto ['apto]. Da mesma forma, seguidos por uma consoante sonora

<sup>20</sup> Mattoso Câmara (2014) trata desse fenômeno no capítulo 26, pág 58. “Quando a consoante aparentemente pós-vocálica está em posição final de vocábulo, é pacífica a admissão de uma vogal formando nova sílaba (/i/ na área do Rio de Janeiro, /e/ numa ou noutra área brasileira e [o] neutro em Portugal).

pertencente à outra sílaba, comumente articulam sons e/ou traços semelhantes, como na palavra *etnico* ['edniko]. Nesses casos, pode haver um fenômeno de abrandamento e/ou elisão. A consoante em coda silábica pode também adquirir as características da próxima consoante, como ocorre, por exemplo, em 'hipnose' realizada como [i' n:osis] ou em sétimo ['set:imo].

Podem ocorrer também fenômenos de reforço, enfraquecimento e de elisão dessas consoantes, que também podem modificar qualquer uma de suas características, pela proximidade da consoante seguinte. Nos grupos /sb/, /sd/ e /sg/, que apresentam maior ocorrência em vocábulos cultos, as oclusivas podem sofrer elisão, como, por exemplo, em *obstáculo* [os'takulo].

Vemos então, nesse ponto, dois processos distintos. Enquanto a língua portuguesa, com as consoantes /b/, /d/ e /g/ em posição de coda silábica, adiciona a vogalepentética /i/ para a formação de outra sílaba, como na palavra *administrar* [a.di.mi.nis.trar], a língua espanhola prefere tornar a consoante fricativa ou apagá-la ou seja, a palavra *administrar* seria realizada [a.mi.nis.trar] ou [að.mi.nis.trar].

Concluimos que a fricativização da oclusiva /b, d, g/ ou apagamento em posição de coda medial, em posição final de palavras e em posição intervocálica do espanhol decorrentes do processo de transição do latim vulgar para as línguas românicas, permaneceu até os dias atuais, enquanto que em português resolveu-se a situação das oclusivas em coda silábica através da epêntese vocálica.

**Quadro 18: Processos fonético-fonológicos da produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas**

Espanhol	b, d, g < β, đ, γ ou ø	- Fricativização da oclusiva /b, d, g/ ou apagamento em posição de coda medial, em posição final de palavras e em posição intervocálica.
Português	b, d, g + /i/ em sílaba CV	- epêntese vocálica de /i/ das consoantes oclusivas /b, d, g/ em coda silábica para composição de sílaba CV.

Esses fenômenos, embora tenham raízes semelhantes, realizam-se sincronicamente de forma distinta na atualidade e por isso não conseguem ser

apreendidos pelos alunos de espanhol, haja vista, serem diferenças fonéticas resultantes de processos históricos que tomaram caminhos desiguais: enquanto a língua materna obriga, por assim dizer, a composição da sílaba, a língua estrangeira fornece duas opções: apaga o fonema em coda silábica ou o realiza como fricativa.

#### 4.1.1.3 Fricativas

Realização do /s/ como /z/ ou /ʃ/ em posição inicial e final de sílaba ou posição final de palavra.

A realização do /s/ como [z] ou [ʃ] em posição inicial e final de sílaba ou posição final de palavra constitui-se um problema na oralidade e na escrita para aprendizes brasileiros de espanhol. Essas possibilidades existentes em português são desconsideradas para o espanhol, pois [z] não pertence ao sistema fonológico do espanhol e [ʃ] pode ocorrer somente como alofone de /ʎ/ em algumas regiões da Espanha ou América Latina, como a Argentina. A quantidade de realizações do fonema /s/ em português e a quantidade de representações escritas do /s/ incorrem em dúvidas constantes, transferindo para a aprendizagem de espanhol uma gama de situações de ‘erro’, haja vista o brasileiro também ter dúvidas na escrita do português.

<b>Quadro 19: Realização do /s/ como /z/ ou /ʃ/ em posição inicial e final de sílaba ou posição final de palavra</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[s] → [z] / _\$#	[s] → [ʃ, z] / _\$#
MESA MISMO PAZ ISLA	[mesa] [ˈmismo] [ˈpas] [ˈisla]	[meza] [ˈmizmo] [ˈmiʃmo] [ˈpaʃ] [ˈizla] [ˈiʃla]



A história das sibilantes, tanto no espanhol quanto no português, tem raízes antigas. Os sons sibilantes, fricativos e africados, são um roteiro linguístico de muitas controvérsias e confusões nas realizações orais e escritas. Do latim às línguas atuais descritas nessa pesquisa, as sibilantes oscilaram muitas vezes entre surdas e sonoras, organizando um sistema mais restrito no espanhol, na fala e na escrita, enquanto que em português as grafias se ampliaram. Observamos os fenômenos que trouxeram as realizações atuais da sibilante /s/.

Em espanhol, o fonema surdo /s/, escrito com <ss> no latim clássico, originou-se da geminada -ss- e s- latina, dos grupos consonânticos do latim tardio -ps-, -rs-, como em: grössu > grueso, passu > passo, ĩpse > esse, ũrsu > osso. Nesse momento histórico, não havia realizações da fricativa sonora /z/. A sonora produzida em contrapartida foi o /z/, escrita com /-s-/ entre vogais, que tinha procedência da -s- latina intervocálica, muito escassa e de caráter fônico impreciso.

Em espanhol medieval tínhamos como ocorrência as sibilantes, /ts, dz, s, (z)<sup>21</sup>, ʃ, ʒ, tʃ/ que coexistiam com função fonológica. Na evolução do castelhano medieval, podemos afirmar que houve muitas confusões na realização de surdas e sonoras, /s/ representado por <ss-, s-> e /z/ representado por <-s->, na escrita e na fala, confluência dos sons de /ʃ/ representado na escrita por <x> e /ʒ/ representado na escrita por <ge, gi, j> para /x/ e fenômenos orais como a realização de /s/ por /ʃ/, /z/ por /ʒ/ e outros mais raros, como /s/ por /ts/ e /z/ por /dʒ/. Nesse período ainda tínhamos muitas trocas de fonemas e trocas ortográficas, caracterizando esse momento histórico pela instabilidade fonética e ortográfica.

Em espanhol clássico, ocorreram também várias alterações: /ts/, que era representado na escrita por <c, ç>, transformou-se em /θ/ e evoluiu para /tʃ/; o fonema /dz/ evoluiu para /θ/ e depois apagou-se; os fonemas /ʃ/ representado por <x> e /ʒ/ representado por <g, acompanhado das vogais /e, i/ e j> passaram a realizar-se como /x/; e /z/, que já tinha sua realização de caráter duvidoso somente em posição intervocálica, sofreu apagamento. O fonema /s/ continua a realizar-se normalmente nas posições antigas, <ss-, s->, e passou a também realizar-se em posição intervocálica <-s->.

Sobre a evolução do consonantismo do latim ao romance, Quilis (2016) observa que em relação ao desenvolvimento do /s/ surdo houve algumas alterações;

---

<sup>21</sup> Vale esclarecer que fonemas representados nessa pesquisa entre parênteses estão assim representados por terem seu caráter fônico duvidoso sem comprovação científica de sua realização.

o /s-/ permaneceu, como em saltu > soto, sumariu > somero, surdu > sordo, podendo, algumas vezes, palatalizar-se em /ʃ/, a partir do século de ouro, tornando-se /x/, com a ortografia de <j ou g> sapone > jabón (xabón) > xabón (jabón), sucu > jugo [xugo], syringa > jeringa. Por tumulto nessas transformações, também foi realizado como /ts/, depois a /θ/ ou /s/: siliqua > ceruga, socculu > zócalo, saburra > zahorra, serare > cerrar.

O /-s-/ em latim tardio era surdo. Uma informação necessária é que em Romania Ocidental ocorre a sonorização em todas as surdas intervocálicas, que, no entanto, mantém-se como surdas na Romania oriental, o /-s-/ > /-z-/, permanecendo até o século XVII e mantendo a grafia de <s>. Posteriormente, voltou a ser surda, casa /kasa/, thesauru > /tezóro/ > /tesóro/ tesoro. Pode-se afirmar que na Península Ibérica existe a aspiração e perda do /s/ final em amplas regiões do espanhol.

A realização sonora de /s/ surge, unicamente, na língua espanhola em posição final de sílaba, precedendo uma consoante sonora. Em outra posição, sua presença é esporádica e improcedente, tendo sempre uma articulação breve e suave, impedindo sua sonorização. (TÓMAS, 1989:106-108)

Segundo Quilis (2015) o /s/ se reproduz em toda a cadeia falada, mesa [mesa], solo [solo], pasta [pasta], como também pode ser aspirada em muitas regiões da Espanha e hispanoamérica, quando ocorre em posição pós-nuclear: este [ehte] mismo [mihmo], estado [ehtaðo] e também pode ocorrer a perda em posição final de sílaba de final de palavra, tornando aberta a última vogal, ex.: datos [dato], cantes [kantɛ]. Sobre esse último fenômeno, Ariza (2016, p. 174) diz “Al contener la sílaba final un componente morfológico – el número – , la pérdida puede activar un mecanismo fonético que evite la neutralización morfológica, la confusión numérica. Así tanto en el francés como en el andaluz oriental el mecanismo há sido la abertura vocálica de la vocal final- [ummóno, [doh mono]”<sup>22</sup>

Há de se fazer uma ressalva sobre [z] em espanhol, pois este não pertence ao inventário fonológico do espanhol, porém realiza-se nos dialetos judeu espanhol e no de Serradilha em situação intervocálica por fonética sintática, no modo de dizer

---

<sup>22</sup> Tradução nossa: “Ao conter a sílaba final um componente morfológico - o número -, a perda pode ativar um mecanismo fonético que evite a neutralização morfológica, a confusão numérica. Assim tanto no francês como em andaluz oriental o mecanismo tem sido a abertura vocálica da vocal final- [ummóno, [doh mono]”

dos gramáticos, ou seja, em fronteira de palavras, como em los amores [lozamores], mantendo-se com certa medida o sistema medieval.<sup>23</sup>

Como podemos perceber, a realização de /s/ sempre existiu sofrendo modificações ao longo do percurso histórico; entretanto o fonema /z/ não tem confirmação de sua realização, parecendo ocupar um espaço de alofone posicional de /s/ em posição intervocálica <-s->. De todos os fonemas tratados aqui, restou /s, x, tʃ, θ/ para o espanhol moderno.

Passamos a tratar das sibilantes portuguesas. As ascendências semelhantes de /s/ do latim clássico, representados por <-ss-, -rs-, ps> deram origem aos fonemas do galego-português aos fonemas e suas respectivas representações ortográficas, /ts/ com <ce, ci, ç>, /dz/ com <z>, /s/ com <s-, ss>, /z/ com <-s->, /tʃ/ com <ch>, /dʒ/ com <ge, gi, j> e /ʃ/ com <x>. O fonema /s/, posteriormente, adicionou as representações ortográficas, <ç, ce, ci>, e /z/ adquiriu também a grafia <z>. O português europeu evoluiu para os fonemas /ts, s, dz, z/, que por volta de 1500 perdeu a oclusão dos fonemas /t/ e /d/, sobrando os fonemas /s/ e /z/. Já em 1550, as grafias das sibilantes, começam a embaralhar-se novamente: <ch> e <x> passam a ter a mesma sonoridade /ʃ/, e os sons /s, z/ originaram muitas incorreções gráficas. Dessas mudanças nasce a pronúncia chiente de /s/ e /z/ implosivos.

Tessier (2007), ao rever a história da pronúncia chiente de /s/ e /z/ no português europeu, relata os primeiros escritos sobre o assunto.

O primeiro testemunho que possuímos sobre essa pronúncia é o de Luís António Verney (Verdadeiro Método de Estudar, 1746), o qual declara que “todo o -s final pronuncia como x”; e acrescenta: “Não só o s final pronunciam como x, mas também o z final, o que V. P. pode ver em diz, Luiz, fiz.” Depois de Verney, um dos testemunhos mais explícitos é o do francês anônimo autor da gramática intitulada *Maître Portugais*, publicada em Paris em 1799. Trata-se da tradução francesa da *New Portuguese Grammar* de António Vieira Transtagano (Londres, 1768). Nos acréscimos e correções que o tradutor fez ao t original, lê-se: “os final pronuncia-se quase como *ous*, ou, melhor, aproxima-se sensivelmente de *ouch*”; e exemplifica com “*otrous*, ou melhor *otrouch*, que se escreve outros”. (pág. 66)

Sabemos que, no português europeu atual, todos os <s> e todos os <z> implosivos – ou seja, em posição final de sílaba – são pronunciados como chientes. A realização surda /ʃ/ ou sonora /z/ da chiente é apurada pela posição desta consoante, tratando-se de duas realizações fonéticas de um único fonema, ou seja,

<sup>23</sup> Em Ariza (2016) pode-se conhecer mais profundamente essa temática nas exposições sobre as transformações de /s/ nas páginas 173-180.

a surda [ʃ] em final absoluto ou diante de uma consoante surda; a sonora [z] diante de uma consoante sonora. No português do Brasil, a pronúncia chiante de /s/ e /z/ pode causar o aparecimento de iode, como em paz [paʃ], nós [noʃ]

De acordo com Teyssier (2007), atribuem-se duas hipóteses ao chiamento geral dos -s e -z implosivos no português europeu. A primeira refere-se ao fenômeno da transformação das “sibilantes” sofrida no decorrer do século XVI: enquanto as antigas áptico-alveolares se decompunham em pré-dorsodentais em início de sílaba, elas teriam sofrido a palatalização em final de sílaba, tornando-se assim chiantes, pronúncia chiante produzida desde o século XVI. Uma segunda hipótese e mais aceitável: os -s e -z implosivos teriam sido primeiramente sibilantes, e, em ocasião mais tardia, abarcada entre o século XVI e a data do primeiro testemunho (Verney, 1746), é que se teria produzido o chiamento.

Um dos aspectos mais conservadores da fonética brasileira refere-se à pronúncia de -s e do -z. Em grande parte do Brasil, /s/ e /z/ implosivas e sibilantes são realizados nas seguintes situações e ambientes: como [s] em final absoluto ou diante de consoante surda (mas, paz, pista) e como [z] diante de consoante sonora (vesgo). No Rio de Janeiro e em toda a extensão carioca, ocorre a revitalização da pronúncia chiante de /s/ e /z/, semelhante a Portugal, parecendo ser um fenômeno de retorno aos falares lusitanos, sendo portanto casos de pronúncia frequente e aceitável que o -s e -z implosivos sejam emitidos de forma sibilante em sua grande maioria e em pronúncia chiante, sem nenhum tipo de estigma social.

Percebemos que as línguas produzem fenômenos diferentes a partir do fonema /s/. Em português pode ocorrer o chiamento em posição final de sílaba; já em espanhol, o fonema /s/ em final de sílaba pode ser realizado como os alofones [h] e [x]. Na produção oral dos aprendizes de espanhol, os estudantes brasileiros utilizam para palavras escritas por <s> a forma semelhante ao utilizado na fala do PB, ou seja, usam os alofones em ambientes específicos [ʒ, z, ʃ, s] para s, x, z, ç, ss, x, sc, xc, tendo que restringir o seu uso a <s, x, z> com representação fonética [z, ʒ, θ, ʃ], igualmente em situações específicas.

<b>Quadro 20: Processos fonético-fonológicos da realização do /s/ como /z/ ou /ʃ/ em posição inicial e final de sílaba ou posição final de palavra</b>		
Espanhol	s > -ss-, -rs-, ps z > -s-, -ns-	- Enfraquecimento das geminadas - Perda da oclusão das africadas
Português	s > -ss-, -rs-, ps z > -s-, -ns-	- Enfraquecimento das geminadas - Perda da oclusão das africadas - Chiamento em posição final de sílaba

Podemos também inferir que as origens dessa diversidade entre línguas próximas sugerem uma explicação/avaliação histórica da ocorrência dos fenômenos, pois, ao recorrer à cronologia das transformações fonéticas, podemos compreender as dificuldades inerentes à produção/compreensão da realização desse fenômeno com tantas dificuldades já sabidas na aprendizagem da língua materna frente a disparidades da LE. Portanto, as oscilações presentes na história das sibilantes dão respostas para as dificuldades de aprendizagem dos fonemas versus letras na língua portuguesa, como também no discernimento de aplicação do fonema correto na pronúncia do espanhol por brasileiros.

#### Realização do /x/ como /r/.

A percepção dos sons pelos brasileiros do fonema [x] encontra-se atrelado à letra <r>; portanto, ao transferir o som do /r/, fonema do Português, para a realização do fonema /x/ em espanhol, as produções sofrem a interferência da LM. É necessário mencionar que [x] no português do Brasil ocorre como alofone de /r/ em algumas regiões do país, em ambientes específicos.

Quadro 21: Realização do /x/ como [r]		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[x]	[x] → [r] / _V
JEFE CORAJUDO	['xefe] [kora'xudo]	['refe] [kora'rudo]

Esse erro deve-se à uma mudança de ponto e modo de articulação, que leva o aluno a pronunciar uma alveolar /r/ no lugar da velar /x/. As modificações históricas explicam como isso procedeu. Em espanhol, existia o perigo da confusão entre /s/ e /ʃ/ no espanhol clássico, ocorrendo para isso uma posteriorização na articulação, ora para [x] ora para [h], como se evidencia em cosecha < cogecha e tijeras < tiseras. Alguns autores também consideravam que algumas grafias poderiam derivar de leituras malfeitas. No século XVI, já se percebia que algumas grafias indicavam a velarização se expandindo através dos tempos em Espanha e América. No final do séc. XVI ou princípios de séc. XVII, a velarização se generalizou por toda Espanha, até mesmo em lugares onde se conservavam as antigas sibilantes, como em Cáceres. O objetivo desse processo articulatório era evitar confusões com /s/, pois esse fenômeno foi sustentado pelo fato de várias regiões peninsulares, especialmente no norte e centro, sentirem a perda da aspirada /h/ advinda de /f/ passando a /ʃ/ e, conseqüentemente, o fonema /x/ preenchia esse espaço vazio. Segundo Quilis (2015), em 1611, o gramático Jiménez Patón já anunciava a presença do fonema atual /x/, quando foi escrito o 'Epítome de La Ortografía Latina y Castellhana'.

Para compreendermos todo o processo de velarização, demonstramos como se deu foneticamente essa transformação linguística para a inclusão do /x/ no inventário espanhol. O fonema /s/ em espanhol sofreu a palatalização em /ʃ/, que no 'siglo de oro' entre XVI e XVII torna-se /x/ com a grafia, g ou j, ex.: sépia > jibia, syringa > jeringa, sinapi > jerabe, saramba > jarama, seatbi > játiva, salone > jalón. Outro processo que ocorreu foi a passagem /ks/ > /ʃ/ > /x/, sendo sua ortografia <x> até ser substituída por 'g' ou 'j', como em mexiella > mejilla, lexare > lexar, dexar >

dejar e em /-k'l/ > /-ʒ-/ > /x/: oc(u)lu> ojo, genuc(u)los >hinojos, spec(u)lu, mac(u)lata> majada. (QUILIS, 2016)<sup>24</sup>

Em português, a aparecimento do [x] deve-se ao seu caráter alofônico, estando presente em algumas poucas regiões do Brasil. A ausência do fonema pede maior esforço do aluno, tanto no estabelecimento da distinção entre um som e outro como na produção de som que inexistente em algumas regiões do país. A diferença sutil na realização dos dois fonemas sugere que os professores fiquem mais atentos às produções orais.

Resumindo, a palatalização de /s/ para /ʃ/ ocorreu devido a várias mudanças no inventário fonológico e ortográfico das sibilantes em espanhol, originando a velarização /x/. Como os correspondentes sonoros em português acontecem em coda silábica de forma alofônica em algumas regiões do país, torna a realização por estudantes brasileiros mais complicada e pouco próxima à realização da língua espanhola.

**Quadro 22: Processos fonético-fonológicos da realização do /x/ como [r]**

Espanhol	s < ʃ < x	- Palatalização em /ʃ/ e velarização
Português	/r/ / _\$	- Alofonia de /r/ em posição de coda silábica.

Novamente, os estudos diacrônicos nos mostram essa relação: os alunos incorrem em erros em pontos específicos da língua, nos quais foram efetuadas divergências no processo de evolução das duas línguas. A isso, acrescentamos a questão das representações (orto)gráficas, pois em português a representação para /ʒ/ pode ser <g> antes de <i, e> ou <j> em qualquer posição, em espanhol, o mesmo fonema evoluiu para /x/ com representação ortográfica semelhante ao português em todas as posições e grafias.

#### 4.1.1.4 Africadas

Realização de /d/ como /dʒ/ seguidas da vogal /i/.

<sup>24</sup> Outra explicação, de caráter semelhante pode ser verificada, na RAE (2011:164-175), na qual se trata da evolução das fricativas obstruintes.

O /dʒ/ na língua espanhola é um alofone de /ʎ/, diferentemente do português, em que é alofone de /d/, ou seja, a realização na língua portuguesa interfere na realização do espanhol, criando erros na oralidade.

<b>Quadro 23: Realização de /d/ como /dʒ/ em palavras acompanhadas da vogal /i/.</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[d]	[d] → [dʒi] / _ [i]
DÍA DINÁMICO	['dja] [di'namiko]	['dʒia] [dʒi'namiko]

Em castelhano medieval, já se presumia a presença de outro fonema palatal sonoro, surgindo como alofone de /y/, embora não tenha ainda sido observado sistematicamente porque existia uma oscilação na sua realização pelos falantes, o que não permitia a sua determinação. Ainda assim, foi citado por Aguilar (1997:105-106), que o descreveu como um fonema palatal, representado por <y>, como também por <i, j> e na época primitiva por <g> diante de qualquer vogal, por <ig ou gi>. Há diversos problemas para sua descrição e interpretação, pois se desconhecia a sua natureza, se era consoante, se era uma variante silábica de /i/ ou um fonema vocálico característico. Existem suposições de origens variadas, em posição inicial de /j-/ latina inicial: iam > ya, iugo > yugo; da semiconsoante do ditongo românico /ie/ em posição inicial hërba > yerba, ëqua > yergua; da palatalização de /g-/ gëneru > yerno.

A presença não ignorada, mas ainda pouco desvelada pelos gramáticos já anunciava uma variação advinda dos câmbios fonéticos nos séculos XVI-XVII que somente se realizaria nos séculos XVIII-XX, conhecida por 'yeísmo', ou seja, desaparecimento da diferença fonológica entre a consoante lateral palatal e a fricativa palatal sonora, atingindo outras representações gráficas e sonoras. Quilis (2015) diz que em extensas regiões sob o comando do espanhol, entre elas Espanha e hispanoamérica, a lateral /ʎ/ tem desaparecido em função do processo de



deslateralização, convertendo-se em /j/ ou /y/. Dias (2011) esclarece sobre as possibilidades de realização do ‘yeísmo’, esclarecendo que o esse fenômeno não se manifesta na fala com a mesma forma fonética em todas as variedades do espanhol. Dizendo também que as variantes mais mencionadas nos estudos científicos são: a semiconsoante [j], a aproximante palatal [j̞], as fricativas palatais vozeada [ʒ] e não-vozeada [ç] e a africada palatal vozeada [dʒ].

Atualmente, em espanhol, a consoante africada [dʒ] realiza-se como alofone de /ʎ/ e /y/ nas representações escritas <ll> e <y> em todas as posições da sílaba. Em português, o fonema /dʒ/ realiza-se como alofone de /d/ em algumas regiões do Brasil. Como também, em espanhol, “El *africado palatal sonoro* [...] se produce como africado, cuando se encuentra después de pausa, de consonante nasal o de /l/; por asimilación, estas dos consonantes se palatalizan, sin llegar a articularse como la nasal palatal o la lateral palatal.”<sup>25</sup> (QUILIS, 2015, p. 59). Como exemplos, temos: yo [dʒo], un hierro [‘undʒiero], el yeso [eldʒeso].

Segundo Teyssier (2007), os grupos /ti/ e /di/ normalmente sofrem a palatalização no português brasileiro contemporâneo, percebendo-se claramente a pronúncia de [tʃ] e [dʃ] e com mais frequência o [tʃ] e [dʒ] em vários falantes. No entanto, no sul do país não se observa essa variação.

Esse processo de variação pode parecer simples; no entanto, cresce no espanhol contemporâneo e no português contemporâneo a presença de [dʒ], que se realiza como alofone nos dois idiomas. Em português, o [dʒ] realiza-se como alofone de /d/ antes ou depois de /i/ e em espanhol, realiza-se como alofone de /ʎ/ e /y/ em em todas as posições da sílaba. Sobre a realização no português, podemos afirmar que nem todas as regiões do país palatalizam o /d/, e por esse motivo os alunos brasileiros terão que aprender a pronunciar e a utilizar em ambientes específicos o alofone [dʒ] em espanhol, que serão escritos com as letras <ll> e <y>. Vale recordar que a lateral palatal /ʎ/ tem outros alofones sendo usados em outras regiões e em outros países.<sup>26</sup>

Nesse contexto, podemos concluir que se iniciou um processo de deslateralização do fonema /ʎ/, representado na escrita por <ll>, do castelhano

<sup>25</sup> Tradução nossa: O fonema *africado palatal sonoro* [...] se produz como africado, quando se encontra depois de pausa, de consoante nasal ou de /l/; por assimilação, estas duas consonantes se palatalizam, sem chegar a articular-se como a nasal palatal ou a lateral palatal.

<sup>26</sup> Dias (2011) trata do ‘yeísmo’ na aprendizagem do espanhol por brasileiros através da análise acústica em comparação com o uso das variantes pelos nativos. Esse estudo evidencia a realização o “yeísmo” pelos nativos e por alunos em nível avançado de aprendizagem e espanhol.

medieval, que foi paulatianamente sendo assimilado pelas populações falantes do castelhano, e comprovadamente sendo já absorvido no século XVI na Espanha e em hispanoamérica. Em contrapartida, em português, o uso do [dʒ] como alofone de /d/ tendo a vogal /i/ antecedendo e sucedendo a consoante foi um processo inovador da fonética brasileira.

**Quadro 24: Processos fonético-fonológicos da realização do /x/ como [r]**

Espanhol	/ʎ/ e /y/ > [dʒ]	- Deslateralização de /ʎ/. - Alofonia de /ʎ/ e /y/ por [dʒ]
Português	d > dʒ	- Alofonia de /d/ antecedido e sucedido por /i/.

O que se deve aclarar nesse processo de introdução do [dʒ] na história linguística dessas línguas é que ainda está em andamento e, portanto, deve-se alertar aos alunos os ambientes adequados de utilização na aprendizagem do espanhol, haja vista sua ampla difusão em hispano-américa vir suprimindo outras realizações, consideradas privilegiadas.

Realização do /tʃ/ como /j/.

Realização do /tʃ/ como /j/. O fato do dígrafo ‘ch’ em português representar o fonema /j/ interfere na pronúncia do aprendiz de espanhol, pois /j/ pode ser alofone de /ʎ/ em determinadas regiões e não corresponde ao fonema /tʃ/.

**Quadro 25: Realização do /tʃ/ como /j/**

REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[tʃ]	[tʃ] → [j] / _V
MUCHACHA TECHO	[mutʃatʃa] [tetʃo]	[mujaʃa] [tejo]

O panorama histórico apresentava diferentes origens para as realizações dos fonemas em espanhol e em português. Em galego-português tinha uma africada palatal [tʃ] escrita ch – ex.: chamar chaga, chave, ancho, macho – que não se confundia com a constrictiva simples [ʃ] escrita <x> – ex.: deixar. No século XVII, porém, acontece a supressão de [tʃ], que apaga o seu elemento inicial e resulta em [ʃ]. Esse fenômeno vindo do Sul transforma-se na norma da língua comum. Mesmo assim, a remota pronúncia resiste em grande parte das províncias do Norte.

A linha que separa hoje a região onde [tʃ] se confundiu com [ʃ] da região em que eles permanecem distintos começa ao sul de Viana do Castelo, segue paralela ao litoral, deixando a oeste a cidade do Porto, reaproxima-se do litoral ao norte de Aveiro, atravessa depois todo o país, seguindo uma linha sinuosa que encontra a fronteira espanhola ao norte do distrito de Portalegre. Pequenas ilhas de [tʃ] subsistem no interior da zona do [ʃ] o que ocorre, por exemplo, perto de Figueira da Foz (foz do Mondego). (TEYSSIER, 200: 64-65)

Para acompanharmos essa progressão linguística, seguimos as grafias dos textos e os comentários de gramáticos e ortógrafos.

Já em 1576, na sua *Orthographia*, Duarte Nunes de Leão apresenta o <ch> como uma africada, cotejada à consoante italiana escrita <c> dos grupos <ci e ce>. Iniciam-se os problemas de confusão na escrita entre <ch> e <x>; ex.: xão por chão, roxa por rocha, axar por achar em textos manuscritos e impressos do século XVII. Um longo percurso se fará para que o fonema [ʃ] seja aceito.

Teyssier (2007) descreve a luta pela manutenção do antigo som e sua escrita e vê-se perdida a luta da africada /tʃ/ pela fricativa /ʃ/.

João Franco Barreto (*Orthographia*, 1671) combate os que proferem e escrevem xave, xapeo, xafariz, fexadura por chave, chapeo, chafariz e fechadura. João de Morais Madureira Feijó (*Orthographia*, 1734) assinala que a pronúncia de chave, chaminé, China, chove, chuva como xave, xaminé, Xina, xove, xuva, é característica das pessoas naturais de Lisboa. D. Luís Caetano de Lima (*Orthographia*, 1736) tenta defender a norma antiga: as palavras portuguesas chave, chapeo, chamar, etc., contêm, diz ele, a mesma consoante que cena, certo, dicevo, ricebo em italiano, e esta consoante deve ser distinguida da que se escreve x em xadrez, enxerto, frouxo, roxo, etc. Dez anos mais tarde, Luís António Verney (*Verdadeiro Método de Estudar*, 1746) esclarece que, na região da Estremadura, o ch é articulado como x, e não apenas na Estremadura, mas também em várias outras províncias. Ora, em matéria de pronúncia, “sempre se devem preferir os que são mais cultos e falam bem na Estremadura”.

Evidencia-se, pois, que naquela época a situação era a mesma de hoje. Vários gramáticos tentarão, depois, defender a antiga pronúncia africada de ch, mas a causa já estava perdida. Assim, uma vez mais, a inovação vinda do Sul torna-se a norma da língua padrão. A ortografia, porém, continuará, naturalmente, a fazer a distinção entre ch e x, fato que ocasionará um número infinito de erros em todos os alunos de Portugal. (TEYSSIER, 2007: 65-66)

De acordo com Gonçalves & Belchor (2017:44), os grupos consonânticos com iniciais cl-, fl- e pl-, com segmentos surdos precedendo a lateral sofreram a palatalização no galego-português de /l/ para /ʎ/, passando para pʎ, fʎ, kʎ se transformaram numa africada alveopalatal /tʃ/ e afirma que esse é um “[...] processo natural, uma vez que a palatalização subsequente à oclusão cria situação propícia para a realização de uma consoante complexa, com término palatal, mas início de articulação alveolar, por assimilação.” E assim acontece a perda da oclusiva, e surge a fricativa palatal /j/. Vale lembrar que a fricativa palatal também teve origem da palatalização do /s/ diante de /i/.

Em espanhol, no séc. XII, a africada surda /tʃ/, escrita normalmente com <ch>, grafia originária francesa, tendo passado antes pelas grafias, <g, gg>, surge também de várias fontes como os grupos de consoantes + pl, cl, fl, como em *amplu* > *ancho*, *implere* > (f) *encher*, *conclavari* > *conchavar(se)*, *inflare* > (f) *inchar*. Outro grupo de consoante + lj, c'l, g'l, t'l: *cochleare* > *cuchar (a)*, *ma(n)cúla* > *mancha*, *conchula* > *concha*, *masculu* > *macho*, *cingulu* > *cincho*. Outro grupo que se destacava era o latino -ct- que chegou a palatalizar-se no séc. XI, do relaxamento da velar implosiva -it- em *nocte* > *noche*, *octo* > *ocho*, *facto* > *fecho*, *lucta* > *lucha*. Dentre eles também temos o grupo -it-, como em *multu* > *mucho*, *cultellu* > *cuchillo*, *auscutare* > *escuchar*.

Todas as mudanças ocorridas nesse processo de transformação fônica na história das línguas foram adaptações necessárias para que as línguas se constituíssem, ora reduzindo um fonema, ora abrindo espaço para o surgimento de outro. A cronologia dos fatos linguísticos serve para demonstrar que os processos fonético-fonológicos obedecem à ordem natural dos encaixes que sustentam as distinções fonológicas.

Podemos resumir afirmando que o diferencial dos fenômenos da palatalização nas duas línguas ocorreu em português com inserção da lateral palatal advinda dos grupos consonantais pl, cl, fl,-ct-, propiciou o surgimento da africada /tʃ/ ocorrendo

posteriormente a perda da oclusiva, restando apenas a fricativa palatal, enquanto que em espanhol o processo que nasceu de origens diferentes, estagnou na africada, permanecendo com valor fonológico.

<b>Quadro 26: Processos fonético-fonológicos da realização do /x/ como [r]</b>		
Espanhol	tʃ > g, gg, consoante + pl, cl, fl, consoante + lj, c'l, g'l, t'l, -ct-, -lt-	- Perda das geminadas. - Palatalização dos grupos consonantais para /tʃ/.
Português	ʃ > tʃ > pʎ, fʎ, cʎ > pl, cl, fl, -ct-	- Palatalização dos grupos consonantais para /tʃ/.

As duas línguas possuem diferentes representações fonológicas, em espanhol [tʃ] e em português [ʃ], para a mesma representação ortográfica <ch>. Por isso, também encontramos origens distintas para os fonemas apresentados. É compreensível que os alunos, muitas vezes, não percebam a distinção na realização do fonema espanhol [tʃ] para a letra <ch>, haja vista haver a oclusão no início da realização antes do chiamento, o que difere do português, uma sutileza fônica que é desconsiderada. Reconhecer essas nuances cabe às regiões que já a utilizam o [tʃ] como alofone de [t], entretanto falta aplicar no ambiente adequado, que seria o o grafema <ch> de espanhol. É importante também dizer, a história já apresentava confusões entre os fonemas e suas representações, que divergiam e divergem ainda hoje nas duas línguas em função do momento da separação entre o galego-português e o castelhano.

#### 4.1.1.5 Nasais

Vocalização do /ɲ/ ou alongamento da vogal anterior

O processo de vocalização do /ɲ/ ou alongamento da vogal anterior é conhecido pelos falantes do português. Em função dessa realização no português, os aprendizes de espanhol nativizam a produção desse fonema substituindo-o por uma vogal ou alongando a vogal anterior.

<b>Quadro 27: Vocalização do /ɲ/ ou alongamento da vogal anterior</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[ɲ] → [j] / _V	[ɲ] → [j] / _V
BAÑO CARIÑO	[baɲo] [kariɲo]	[bãjo] [karj:ɔ]

Uma das inovações das línguas românicas foi a criação de uma nasal palatal /ɲ/, surgida a partir de várias fontes: n + iode, formada a partir de -nj-iode, ex.: *seniore* > *señor*, *Hispania* > *Espanha*, do grupo -ng-: *longe* < *lueñe*, *tangere* > *tañer*, - do grupo -ng'- *úngula* > *uña*, do grupo -gn- (na verdade sequência nasal + nasal velar), *pūgnu* > *puño*, da geminada latina nasal, -nn- *annu* > *año*, *canna* > *caña*, do grupo -mn- *scamnu* > *escaño*, *damnu* > *daño*, deste última grafia <nn> se originou a -grafia atual, pois da duplicação do <n> ocorreu a abreviação para <ñ>.

Em português, desenvolve-se uma consoante entre duas vogais, quando a consoante nasal /ɲ/, nascida de /i/ em hiato, afasta as duas vogais, acabando com o encadeamento inconstante, como no caso de -ĩ-o e -ĩ-a, tornando-se ví-o < vinho, galĩ-a < galinha. Ainda assim, ocorre um fenômeno do século XIX, que consiste em transformar o -em nos sons [ẽỹ] > [ãỹ] que teve como antecessor a variação do <ei> para [ey] > [äy] para acentuar a oposição entre o elemento inicial e final do ditongo, e hoje acrescenta a nasalidade, que acontece em posição final de palavra em -em e -ens. Inicialmente, os gramáticos identificaram como [ẽỹ] e depois [ãỹ] foi sentida como vulgar e típica de Lisboa.

Podemos afirmar que em português o aparecimento da nasal palatal deve-se à queda da consoante nasal e à conseqüente nasalização da vogal antecedente, que tende a surgir quando a vogal precedente ao /n/ sincopado é a alta anterior /i/.

Demonstrando novamente a tendência a dissolver os hiatos e a preservar o padrão silábico CV, principalmente quando o hiato é a junção de uma vogal mais /i/.

Para concluir, podemos explicar que, enquanto o espanhol tem o nascedouro do fonema /ɲ/ em vários grupos consonantais ou através da nasal com a presença de iode, o português tem o nascimento da nasal palatal na separação dos hiatos com /i/ com anterior presença de nasal. Essa origem diversa converge na presença do elemento nasal na palavra que proporciona para o português a nasalização das vogais e seu alongamento, fenômeno recorrente na língua em questão. Como em espanhol a nasalização das vogais não é permitida, o fenômeno quando ocorre é de forma bastante reduzida em relação ao português.<sup>27</sup>

Nos dois casos, percebemos a constante presença da vogal /i/ e da nasalidade existente nas palavras latinas, anteriores ao surgimento da nasal palatal. Dessas percepções, podemos inferir que a nasalidade se expandiu para o português até as vogais nos processos de evolução da língua, enquanto o espanhol manteve a nasalidade mais restrita às nasais. Por isso, hoje, o português, ao eliminar do registro oral a nasal palatal, vocalizando-a, adiciona a nasalidade às vogais e mantém ainda assim o registro nasal. Como esse processo de vocalização das nasais não é flexibilizado facilmente pelo espanhol, as correspondências também não o são, nem a nasalização de vogais sem o apagamento da nasal palatal.

**Quadro 28: Processos fonético-fonológicos da vocalização do /ɲ/ ou alongamento da vogal anterior**

Espanhol	ɲ > n + iode, -nj- iode, -ng-, -nn-, - mn- > nn	- Enfraquecimento das geminadas -Palatalização do grupos consonantais para /ɲ/
Português	ɲ > n + iode	- Palatalização da nasal alveolar em contexto de /i/ para /ɲ/. - vocalização do /ɲ/ ou alongamento da vogal anterior

<sup>27</sup> Barbosa (2014) trata da nasalidade vocálica em português e em espanhol, afirmando que na língua espanhola, também ocorrem vogais nasalizadas em determinados contextos. Como também afirma que, a nasalização vocálica em português não ocorre, exatamente como é encontrada em espanhol.

A interferência da realização da nasalização das vogais do português na aprendizagem do espanhol se dá porque o brasileiro encontra no espanhol um ambiente específico para sua transferência, recorrendo a um processo histórico que muitas vezes não está aparente na superfície, mas está subjacente devido aos substratos dos processos anteriores da língua.

#### 4.1.1.6 Laterais

##### Vocalização do /l/ em posição final de sílaba ou palavra

A interferência da vocalização da lateral alveolar é sistemática, com raras exceções no momento atual, em português. Por isso, os estudantes brasileiros transferem suas realizações para o espanhol, nativizando um som que não seria realizado pelos nativos.

<b>Quadro 29: Vocalização do /l/ em posição final de sílaba ou palavra</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[l]	[l] → [w] / _ \$ #
SALDO MAL	saldo – [sawdo] mal – [maw]	saldo – [sawdo] mal – [maw]

Para Teyssier (2007:103), a vocalização do fonema [l] ocorre em posição final de sílaba em português, causando alguns problemas de produção escrita em português, pois a sonoridade se revela também na escrita, quando o alofone [w] é escrito em português por <u> incorretamente quando deveria ser <l> no Brasil.

A transformação do /l/ em /w/ é algo relativamente comum nas línguas, principalmente nas neolatinas. Já no latim vulgar, pudemos observar a passagem do /l/ para /w/ como é possível atestar nos vocábulos poupar (de palpare) e outro (de alterum).” (TEYSSIER, 2007:103),



Em castelhano medieval, o /l/ implosivo, por razões desconhecidas, sofreu a vocalização em contextos específicos: precedido de /a/, transforma-se em /u/ saltu > sauto > soto; precedido de /ũ/, transforma-se em /i/ mülto > muito > mucho, tecendo já um processo permitido para a língua, a vocalização da lateral.

Observamos como ocorre em Portugal.

“Vocalização de [l] velar – Na pronúncia mais comum o [l] velar, que é, em Portugal, a realização de todos os <l> em final de sílaba, vocaliza-se em [w]. Escreve-se animal, Brasil, amável, sol e pronuncia-se [ani'maŋw], [bra'ziw], [a'mavɐw], ['sɔw].” (TEYSSIER, 2007: 103)

A diferenciação entre mal (advérbio) e mau (adjetivo) se acaba. O extremo sul do país sustenta sozinho a regularidade da velha distinção. Em alguns registros, dá-se até o desaparecimento puro e simples do antigo [l] em posição final absoluta: ex.: generá (general), coroné (coronel). Quando ocorre o fechamento em sílabas internas, documenta-se a sua passagem a /r/; ex.: arto (alto), [vorta (volta). (TEYSSIER, 2007: 103)

Em espanhol, o fonema alveolar /l/ apresenta vários alofones: lateral linguoalveolar, que ocorre quando está em posição silábica prenuclear ou quando está em posição silábica depois de vogal, de pausa ou de qualquer consoante que não seja dental, interdental ou palatal; lateral linguointerdental, lateral linguodental, lateral linguopalatalizada ocorrem por assimilação, em posição pós nuclear. Essa variação já demonstra a oscilação dos pontos de articulação na realização do fonema lateral, restando possibilidades de movimentação nas transições, conforme foi observado do latim vulgar para o castelhano medieval. No entanto, hoje não se apresenta em nenhum manual fonético de pronúncia espanhola essa possibilidade de realização da lateral como vogal.

Como podemos observar, o que define essa situação de ‘erro’ é a alofonia do fonema /l/ em ambas as línguas. A vocalização da lateral /l/ para os alunos brasileiros é um fato comum na língua materna, enquanto em espanhol, o fonema /l/ não apresenta o alofone [w] nessa mesma posição. De acordo com Costa (2013) a vocalização persiste na interlíngua dos aprendizes mesmo depois de cursadas várias disciplinas do curso universitário. Esse dado reforça a presença do erro na aprendizagem de espanhol como LE por brasileiros e afirma sua presença em níveis avançados de aprendizagem.

**Quadro 30: Processos fonético-fonológicos da vocalização do /l/ em posição final de sílaba ou palavra**

Espanhol	/l/	- alofonia de [l]
Português	/l/ por /w/ quando precedido de /ũ/ ou /a/, em coda silábica.	- Vocalização de [l] lateral alveolar - Vocalização de [ʎ] velar

São duas línguas próximas, com fonemas iguais, que encontraram formas distintas para suas realizações alofônicas. O português demonstra antecedentes da vocalização da lateral /l/ em coda silábica desde a passagem do latim para as línguas românicas e o espanhol oscila na realização da lateral sem vocalizar-se, ou seja, processos distintos que incorrem em erros na produção dos aprendizes de espanhol.

#### 4.1.1.7 Vibrantes

A realização da vibrante múltipla /r/ como tepe /r/

A realização da vibrante múltipla /r/ como tepe /r/. A produção do /r/ vibrante múltipla é uma realização que ocorre em várias posições em espanhol, fenômeno que pouco ocorre na fala do brasileiro. Essa ausência na fala do brasileiro interfere na produção oral da língua espanhola e na compreensão semântica do ouvinte.

<b>Quadro 31: A realização da vibrante múltipla /r/ como tepe [r]</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[r]	[r] → [r] / _V
PERRO	[pero]	[pero]
HIERRO	[jero]	[jero]

Na história linguística do espanhol, a geminada /rr/ majorou suas vibrações, tornando-se uma vibrante múltipla, como também em posição inicial a vibrante latina

também se tornou múltipla. Os fonemas /r/ múltiplo e /r/ simples, conservam sua oposição em simples/geminada, como podemos observar em *caru > caro, carru > carro*. Verifica-se também que houve casos de mudança por analogia com a geminada, na qual o /r/ simples se tornou múltiplo, como em *characiu > carrazo, caronea > carroña*. Generalizou-se nas línguas românicas a vibrante múltipla em posição inicial e depois de consoante, com podemos ver em *honoratu > (h)onrado*.

Em Ariza (2016: 200-201), temos que a vibrante múltipla aparece tanto em posição inicial quanto em posição intervocálica, como em *rota > rueda, ferru > hierro* e *cirru > cerro*. A vibrante simples se mantém em posição intervocálica *feru > fiero, tauru > toro*.

Segundo Ibarren (2005) os fonemas espanhóis /r/ múltiplo e /r/ simples, por serem sons díspares, possuem traços que os distinguem, tanto articulatorios como significativos. O traço que os distingue é a quantidade de vibrações, no /r/ simples a língua vibra uma única vez e no /r/ múltiplo articula várias vibrações sucessivas. O autor também esclarece que /r/ múltiplo realiza-se em início de palavra, ou depois de <n, l, s>, ao passo que o /r/ simples realiza-se em posição interna de palavra e antes de vogal. Aparecem já algumas outras situações de variação livre, como em posição final de sílaba em final de palavra, podendo ser articulados o /r/ múltiplo e o /r/ simples.<sup>28</sup>

Para Teyssier (2007), o português também tem uma oposição fonológica entre o /r/ múltiplo e /r/ simples, igualmente ao espanhol, em posição intervocálica, como em *carro* e *caro*. Em outras posições, podem ocorrer os dois fonemas. O fonema /r/ também sofre apagamento em final de sílaba antes de consoantes surdas e em final de palavra.

Em português brasileiro, o fonema /r/ realiza-se em posição intervocálica, seguindo consoante na mesma sílaba. Já o fonema /r/, vibrante múltipla, realiza-se em posição intervocálica, iniciando palavra ou seguindo consoante em outra sílaba. O fonema /r/ também sofre apagamento em final de sílaba antes de consoantes surdas e em final de palavra. Em registros populares, já se observa a supressão dos <r> em final de sílaba em final de palavra.

---

<sup>28</sup> Em D'introno, F.; Teso, E.; Weston, R. (2010), há uma explanação atualizada das realizações das vibrantes que apresentam outras variações que não estão inseridas neste trabalho (páginas: 295-302)

Segundo Carvalho (2004), os brasileiros apresentam dificuldades específicas de aprendizagem do espanhol no tocante as vibrantes que são: dificuldade na pronúncia adequada da vibrante simples do espanhol, em contextos de final de sílaba interna, final de palavra e final absoluto e dificuldade na pronúncia adequada da vibrante múltipla em contexto inicial absoluto e intervocálico. Silva (2007) também constatou em seus estudos que os brasileiros têm mais dificuldade na realização das vibrantes múltiplas e que em alguns contextos apresentação dificuldades na produção da vibrante simples.

O resultado da perda das geminadas /rr/ transferiu para outras representações gráficas o som antigamente realizado nesse lugar, trazendo para as realizações atuais diferenças de duração e vibração dos fonemas. Os fonemas do espanhol e do português (PB) /r/ e /r/ se distinguem pela quantidade de vibração que utilizam para sua realização fonética. Em português o fonema /r/ não tem a duração e a intensidade da vibração do espanhol, ofertando ao brasileiro uma dificuldade de pronúncia. Como em português os fonemas /r/ e /r/ têm vibrações mais brandas, não costumamos identificar/realizar o fonema /r/ múltiplo com tanta vibração, e, portanto, realizamos de forma branda em todos os ambientes. Desse modo, temos dificuldades de identificar o lugar de realização do /r/ em espanhol, haja vista serem posições distintas de aplicação.

**Quadro 32: Processos fonético-fonológicos da realização da vibrante múltipla /r/ como tepe [r]**

Espanhol	/r/ > rr	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Enfraquecimento das geminadas.</li> <li>- Realização do /r/ em diversos pontos de articulação.</li> </ul>
Português	/r/ > rr	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Enfraquecimento das geminadas.</li> </ul>

### 4.1.2 Interferências vocálicas

Iniciamos a descrição das vogais, pontuando as interferências da língua materna na aprendizagem de espanhol por brasileiros.

O ensino-aprendizagem de espanhol para brasileiros deve levar em consideração o sistema vocálico da língua materna e da língua estrangeira, pois a distinção existente entre as vogais de ambos idiomas interfere na produção oral e escrita. Esse comportamento já foi observado através da comparação entre os sistemas espanhol e português quanto à aprendizagem das vogais por falantes de espanhol.

Os falantes de língua espanhola têm, em regra, dificuldade de entender o português falado, apesar da grande semelhança entre as duas línguas, por causa dessa complexidade em contraste com relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico espanhol. Portugueses e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque se defrontam com um jogo de timbres vocálicos menos variável que o seu próprio. (MATTOSO CÂMARA, 2014, pág. 39)

De acordo com Mattoso (2014), o sistema vocálico do português (PB) possui 7 fonemas vocálicos orais (/i, e, ε, a, o, ɔ, u/) em posição tônica, 5 vogais em posição pretônica (/i, e, a, o, u/), observando-se somente em alguns dialetos /ε, ɔ/; em posição postônica não final, reduz-se o sistema vocálico pela neutralização da oposição entre /o/ e /u/, enquanto em posição pós-tônica final reduz-se ainda mais para as vogais /a, i, u/. Vale ressaltar que podemos e devemos considerar as nasalizações existentes no sistema vocálico do português em ambientes e palavras específicas.

O espanhol possui 5 fonemas vocálicos /i, e, a, o, u/. Segundo Martínez Celdrán & Fernández Planas (2007), considera-se a existência de vogais médias baixas em espanhol sem função fonológica, devido à percepção fonética de realizações de maior ou menor grau de abertura vocálica.

Apresentamos a seguir as seguintes interferências ocasionadas na aprendizagem de espanhol por brasileiros: abertura das vogais médias, harmonia vocálica, neutralização das vogais átonas em posição final, nasalização das vogais e alongamento vocálico.

### 4.1.2.1 Vogais médias

#### Abertura das vogais médias

Uma das interferências ocasionadas na aprendizagem do espanhol por brasileiros é a pronúncia de vogais médias altas como médias baixas em posição tônica. Esse procedimento é característico da língua portuguesa e normalmente transferido para a língua espanhola quando estudada por brasileiros.

Quadro 33: Abertura das vogais médias		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[e] [o]	[e] → [ɛ] / _\$ [o] → [ɔ] / _\$
MÉDICO MODA	[mediko] [moda]	[mɛdiko] [mɔda]

Para compreendermos esse fenômeno, devemos traçar sua evolução do latim para o português e para o espanhol. No latim imperial, houve a perda das oposições de quantidade, conservando as oposições de timbre, que, por sua vez, eram resultantes de vários timbres. Essa mudança, dos cinco timbres vocálicos, breves e longos, ao todo de dez fonemas para sete fonemas, abonou para a língua portuguesa, o /ɛ/ nascido da redução do /ě/ > /e/ > /ɛ/ e a vogal /ɔ/ nascido do /ǒ/ > /o/ > /ɔ/.

O sistema vocálico do latim clássico evolui de forma diferente na língua espanhola. As transformações do latim clássico para o latim falado, e posteriormente o espanhol, ocorreu evoluindo das vogais breves para ditongos. O fenômeno pode ser demonstrado assim: do /ě/ > /e/ > /ie/; do /ǒ/ > /o/ > /ue/. Desse modo, podemos entender por que no português as vogais abertas seguem na oralidade, enquanto em espanhol, as vogais abertas foram substituídas pelos ditongos.

Essa distinção ilustra bem o que acontece hoje na aprendizagem de espanhol por falantes do português, especialmente brasileiros, que sentem dificuldade de

bloquear o uso das vogais abertas tônicas e não sabem também aplicar a ditongação no ambiente específico.

Para ilustrar essa explanação, podemos dizer que as vogais médias em português têm na abertura sua característica distintiva e, portanto, fonológica. Esses fonemas vocálicos não sofrem nenhum processo e só ocorrem distintivamente em sílaba acentuada, de acordo com Mattoso Câmara (2014). No entanto, pode ocorrer em sílaba não acentuada e também em sílaba postônica ou pretônica como em [numɛru] “número”, quanto pretônica, com em [numɛrah] “numerar”.

No espanhol, a existência de abertura das vogais /ɛ/ e /ɔ/ é uma característica alofônica que ocorre em ambientes específicos, ou seja, são alofones posicionais. O fonema /ɛ/ ocorre em contato com vibrante múltipla /r/, antecedendo ou precedendo a vogal, com exceção dos casos nos quais a vogal ocorre em sílaba travada pelas consoantes < d, m, n, s, x, z >; diante de /x/; nos ditongo aberto ‘ei’ e ‘oi’; em sílaba travada, com exceção das consoantes < m, n, s, d, x, z >.

De acordo com Tomas (1989), a vogal [ɔ] pode ser percebida nas seguintes situações: a) em contato com uma vibrante, involuntariamente, antecedendo-a ou precedendo-a; b) diante de <j> e <g> com som de /x/; c) no ditongo <oi> u <ou>; d) em sílaba travada, independentemente da consoante que se encontra na referida posição; e) em posição tônica, quando a vogal [ɔ] tenha como antecedente a vogal <a> e precedente um <r> ou <l>.

A percepção das diferenças existentes nas duas línguas, para o português a abertura de vogais médias e para o espanhol a ditongação das vogais, é, de fato, um empecilho para a aprendizagem do espanhol por brasileiros. Muitos aprendizes sequer percebem a diferença da abertura e também pouco localizam o lugar da inserção dos ditongos. Essas ocorrências foram pesquisadas por Santos (2010) que (2014, p. 149) expõe em seus resultados os dados obtidos sobre “A percepção e produção das vogais médias do espanhol por falantes do português brasileiro”.<sup>29</sup> Sobre os resultados dos dados de produção das vogais [e] e [o] do espanhol por falantes do PB, vale destacar que a realização mais aberta das vogais [e] ou [o] não provoca ao falante de E/L2 dificuldades de compreensão entre ele e nativos de E/L1, entretanto, ocasiona a identificação do sotaque estrangeiro, notadamente, quanto

---

<sup>29</sup> Outros textos sobre a interferência das vogais médias na aprendizagem do espanhol por brasileiros, BAZZAN, M.A.T. (2005), MIGNONI, R.P.L. (1999).

aos falantes de L2 em nível avançado de proficiência. Além disso, em níveis iniciais de aprendizagem do espanhol, a interferência da L1 pode acontecer não só na oralidade, com a pronúncia das vogais médias-baixas do PB ao invés das médias-altas do espanhol, porém também pode originar erros na ortografia, como acentuação gráfica indevida.

Para Silva (2014, p. 220), em estudo perceptual, observou-se nos resultados que os nativos do espanhol têm pouca sensibilidade distintiva quanto à abertura das vogais médias tônicas e, por conseguinte, também têm dificuldades em produzi-las. Esse resultado contraria a pesquisa anterior, tratando da necessidade de uma proficiência em língua espanhola para o entendimento entre falantes desse idioma.<sup>30</sup>

Nessa pesquisa sobre a percepção do contraste entre vogais médias tônicas constatou-se que falantes nativos do espanhol são brandamente sensíveis à realização fonética das vogais /e/ e /o/ do português, contudo tendem a exibir dificuldade para discernir os contrastes fonológicos /e/ - /ɛ/ e /o/ - /ɔ/ do português. Desse modo, compreende-se que as categorias fonológicas da L2 não estão perceptualmente bem determinadas para os aprendizes e que as vogais /ɛ/ e /ɔ/, não próprias ao sistema vocálico do espanhol, inclinam-se a ser absorvidas com base nas categorias existentes na língua nativa. Sobre o contraste fonológico entre vogais tônicas, revelou-se que os aprendizes têm dificuldade em realizar o contraste entre os pares de vogais /e/ - /ɛ/ e /o/ - /ɔ/ do português. Portanto, as duas categorias de vogais / e/ - /ɛ/ e /o/ - /ɔ/ na fala de não nativos são na prática sobrepostas uma à outra. Os dados baseados nos resultados de percepção manifestam que as categorias fonológicas da L2, no tocante ao sistema vocálico tônico, não estão bem definidas para os aprendizes também em sua produção.

A origem do Latim ofereceu às duas línguas possibilidades diferentes, pois a partir do galego-português, o espanhol, vulgo castelhano, e o português europeu e o brasileiro, tomaram caminhos diferentes que geraram vogais abertas no português e ditongação no espanhol. Essas características originárias juntamente com a diferenciação de ambientes linguísticos de aplicação das vogais produzem na atualidade dificuldades de aprendizagem do espanhol para brasileiros. O erro é

---

<sup>30</sup> A tese “Aprendizagem fonológica e alofônica em L2: percepção e produção das vogais médias do português por falantes nativos do espanhol” de Silva (2014) trata de um estudo com colaboradores nativos de espanhol, tendo nessa análise uma perspectiva inversa ao tratado nesse texto.



oriundo da interferência que nasceu desde a transformação do latim clássico em latim vulgar e da separação do galego-português em português e castelhano.

<b>Quadro 34: Processos fonético-fonológicos da abertura das vogais médias</b>		
Espanhol	/ě/ > /ɛ/ > /ie/ /ǒ/ > /ɔ/ > /ue/	- Perda das oposições de quantidade - Evolução das vogais breves para ditongos.
Português	/ě/ > /ɛ/ /ǒ/ > /ɔ/	- Perda das oposições de quantidade - Evolução das vogais breves para vogais médias abertas.

#### 4.1.2.2 Harmonia vocálica

Um dos fenômenos recorrentes em língua portuguesa, a harmonia vocálica, tipo de assimilação vocálica na qual as vogais de uma palavra se transformam foneticamente semelhantes a outra vogal da mesma palavra (geralmente a tônica, mas não obrigatoriamente), com a permuta de alguns dos seus traços, é um fenômeno que ocorre no português do Brasil de forma constante, sendo tratado em diversos estudos científicos, inclusive já tendo sido introduzido em Mattoso Câmara (2014:45).

<b>Quadro 35: Harmonia vocálica</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[e] [o]	[e] → [i] / _\$ [o] → [u] ] / _\$
Menina Polícia	[menina] [polisya]	[minina] [pulisya]

Sob a ótica de Cagliari (2002:104), “A harmonia vocálica é um tipo especial de assimilação que faz que vogais se tornem mais semelhantes entre si, em geral, por alguma razão morfológica (regra morfofonológica)”. Para Bisol (2015:188), “A harmonia ou harmonização vocálica consiste na substituição da vogal média /e, o/ pela vogal alta /i, u/ respectivamente, quando a média precede uma sílaba com vogal alta, a exemplo de pepino ~ pipino, coruja ~ curuja, bonito ~ bunito.”<sup>31</sup>

Esse conceito refere-se à língua portuguesa falada no Brasil, haja vista, como mesmo explica Bisol (2015), que trata da harmonização vocálica concebendo-a como uma regra variável, sendo ela um indício de desestabilizações históricas, dividindo o português em dois dialetos, português europeu e português brasileiro, podendo ser periodizado com início no final de XVIII, sendo vislumbrado de forma transparente no início do século XIX. De acordo com Bisol (2015:203), o português brasileiro constrói-se historicamente a partir do séc. XVI, tendo como legado o sistema átono de cinco vogais com a harmonização vocálica na pretônica. Já o português europeu abriga a centralização das vogais átonas [-post], segue outra deriva, em função das sequelas de três processos: centralização, harmonização e neutralização. Contudo PEC e PBC<sup>32</sup> são dialetos de uma língua só. (BISOL, 2015:203)

Ainda para Bisol (2015:189), documentos escritos em latim-português apareceram no período de IX a XI. Observou-se que palavras portuguesas surgiram misturadas com latim. Nesses estudos, ficou evidenciada já uma tendência à harmonização vocálica nos dados encontrados, revelando a alteração da vogal média diante de uma sílaba com vogal alta e alçamento da vogal média sem estímulo manifesto, quer dizer, sem a presença de uma sílaba subsequente com vogal alta. Algumas poucas palavras demonstram esse fenômeno como um legado do latim vulgar, percebendo no início desse processo ao evidenciar a alteração da vogal média pretônica. Ex.: cumtestamus < contestamos; mulinos < molina contuversia < controversiam; obturigare < auctoricare; lugares < locales; vindigar < vindicare; vinder < vendere.

<sup>31</sup> Sobre a harmonia vocálica no português, sugere-se a leitura de BISOL, L. (1981) Harmonização vocálica: uma regra variável. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de doutorado.

<sup>32</sup> Acreditamos que as siglas PEC e PBC, citadas pela autora, sejam, respectivamente, português europeu contemporâneo e português brasileiro contemporâneo.

Esse fenômeno característico da língua portuguesa falada no Brasil, a harmonia vocálica, não pode ser utilizado na produção oral do espanhol, haja vista o espanhol manter as vogais médias em todas as posições, não permitindo que exista essa transferência, alçamento e/ou alteamento das vogais com a finalidade da simplificação articulatória.

A língua espanhola não faz uso desse procedimento articulatório, que consiste em simplificar a movimentação no trato vocal igualando a altura das vogais facilitando a articulação dos sons vocálicos. Deve-se também observar que a ausência desse fenômeno, não estigmatizado no português, gera um procedimento igual na aprendizagem do espanhol, além da ausência das vogais abertas, a necessidade de realizar a pronúncia das vogais sem harmonizá-las. “La armonía vocálica no es um fenômeno característico del español el cual mantiene sus vocales medias em cualquier posición de la palabras”. (BRISOLARA, L.& SEMINO, M. J. 2016: 47).

Um fenômeno que foi percebido na transição do latim vulgar para a língua portuguesa, entre os séculos IX e XI, podendo já ser alcançado claramente no início no final de XVIII, não deixou marcas no espanhol, mantendo seu sistema vocálico intacto até os dias atuais. Vale comentar que na aprendizagem de português por falantes de espanhol deve-se levar em consideração esse fenômeno, haja vista que a compreensão auditiva e as demais habilidades do aprendiz são afetadas por essas realizações de harmonização vocálica, segundo os autores Machry da Silva (2014) e Guimarães (2011), que detectaram a presença da ausência de conteúdos e materiais didáticos que tratassem das dificuldades do aprendiz falante de espanhol na aprendizagem da harmonia vocálica presente no sistema vocálico do português.

**Quadro 36: Processos fonético-fonológicos da harmonia vocálica**

Espanhol		- Não ocorre na língua espanhola
Português	/e, o/ por /i, u/ /i, u/ por /e, o/	- Alçamento e/ou alteamento das vogais

#### 4.1.2.3 Neutralização das vogais átonas em posição final

O fenômeno linguístico de neutralização das vogais átonas em posição final já se tornou circular no português do Brasil, pronúncia reconhecida e não estigmatizada pelos brasileiros. Nesse processo, as vogais médias /e, o/ em posição final se transformam em [i, u], reduzindo o sistema vocal do português brasileiro a três vogais /i, u, a/ ou, melhor representado, [ɪ, ʊ, a].

<b>Quadro 37: Neutralização das vogais átonas em posição final</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[e] [o]	[e] → [ɪ] / _\$ [o] → [ʊ] / _\$
Menina Caliente	[pato] [kalyente]	[patu] [kalyentɪ]

Segundo Teyssier (2007:73), alguns estudiosos da história da língua portuguesa retroagiram quanto à periodização do fenômeno da pronúncia do -o e -e como [u] e [i] em posição átona final, que datava da primeira metade do século XVIII, para uma época anterior, no mínimo até o século XVI.

Podemos observar que no galego-português existia um [o] e um [e] fechados, que a deriva da língua ia induzindo para um grau de fechamento e brevidade cada vez maior, pois existia certa grafia em -u no galego-português medieval. A realização dessas vogais era [o] e [e], como ainda hoje permanece em galego, desde o português do século XVI. Havia nessa posição apenas três fonemas e sendo pouco plausível a transformação de [o] a [u] e /e/ a /i/, os lusófonos passaram muito tempo sem ter a consciência dessa deriva, sendo imperativo aguardar pela primeira metade do século XVIII para comprovarem a pronúncia de [u] e [i]. Posteriormente a essa confirmação, a realização [u] para a vogal escrita -o foi decisiva. No entanto, a realização [i] para a escrita de -e será em Portugal, em linguagem popular, uma

simples fase intermediária para o [ê] atual, que deve ter surgido na segunda metade do século XVIII.

Na língua portuguesa falada no Brasil, Teyssier (2007: 100-101) afirma sobre a pronúncia das vogais átonas:

Em posição átona final o falante brasileiro (excetuando-se os do extremo sul) pronuncia [u] o -o gráfico, tal como o português de hoje, mas diz [i] por -e, ignorando completamente a realização [ê]; ex.: passo pronunciado [pásu], passe pronunciado [pási]. Conservou-se, logo, no “brasileiro” a situação que era a do português europeu da primeira metade do século XVIII, a que Verney descrevia em 1746. Acrescente-se que o -a átono final, embora mais breve que em posição tônica, permanece muito aberto; ex.: passa pronunciado [pásA] e não [pásÄ] como em Portugal. Em posição pretônica, o “brasileiro” conservou o antigo timbre de e e o, dizendo pegar com [ɛ] e morar com [ɔ].

Em espanhol, é importante destacar a presença de estudos que trazem informações sobre esse assunto, demonstrando algumas realizações já existentes do fenômeno em língua espanhola, mesmo de forma estilística. Os estudos de Ramírez (1998) sobre a neutralização das vogais átonas em posição final percebidas em México e Porto Rico dizem que “el proceso se cumple en las hablas populares y campesinas de algunas regiones hispano-americanas, favorecido por la presencia de consoante palatal anterior.”<sup>33</sup> Essa manifestação exposta pelo autor não foi detectada como um aspecto distintivo, demonstrando apenas uma tendência a ser assimilada pelos falantes. Herrero (2004:10) também explana sobre essa tendência: “Em cuanto a la presencia de las vocales <-e>, <-o> finales cerradas, es un fenómeno general en el español propiciado por la natural perdida de fuerza articulatória al final de palabra, favorecida em hablas populares por la presencia de palatal anterior.” Como esse estudo ainda é incipiente, observado em algumas regiões específicas, iremos tratá-los como variações geográficas específicas, não podendo assim generalizar sua abrangência.

Brandão (2003) apresenta duas razões pelas quais os aprendizes brasileiros de espanhol possam cometer erros nas suas produções orais no caso da neutralização vocálica, que são: reprodução do dialeto falado pelo professor, caso

---

<sup>33</sup> Tradução nossa: [...] “o processo se cumpre nas falas populares e camponesas de algumas regiões hispano-americanas, favorecidas pela presença de consoante palatal anterior.”

conste esse fenômeno, ou pela transferência dos padrões do Português ao Espanhol.

<b>Quadro 38: Processos fonético-fonológicos da neutralização das vogais átonas em posição final</b>		
Espanhol		- Ocorrência branda pouco registrada na língua espanhola.
Português	/e, o/ por [ɪ, ʊ]	- Deriva da língua indutiva para a neutralização das vogais átonas em posição final.

Esse fenômeno tão reconhecido no Brasil desde o século XVI não é característico do espanhol. No entanto, podemos considerar que a pronúncia real dos falantes de espanhol possui um relaxamento articulatorio final na posição átona, demonstrando uma redução da intensidade na emissão de palavras. Na fala mais descuidada ou em situações familiares de maior intimidade pode ocorrer uma flexibilização, como também em falares dos camponeses ou populares pode ocorrer essa realização adicionada à presença da consoante palatal anterior, mas em falas cultas ou menos relaxadas torna-se evidente a ausência desse fenômeno. (BRISOLARA e SEMINO, 2016, p. 47).

#### **4.1.2.4 Nasalização das vogais**

Por ser um fenômeno variável no Português brasileiro, a nasalização das vogais resulta do encontro de uma vogal com uma consoante nasal, independente de essa consoante pertencer à mesma sílaba, que se constitui a regra geral para que haja o fenômeno de nasalização da vogal em português, de acordo com Câmara Jr. (2014). Essa norma antecipa dois tipos de nasalização: a nasalização contrastiva ou fonêmica, por ter função distintiva, e nasalização automática ou fonética, uma vez que não distingue significados. Segundo Hoyos- Andrade (1978), existe na aprendizagem de espanhol por falantes do português a tendência a

nasalizar toda vogal seguida de consoante nasal, sendo na mesma sílaba ou em outra.

<b>Quadro 39: Nasalização das vogais</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[a,e,i,o,u]	[a,e,i,o,u] → [ã,ẽ,ĩ,õ,ũ-] / _\$
Cama Mente	[kama] [mēnte]	[kãma] [mēnti]

Em relação à nasalidade, Hoyos- Andrade (1978) versa sobre a afinidade entre o galego e o português, principalmente na evolução do comportamento das nasais e da nasalidade. Até o século XIII, ditas línguas tiveram evoluções semelhantes e conjuntas e nesse momento histórico começaram a sofrer alterações, como podemos comprovar através da perda da nasal latina intervocálica -n-, por meio de uma realização velar com nasalização da vogal anterior, como em luna > luna > lua, manu > mano > mao. Essas mudanças nas consoantes nasais começaram a diferir entre as línguas: inicialmente, a perda da nasalidade, depois a recuperação da consoante nasal, (port. vinho, gal. viño), conservação das vogais nasais em português (pão) e, de forma diferente, o galego já não apresenta essa nasalidade vocálica (pan). Ainda hoje, as vogais são apresentadas diferentemente: o português apresenta vogais com nasalidade contrastiva, enquanto o galego apresenta uma nasal intervocálica em algumas palavras sem possuir distinção fonológica, sendo delineada como uma circunstância intermediária entre português e espanhol.

Quilis (1979), ao comparar os sistemas fonológicos do espanhol e do português a fim de ressaltar seus elementos com finalidades didáticas, versa sobre a nasalidade das duas línguas, demonstrando com exemplos suas características. O autor profere sobre o sistema vocálico no tocante à nasalidade que o espanhol não apresenta problemas nessa questão porque o traço de nasalidade não é pertinente

ao sistema vocálico e seus cinco fonemas apresentam alofones em distribuição complementar, no que concerne ao fator nasal. Dessa forma, temos [ĩ, ê, ã, õ, ũ] quando /i, e, a, o, u/ se localizam entre pausa e consonante nasal ou entre duas consonantes nasais. Nas demais proximidades, se realizam como [i, e, a, o, u]. “Ejemplos: [ẽ̃ntre] entre, [mãno] mano, en posición tónica; ou [ẽ̃ntré] entré. [mãnirróto] manirroto, en posición átona. Por otro lado, [kámpo] campo, [tẽ̃nte] tente, etc. Su status fonológico es el siguiente: /éNtre/, /máno/, /eNtré/, /manirróto/, /káNpo/, /téNte/.”<sup>34</sup> (QUILIS, 1979: 05),

Para português, faz-se mister esclarecer que sobre a nasalidade são registradas posições de estudiosos que afirmam ou negam a existência de fonemas vocálicos nasais. Uns afirmam a existência de vogais nasais frente a vogais orais em português, outros contestam a existência de fonemas vocálicos nasais no Português. Em relação à não existência de vogais nasais na língua portuguesa, são citados Mattoso Câmara (1977 e 1979), apresentando as seguintes razões: a presença de uma consoante nasal impede a oposição de uma vogal nasal pura a uma vogal nasal com consoante nasal pós-vocálica; a nasalidade pode estar presente nas vogais acompanhadas de nasais e mesmo assim permanecer em sílabas diferentes, com um grau maior ou menor; a vogal nasal se comporta como sílaba travada por consoante; sílaba com nasal em coda iniciando a sílaba seguinte por vibrante interfere na realização desse som, tornando-a simples ou múltipla.

Propõe-se ao final que as vogais nasais são vogais orais seguidas do arquifonema nasal. Diante das afirmações se compara o português com o espanhol, abalizando que a única semelhança fonológica encontrada é que nos dois sistemas há somente vogais orais, tendo a disparidade localizada nas realizações fonéticas dos timbres das nasais entre ambas.

Ainda sobre o debate das vogais nasais ou nasalizadas no português, em Battisti & Vieira (2005) chegou-se a uma conclusão com base nos estudos já defendidos anteriormente, como os de Câmara Jr (1976 e 1979) que na subjacência a vogal nasal é uma sequência de dois segmentos: VN. Considera-se uma vogal nasal pura quando manifestada na superfície, isso quer dizer que, a nasalidade vocálica não interfere na composição fonológica das vogais do português. Para

<sup>34</sup> Tradução nossa: Exemplos: [ẽ̃ntre] entre, [mãno] mano, em posição tónica, ou [ẽ̃ntré] entré. [mãnirróto] manirroto, em posição átona. Por outro lado, [kámpo] campo, [tẽ̃nte] tente, etc. Seu status fonológico é o seguinte: /éNtre/, /máno/, /eNtré/, /manirróto/, /káNpo/, /téNte/.” A tradução preserva os exemplos em língua espanhola, pois sua tradução altera o sentido do texto.



Mendonça (2019), vários estudos sobre nasalização ainda são incipientes, portanto faz-se necessária a ampliação de pesquisas sobre nasalização fonética sob o viés da sociolinguística e de análises acústicas a fim de verificar com mais propriedade esse fenômeno.

Todas as vogais orais, com exceção das médias baixas [ɛ, ɔ], podem realizar-se nasalizadas<sup>35</sup>. Em espanhol ocorre a nasalização das vogais orais quando estas se realizam antes de pausa e consoante nasal ou entre duas consoantes nasais. Por isso, em outros ambientes elas se realizam orais. Vale destacar também que o grau de nasalização dos falantes realiza-se em menor grau, sendo para os brasileiros pouco reconhecível.

Barbosa (2014), sob a ótica de Navarro Tomas (1989) e Quilis (2015) e outros, realizou uma pesquisa auditiva e acústica para verificar a situação dessas vogais na atualidade para falantes da Europa e da América do Sul. Demonstraram nos resultados que a despeito das diferenças fonéticas entre o espanhol e o português brasileiro, a presença de vogais nasalizadas diante de consoante nasal na língua espanhola é mais usual do que se estimava. “Finalmente, foi mostrado, através de nossas análises, que ocorre nasalização vocálica em espanhol também em contextos não contemplados na literatura tradicional.” (BARBOSA, 2014:152).

Podemos concluir que, existia nas duas línguas a nasalidade vocálica como resquício das consoantes nasais existentes do latim clássico e vulgar, que se transportaram para o espanhol e para o português nas suas vogais. Em português, algumas palavras mantêm o registro da nasalidade em vogais, independente da sua representação estar presente na superfície. Em espanhol, a nasalidade se manifesta nas vogais com a proximidade de nasais. Todos esses fenômenos expressos são reflexos das origens latinas, que ainda estão presentes na oralidade dos dois idiomas. Essa explicação deve ajudar professores de línguas a ensinar mais adequadamente como funciona a fala da língua espanhola para falante de português, e vice-versa.

---

<sup>35</sup> Na verdade, Cristóvão Silva (2005) afirma que as vogais que se nasalizam são exatamente as vogais abertas.

<b>Quadro 40: Processos fonético-fonológicos da nasalização das vogais</b>		
Espanhol	[a, e, i, o, u] → [ã, ě, ĩ, õ, ũ]	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda da nasal latina intervocálica -n-.</li> <li>- Nasalização das vogais entre consoantes nasais, depois de pausa e antes de consoante nasal.</li> </ul>
Português	[a, e, i, o, u] → [ã, ě, ĩ, õ, ũ-]	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda da nasal latina intervocálica -n-.</li> <li>- Nasalização das vogais, independente do registro na superfície.</li> </ul>

#### 4.2.1.5 Alongamento vocálico

Esse fenômeno consiste na pronúncia de vogais com maior duração, sendo alongadas, quando estão em posição tônica. Vale salientar que a produção das vogais tônicas em espanhol tem menor duração, por isso os aprendizes brasileiros de espanhol devem ficar atentos à duração da vogal tônica em espanhol, evitando transferir o alongamento vocálico.

<b>Quadro 41: Alongamento vocálico</b>		
REPRESENTAÇÃO ORTOGRÁFICA	PRODUÇÃO DE LE	PRODUÇÃO DO ESTUDANTE DE LE
	[a, e, i, o, u]	[a, e, i, o, u] → [a: e: i: o: u:]
Cantar	[kantar]	[kanta:r]
Beber	[beber]	[bebe:r]

Sabemos que a duração das vogais era um dos componentes distintivos das vogais no latim clássico, que na transição para o latim vulgar sofreu a perda da quantidade e modificou para a distinção das vogais através da tonicidade.<sup>36</sup> “El latín clásico contaba con dos subsistemas vocálicos – el de las vocales largas y el de las breves -, y, por lo tanto, con diez fonemas de este tipo. Esta diferenciación cuantitativa se perdió en el paso del latín al romance.” (ARIZA, 2016: 22)<sup>37</sup>. O que se demonstra é que as vogais tiveram no latim como componente fonológico a duração, não apresentando hoje o alongamento vocálico como um elemento inovador, mas como um processo prosódico que emite significados.

No que diz respeito ao alongamento vocálico, podemos citar a constatação de Brisolara e Semino (2016), que verificaram a tendência a maior duração das vogais em posição tônica tanto em português quanto em espanhol. No entanto, percebemos que o alongamento vocálico ocorrido no português tem uma duração maior que o espanhol. Ao aprender o espanhol, os estudantes brasileiros costumam sofrer a interferência da língua materna ao fazer a transferência da duração da vogal tônica para a língua estudada, conforme explanam BRISOLARA & SEMINO (2014).

Essa característica também é apresentada por Brandão (2003, p. 177) sobre o alongamento vocálico, comparando a língua portuguesa à língua espanhola e ratificando que as vogais em sílaba tônica em português possuem uma maior duração. Sabemos que a duração que é uma característica do português, que pode também ser justificada pelo ritmo da língua, qualificando-a como uma língua acentual, onde se aplica a maior intensidade e duração na sílaba tônica, enquanto em espanhol, o ritmo silábico, característico do espanhol, divide a duração das sílabas igualmente. Conforme Ramírez (1998:22), “El alargamiento vocálico, presente en las vocales tónicas de muchas regiones, y de acuerdo con el sistema de la lengua española, no tien valor fonológico, sino expresivo o enfático.” Vale ressaltar que o autor também afirma sobre alongamento vocálico estar presente nas Antilhas, Chile e México, como traço estilístico.

---

<sup>36</sup> Explicações sobre a perda de quantidade das vocálica latina pode ser verificada em Ariza (2016: 23-24).

<sup>37</sup> Tradução nossa: “O latim clássico contava com dois subsistemas vocálicos – o das vogais longas e o das breves -, e, portanto, com dez fonemas deste tipo. Esta diferenciação quantitativa perdeu o passo do latim ao romance.”

<b>Quadro 42: Processos fonético-fonológicos do alongamento vocálico</b>		
Espanhol		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda da quantidade das vogais latinas.</li> <li>- Ocorrência branda na língua espanhola</li> </ul>
Português	[a, e, i, o, u] → [a: e: i: o: u:] > ā, ē, ī, ō, ū.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda da quantidade das vogais latinas.</li> <li>- Deriva da língua indutiva para a neutralização das vogais átonas em posição final.</li> </ul>

Independentemente da função do alongamento vocálico no português, essa interferência denota uma impropriedade da fala espanhola, tornando evidente a detecção de traços de inabilidade linguística por parte do aprendiz. A intenção não é eliminar traços identitários do aprendiz, porém fornecer-lhe mais dados sobre a língua almejada.

Todos os processos analisados frente aos fatos históricos fonético-fonológicos registram as implicações decorrentes das transformações linguísticas ocorridas durante os séculos. Existe uma ocorrência de mudanças entre o latim e as línguas românicas que estruturam as línguas e fornecem sons e ajustes fonéticos para organizar os inventários fonológicos. Esses processos até hoje são visíveis nos erros de alunos, estudantes de espanhol, falantes do português brasileiro. Existe um entrelaçamento entre os erros dos alunos brasileiros estudantes de espanhol na atualidade e os fenômenos linguísticos passados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As constantes indagações do professor de língua estrangeira para alcançar os objetivos condizentes com o almejado, fazem-no levar seu ofício além das amarras da sala de aula. A intuição do docente o projeta para a pesquisa em busca da resolução das dificuldades existentes no seu afazer laboral. Essa pesquisa nasceu da ausência de respostas para questões de fonética e fonologia insistentemente presentes nas produções dos alunos que traziam uma regularidade constante dos equívocos cometidos. Os erros encontrados, tão pejorativamente vistos pela pedagogia, foram o ponto de partida para um estudo que ultrapassa a linha do tempo, tornando as inadequações do presente em uma volta ao passado para o enfrentamento do futuro.

Ao refletir sobre o ensino de língua estrangeira sob o ponto de vista histórico, fomos conduzidos a raízes antigas da língua, revisitando as estruturas do latim até a composição atual da língua espanhola e da língua portuguesa através da ótica do docente-pesquisador. Inicialmente, buscamos encontrar traços de similaridade nos fatos linguísticos apresentados pelos dois idiomas na trajetória secular da língua latina e desta forma estabelecer conexões com os erros produzidos pelos estudantes brasileiros de língua espanhola como LE na atualidade.

Por meio desta pesquisa, interrogamos sobre as causas dos erros do sistema fonético-fonológico do espanhol que sucedem na aprendizagem de espanhol/LE e que geram dificuldades no ensino-aprendizagem do espanhol/LE para alunos brasileiros. Inicialmente, percebemos que a investigação aprofundada do fluxo histórico através de teorias de aprendizagem de língua estrangeira poderia trazer informações sobre o sistema fonético-fonológico do espanhol e do português que pudessem contribuir para a identificação, descrição e explicação dos erros de alunos brasileiros, visando a contribuições futuras para propostas de intervenção no ensino-aprendizagem do espanhol/LE.

Para ilustrarmos os alcances que consideramos fruto desta pesquisa, retomamos os objetivos postulados. Para tanto, a pesquisa teve por finalidade central descrever e analisar, relacionando ao desenvolvimento histórico das línguas, os erros fonético-fonológicos de alunos brasileiros de espanhol/LE através de estudo contrastivo entre o português e o espanhol a fim de contribuir com esclarecimentos

sobre as causas originárias dos erros de produção oral no ensino-aprendizagem de espanhol/LE para brasileiros.

A necessidade de estabelecer pontualmente as reflexões sobre o erro no ensino-aprendizagem através das teorias da Análise contrastiva, Análise de erros e Interlíngua contemplaram as perspectivas de observação sobre o fato linguístico no tocante à oralidade. Situamos o trabalho efetuado dentro dessas perspectivas sem, contudo, dirigir o cerne da pesquisa para qualquer delas, mas retomando os seus achados como definidos.

A análise contrastiva (AC) exige uma avaliação comparativa em contraste que nos direciona a perceber e identificar a localização dos pontos possíveis de desvios, direcionamento necessário para a condução estratégica da identificação das dificuldades que poderão vir a se tornar entraves na aprendizagem. A análise de erros (AE) traz um posicionamento mais elaborado da identificação, descrição e explicação das causas dos erros e suas decorrências para interlocução dos indivíduos, o que facilita a compreensão e a classificação dos erros, dos quais podemos afirmar que os desvios encontrados em fonética e fonologia na aprendizagem de espanhol por brasileiros são erros sistemáticos, pois devem-se à interferência da língua materna que ocorrem nas situações em que os dois sistemas se distinguem em algum dos seus aspectos: inventário de fonemas, processos fonológicos, restrições nos padrões silábicos, variações alofônicas. No nosso trabalho, consideramos que essas divergências estão atreladas à história das línguas.

O modelo da interlíngua (IL), ou seja, a língua própria do aprendiz denotada também como competência transitória que formula um sistema intermediário, nos trouxe a percepção do conceito da 'estrutura psicológica latente' na mente dos seres humanos, que inviabiliza a aprendizagem da língua ambicionada, pois se ativa uma gramática particular na tentativa da aprendizagem. Nesta pesquisa, observamos que os erros encontrados pelos pesquisadores do ensino de espanhol, tendo como LM o português, são recorrentes, isso quer dizer que, possivelmente, existe um arcabouço linguístico interno derivado da língua materna como apoio para o aprendiz, que involuntariamente é disponibilizado como suporte para substituir a carência de conhecimento. Essa estrutura psicológica latente, ora atua como sustentação para o desenvolvimento do aluno ora atua como entrave da aprendizagem dando margem à fossilização dos erros.

Essas teorias foram essenciais para o prosseguimento da pesquisa para inclusive entender as façanhas históricas que os povos antigos vivenciaram quando sofriam a invasão de outros dominadores e eram obrigados a aprender línguas novas impostas pelos conquistadores. Estamos falando da invasão românica que impôs a língua latina às populações invadidas e assim a história linguística foi construída com várias inserções de sons e variações oriundas das línguas utilizadas por essas comunidades da unidade ítalo-céltica compostas pelos sistemas linguísticos, etrusco, grego, vêneto, gaulês, lígure, sabélico, messápico e os dialetos ítálico menores, falisco, prenestino, pelígnio, volsco, mársio, marrucino, eqüiculo e sículo.

O entendimento da implantação do Latim juntamente com essas influências proporcionaram a descrição das transformações fonético-fonológicas dos sistemas linguísticos da língua espanhola e da língua portuguesa desde épocas remotas. O fio condutor da cronologia dos sons facilitou a compreensão dos erros nos tempos modernos, pois a língua movimenta-se ininterruptamente atualizando os seus significados de acordo com as necessidades históricas de cada comunidade de fala.

A identificação, descrição e contraste dos erros fonético-fonológicos dos alunos de espanhol com base no panorama histórico das línguas serve para fomentar novas perspectivas de intervenção no ensino-aprendizagem de alunos brasileiros de espanhol/LE, haja vista termos reflexos históricos que explicam a ocorrência de alterações fonéticas (metaplasmos) que ocorrem em determinadas palavras ao longo da evolução de uma língua, por adição, supressão ou modificação dos sons.

Através do trajeto que percorremos em direção ao alcance dos nossos objetivos, conseguimos chegar à algumas conclusões: i) A abordagem dos erros fonético-fonológicos atuais através do processo histórico da língua latina até o nascimento das línguas românicas trouxe uma visão diacrônica e sincrônica sobre a oscilação dos fenômenos linguísticos na composição de um quadro fonológico das línguas, espanhola e portuguesa; ii) Os erros fonético-fonológicos de aprendizes brasileiros de espanhol são reflexos dos resultados de processos linguísticos ocorridos na evolução histórica que ainda estão em processo resolutivo fonético, originando assim pontos específicos de desencontro que causam dificuldades de realizações fonéticas e fonológicas no ensino e aprendizagem de espanhol por falantes brasileiros de português; iii) Os erros fonético-fonológicos produzidos por

alunos brasileiros estudantes de espanhol estão entrelaçados entre a língua espanhola e a língua portuguesa, tendo como fonte inicial a raiz latina, que produziu fenômenos distintos de ambientes linguísticos iguais, permitidos e aceitos socialmente;

Cada um desses resultados são explicitados a seguir.

Ao abordarmos os erros fonético-fonológicos recentes evidenciados nos trabalhos relacionados à temática, evidenciamos as implicações dos processos linguísticos numa visão temporal de movimentação constante a fim da fixação de um quadro fonológico que comportasse as mutações. Por isso, podemos afirmar que os metaplasmos encontrados durante a expansão do latim até a formação das línguas românicas, são ainda fontes de movimentação subjacente e superficial da língua, que foram percebidas nesse estudo diacrônico e sincrônico que atravessaram continentes e, ainda assim, perduram na língua utilizada pelos seus falantes. A exemplo disso, ainda hoje temos resquícios da simplificação das geminadas e da mudança das assilábicas para as consoantes plenas do latim clássico, como também temos processos resultantes da perda de quantidade das vogais que alteraram o sistema acentual das línguas neolatinas e aspectos que, embora estejam submersos, preservam-se na língua, como, por exemplo, a nasalização de ditongos.

Existe toda uma estrutura sustentada pela tradição fonética e fonológica, principalmente binária, que sedimenta os lugares dos sons na grade distributiva dos sistemas linguísticos, que ao movimentar-se sugere a adição, a supressão e o apagamento de fonemas e sílabas, sendo assim permite a criação de sons substitutos dos espaços sonoros antigamente ocupados por outros reminiscentes. Os erros dos alunos brasileiros vêm justamente apontar esses lugares que estão causando dificuldades e que verdadeiramente foram ou são problemas da história linguística, como os fonemas sibilantes e suas representações gráficas, tanto no espanhol como no português, o nascimento do fonema /v/, as africadas e seu serviço vinculado aos alofones, como um processo de transição linguística, dentre outros. Essa apreciação sob a ótica histórica torna os sujeitos, nesse caso, os alunos, parte do processo de transformação linguística, vivenciando as mudanças ocorridas desde o latim vulgar na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Dessa forma, podemos afirmar que os erros fonético-fonológicos de aprendizes brasileiros de espanhol são vestígios dos processos linguísticos



ocorridos durante a evolução histórica, tais como: abertura das vogais médias, harmonia vocálica, neutralização das vogais átonas em posição postônica final, nasalização das vogais, alongamento vocálico, produção de /b/, /d/, /g/ como oclusivas em lugar de fricativas, inserção de epênteses vocálicas ante encontros consonânticos formados por uma oclusiva, fricativa ou nasal em coda, ditongação de nasais em posição de coda, sonorização da fricativa /s/, palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ e vocalização de /l/ em posição de coda.

Todos esses são fatos da língua portuguesa e da mesma forma são procedimentos incorretos na fala de aprendizes da língua espanhola, ou seja, os desencontros trazidos do latim vulgar na transformação das línguas românicas criaram dificuldades de aprendizagem de espanhol por falantes brasileiros de português; coincidentemente, os erros estão na linha de separação das línguas estudadas.

Poderiam ser apenas fenômenos de reestruturação das línguas frente as incidências de situações externas, colisões com línguas díspares e reformulações sociais, porém esses fenômenos são corroborados nos erros dos estudantes brasileiros ao aprender a língua espanhola, pois se apresentam justamente nas dificuldades que os alunos têm em comum, inabilidades pontuais na realização de mecanismos articulatórios que favorecem as inadequações na produção oral.

Por fim, o entrelace dos fenômenos justificam as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da competência oral e nas outras competências em decorrência dos problemas enfrentadas por alunos brasileiros de espanhol, tendo os erros fonético-fonológicos ocorridos em ambientes linguísticos semelhantes com fenômenos diferentes para cada língua, que acertadamente têm influência e anuência externa dos povos que sugeriram e aceitaram as mudanças.

As possibilidades de realização dos fenômenos permitidos e legitimados socialmente em função da mobilidade da língua na história provoca adaptações variadas. Independentemente de ter nascedouros iguais, deixaram marcas e vinculações que vão além da proximidade da língua materna. Essa permissão de mudança de sons em ambientes linguísticos iguais sobreposta à aceitação das línguas impostas, tomaram vertentes diferenciadas que sugeriram na atualidade um desencontro que ao invés de favorecer a aprendizagem de espanhol por brasileiros, criam pontos nevrálgicos, causando erros nas produções orais.

Portanto, podemos afirmar que os estudos realizados nessa pesquisa apontam para o fato que as relações entre as duas línguas, tanto sincrônica como diacrônica, têm um profundo entrelaçamento de fenômenos, já observados como causas das dificuldades apresentadas por estudantes brasileiros na aprendizagem do Espanhol/LE, cujas raízes são históricas.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, R. C. **El español a través de los tempos**. Madri: Arco/libros, 1997.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Latina: Curso único e completo**. São Paulo: Saraiva, 2000.

ARIZA, Manuel. **Fonología y fonética históricas del español**. Madri: Arco/libros, 2016.

BARBOSA, Maria Silvia Pereira R-A. **A nasalidade vocálica em português e em espanhol**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/123254>>. Acesso em: 22 Dez. 2018.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BAZZAN, M. A. T. **As vogais médias na interfonologia português-espanhol**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

BAGNO, M. **Gramática histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: UnB, 2007.

BASSETO, B. F. **Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas**, v. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BEUX, E. B. S. **Descrição da interlíngua português-espanhol no desempenho de formandos dos cursos de turismo e hotelaria do IFAL- Campus Maceió: o aporte das teorias Linguísticas e pressupostos de ensino-aprendizagem de LE**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas. Maceió.

BISOL, Leda. **A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica**. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v31n1/0102-4450-delta-31-01-00185.pdf>>. Acesso em 17 fev. 2019.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre, EDIPUC-RS, 2005.

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. (Orgs). **Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1988, pp.75-93.

BRISOLARA, L.; SEMINO, M. J. **¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: ejercicios prácticos**. Campinas, SP: Pontes editores, 2016.

BRISOLARA, L.; SEMINO, M. J. **El portugués “infiltrado” en el español en seis dimensiones de la lengua**. XVII Congreso internacional asociación de lingüística y filología de américa latina (ALFAL 2014) João Pessoa - Paraíba, Brasil, 2014. Disponível em <<https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0090-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

BRISOLARA, L. B. A produção escrita em espanhol por universitários brasileiros: análise da interlíngua. In: DUTRA, E. de O. & Simioni, T. (Orgs.). **O ensino de espanhol: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Pontes Editores, 2017.

BRANDÃO, L. R. **Yo hablo, pero... ¿quién corrige? a correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros**. 2003. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

CACHERO-LASECA, A.M. **La enseñanza del español en el sistema educativo brasileño o ensino do espanhol no sistema educativo brasileiro**. Brasília: Thesaurus, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**. Campinas, Edição do autor, 2002.

CAMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 46<sup>o</sup> ed. -Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CAMARA JR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2º ed. - Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CAMARA JR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 4º ed. - Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CANO, R (coord.). **Historia de la lengua española**. 2º ed - Barcelona: Ariel Letras, 2018.

CARVALHO, Kelly Cristiane H. P. de. **Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol**. 2004. Tese (doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2004.

CHOMSKY. **Aspectos of the theory of syntax**. Cambridge, MA.: MIT Press, 1965.

CHOMSKY; HALLE, M. **The sound Pattern of english**. New York : Harper and Row, 1968.

CODER, S.P. **The significance of leaners erros**. IRAL, 1967.

CORTÉS, M. **Didáctica de la prosódia del español: la acentuación y la entonación**. Madrid: Edinumem, 2002.

COSTA, Rossana S. **A produção da lateral // por alunos de espanhol/le**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linuística Aplicada). Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

COUTINHO, Ismael de L. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

CRISTÓFARO SILVA; BARBOZA; GUIMARÃES; NASCIMENTO. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012.

DIAS, Eva, C. O. **Produção do yeísmo em falantes nativos de espanhol e aprendizes brasileiros: um estudo a partir de análises acústicas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

D'INTRONO, F.; TESO, E.; WESTON, R. **Fonética y fonología actual del español**. Madri: Catedra, 2010.

DURÃO, A. B. (Org.). **Linguística contrastiva: teoria e prática**. Londrina: Ed. Moriá, 2004.

DURÃO, A. B. **Análisis de errores en la interlengua de lusohablantes aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. Londrina: Editora da UEL, 2004.

ELIA, S. **Preparação à Linguística Românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 2004.

FANJÚL, A. & GONZÁLEZ. **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FARIA, E. **Fonética Histórica do Latim**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

FERNÁNDEZ, J. G. **Panorama de la fonología española actual**. Madrid: Arco/libros,S.L, 2007.

FERNÁNDEZ, J. G. **Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica**. Madrid: Arco/libros, S.L, 2015.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. **Errores de desarrollo y errores fosilizables en el aprendizaje del ELE: tratamiento didáctico**. 1995. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/asele/pdf/06/06\\_0146.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/06/06_0146.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2014.

GERHARDT, Tatiana E; SILVEIRA, Denise T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 15. Jul. 2019.

GONZÁLEZ, J. **El análisis contrastivo: historia y crítica**. Valencia: LYNX, 1995.

GONZÁLEZ, N; KULIKOWSKI, M. Z. Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. In: **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**, 9, 1999.

GONÇALVES, C. A.; BELCHOR, A.P. **Fonologia histórica do português**. Campinas, SP: Pontes, 2017.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUIMARÃES, F. I. **Aquisição do português como L2 por falantes de espanhol: uma experiência com o modelo de ontogenia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo.

HERRERO, Maria Antonieta A. **Variedades del español de América: una lengua y diecinueve países**. Brasília: Embajada de España. Consejería de Educación, 2004.

HALLE, M. **Conceitos básicos de fonologia: novas perspectivas**. Petrópolis, LEMLE & LEITE (ed). Ed. Vozes, 1970.

Hoyos-Andrade, R. E. **El vocalismo del español y del portugués: estudio contrastivo fonético-fonológico y sus implicaciones pedagógicas**. 1978. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/138142>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

IRIBARREN, M.C. **Fonética y fonología españolas**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.

JANSON, T. **A história das línguas: uma introdução**. Tradução Marcos Bagno. - 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

KULIKOWSKI, María Zulma Moriondo; GONZÁLEZ, Neide Therezinha Maia. Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. In: **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, IX**, Brasília: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil, p. 11-19, 1999.

LADO, R. **Lingüística contrastiva: lenguas y culturas**. Madri, Ed. Alcalá, 1973.

LAPESA, R. **História de la lengua española**. Madri: Gredos, 1981.

LÓPEZ, S. F. Errores e interlengua en el aprendizaje del español como lengua extranjera. In: **Didáctica**, 7, 203-216, Servicio de Publicaciones UCM, Madrid, 1995.

LLORACH, E. A. **Fonología Española**. Madri, Gredos, 1981.

MACHRY DA SILVA, S. **Aprendizagem fonológica e alofônica em L2: percepção e produção das vogais médias do português por falantes nativos do espanhol**. 2014. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARTÍNEZ CELDRÁN, E. & FERNÁNDEZ PLANAS, A. M. **Manual de fonética española**. Barcelona; Ariel, 2007.

MASIP, Vicente. **Fonología y ortografía españolas: curso integrado para brasileños**. Recife, Bagaço, 2001.

MASIP, Vicente. **Gramática histórica portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo**. São Paulo, EPU, 2003.

MASIP, Vicente. **Gramática española para brasileños: fonología, ortografía e morfosintaxis**. São Paulo: Parábola, 2010.

MASIP, V. **Fonologia, fonética e ortografia portuguesas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.



MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico - fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MENDONÇA, Ana Maria Santos de. **A nasalização fonética de vogais átonas em Alagoas: uma análise sociolinguística**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

MILANI, E. **Gramática de español para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MIGNONI, R. P. L. **A transferência e a aquisição das vogais espanholas /e/ e /o/ em substantivos e adjetivos por falantes universitários brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

OLIVÉ, D. **Fonética para aprender español: pronunciación**. Madri: Editorial Edinumm, 1999.

OLIVEIRA, Aline V. H. B. **Estudo Fonético-Fonológico Contrastivo entre a Língua Portuguesa Falada no Brasil e a Língua Espanhola**. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, UFAL, Maceió.

PÉREZ, A. S. **Los métodos en la enseñanza de idiomas: evolución histórica y análisis didáctico**. Madri: SGEL, 1997.

PÉREZ, A. S. **Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera**. Madri: SGEL, 1992.

QUILIS, A & FERNÁNDEZ, J. **Curso de fonética y fonología españolas para estudiantes anglo-americanos**. Madri: C.S.I.C., 1971.

QUILIS, A. **Fonética histórica e fonología diacrónica**. Madri: UNED, 2016.

QUILIS, A. **Principios de fonología y fonética españolas**. Madri: Arcos/libros, 2015.

QUILIS, A. **Tratado de fonología y fonética españolas**. Madri: Gredos, 2005.

QUILIS, A. Comparación de los sistemas fonológicos del español y del portugués. In: **Revista de filología española**. Madrid, 1979, nº 68: 33-65.

RAMÍREZ, María V. **El español de América I: Pronunciación**, Madrid, ARCOS/LIBROS S.L,1998.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA. **Nueva gramática de la lengua espanhola**. Madrid, Espasa, 2011.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA. **Ortografía de la lengua española**. Madrid, Espasa, 1999.

SAID ALI. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: melhoramentos, 1966.

SANDES, E. I de A. **Estágios de interlíngua: estudo longitudinal centrado na oralidade de sujeitos brasileiros aprendizes de espanhol**. 2010. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS. G. R. dos. **Percepção e produção das vogais médias do espanhol por falantes do português brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

SANTOS, G. R. & RAUBER, A. S. Percepção e produção das vogais médias do espanhol/LE. In: ALVES, U. **Aquisição fonético-fonológica de língua estrangeira: investigações Rio-grandenses e Argentinas em Discussão**. Campinas/SP: PONTES Editores, 2016.

SEDYCIAS, J (Org). **O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SELINKER, L. **Interlanguage**. Malasya: Longman, 1972.

SILVA, Kátia C. D. da. **Ensino- aprendizagem do espanhol: o uso do interlingüístico das vibrantes**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SILVA, T. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

SILVA, T. **Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo, Contexto, 2005.

SKINER, B. F. **Verbal Behaviour**. New York: Appleton, 1957.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins fontes, 2007. Trad. Celso Cunha.

TOMAS, T. N. **Manual de pronunciación española**. Madri, grafipen, 1989.

VÁSQUEZ, G. **El concepto del error, estado de la cuestión y posibles investigaciones**. Actas del congreso de la lengua española. Madrid: Instituto Cervantes, 1994.

ZÁGARY, M. **Fonologia diacrónica do português**. Juiz de Fora: ed. Da Universidade, 1988.